



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA

MARIA CINTHIA PIO DE OLIVEIRA

**Morte, mortos e *agouros* na cosmologia católica do povoado de
Pelo Sinal, Solidão-PE**



Recife
2023

MARIA CINTHIA PIO DE OLIVEIRA

**Morte, mortos e agouros na cosmologia católica do povoado de
Pelo Sinal, Solidão-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mísia Lins Reesink

Recife
2023

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira, Maria Cinthia Pio de.

Morte, mortos e agouros na cosmologia católica do povoado de Pelo Sinal, Solidão-PE / Maria Cinthia Pio de Oliveira. - Recife, 2025.
116f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2023.

Orientação: Mísia Lins Reesink.

Inclui referências.

1. Cosmologia católica; 2. Morte; 3. Agouros; 4. Imagens-afeto.
I. Reesink, Mísia Lins. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARIA CINTHIA PIO DE OLIVEIRA

**Morte, mortos e agouros na cosmologia católica do povoado de
Pelo Sinal, Solidão-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Mísia Lins Reesink (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Andréia Vicente da Silva (Examinadora externa)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

À memória de Cícero Pio de Oliveira, meu pai,
e de todas as almas que por aqui passaram.

AGRADECIMENTOS

Existe uma imagem que me habita e que me faz almejar aquilo que sigo me tornando: eu, na casa de minha infância, escrevendo sobre um papel cada letra do meu nome conforme me ensinava, pacientemente, a minha irmã mais velha. Nunca esqueço. Imbuída, assim, do poder maravilhoso da leitura e da escrita cresci pensando que professora era o que eu queria ser. E, por isso, agradeço especialmente à Heide, essa irmã-mãe que, elogiada pelas suas professoras que também foram minhas, cultivou-me o orgulho e a vontade de aprender. Agradeço à Daniella, também irmã, pelos incentivos de sempre. Dela lembro o dia em que me explicou o que era uma universidade pública, esse lugar enorme para onde se ía depois da escola, mas que, apesar de ter sido “feito pra gente pobre”, só ricos conseguiam entrar. Não foi animador, mas entendi o recado e evitei tomar aquela desvantagem para mim. Agradeço à Kalline, a irmã casula, que ensinou a ousadia de ser o que se é. Agradeço à Luzia, minha mãe, pelas orações e pelo trabalho de uma vida inteira dedicado a nossa família. Eu não teria conquistado nada, do que hoje me orgulho, sem a coragem dela. Ao meu pai (em memória), dedico esse trabalho em agradecimento pelo tempo que pude tê-lo e conhecê-lo. Agradeço, ainda, aos pequenos galinhos, meus sobrinhos: Manuba, Aninha, Antonino e Nicolina, cujas existências me fazem olhar com amor e fé para o futuro.

Agradeço, com honra e admiração, à minha orientadora Mísia Lins Reesink, que me ensinou de várias maneiras como confiar naquilo que penso e escrevo. O caminho ainda é longo, mas se faz mais satisfatório depois dela. Agradeço aos queridos e queridas colegas do PPGA-UFPE, sobretudo Alexandre Teixeira e Neilton Felix, com os quais aprendi muito sobre companheirismo na academia. Agradeço aos professores e professoras da UFRPE, Josias Vicente de Paula, Júlia Benzaken, Rosa Aquino e Filipe Sodré, que me explicaram, através das Ciências Sociais, parte do amor e do senso de justiça que busco cultivar em mim e na minha relação com os outros. Agradeço à Duda Alves e a Caio Zé, presentes recifenses. Agradeço à Nelma Katalline e a João Benjamim, pela vida e sabedoria a mim confiadas. Agradeço à Uilma Queiroz, Maria Samara, Mayara Libânia e Thaynnara Queiroz, minhas conterrâneas, referências na poesia, inteligência e trajetória. Perto delas, foi mais fácil lidar com a lonjura de casa. Agradeço à Fabi e à Nathália, pela amizade e acolhimentos sinceros, assim como, agradeço, emocionada, à Whodson Silva, que povoa os meus sonhos de antropóloga.

Agradeço imensamente aos que me receberam na comunidade de Pelo Sinal. Os nomes

são muitos e cada um(a) sabe de minha gratidão, mas menciono, especialmente, João, Dilma, Dona Raquel, Seu Emídio, Nalva, Dona Quitéria (em memória), Dona Lúcia, Dona Socorro, Chiquinha, Ti Raimundo, Clecinho, Cristiano, Jackeline e Ti Tôin, que me foram, porque me são, uma verdadeira família.

Por fim, enfatizo a importância das políticas públicas para educação vigentes no governo Lula, pois a elas devo o meu acesso e minha permanência na universidade. Pela valorização da ciência em nosso país, agradeço o incentivo do CNPq, o mínimo fundamental ao aprendizado e realização desta pesquisa, sobretudo, em meio a uma pandemia devastadora.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma reflexão etnográfica acerca da relação da ideia de superstição e aquilo que classificamos, a priori, como “agouros” de morte, no contexto da comunidade católica de Pelo Sinal, povoado de Solidão, Sertão do Pajeú-PE. E tem como objetivo compreender os significados atribuídos aos agouros a partir da lógica das concepções e práticas sobre a morte, assim como, das relações entre os sujeitos vivos e os mortos existentes nessa comunidade. Parte-se do princípio de que a morte, como um fenômeno sociocultural, não significa a ruptura das relações entre os sujeitos vivos e os mortos, uma vez que é a partir da memória que permanecemos ligados a estes. Na perspectiva de uma cosmologia católica, essa memória pode ser compreendida a partir de sua interconexão com outros elementos, como a saudade, o tempo, o espaço e os ritos que, justapostos, formam um complexo cognitivo/afetivo que permeia essas relações (Reesink, 2010; 2012). Assim, os sentidos atribuídos ao fenômeno da morte partem dos afetos concretos daqueles que os vivenciam, variando conforme as experiências dentro de realidades compartilhadas. No entanto, muitas das crenças e práticas que constituem essas relações são desconsideradas, ou consideradas fora de seus contextos, em função de uma racionalidade que reproduz padrões etnocêntricos clássicos (Kuper, 2008), o que repercute nas formas como são representados determinados contextos religiosos territorialmente situados, como é o caso dos catolicismos praticados nos interiores, nas margens ou nos sertões do Brasil. Na contramão de discursos meramente racionalistas, em Pelo Sinal, é possível observar uma cultura de morte onde se manifestam não só narrativas, como também experiências sobre “agouros”, os quais, tidos como “superstição”, reaparecem atualizados na categoria dos “avisos”. Avisos, enquanto experiências que demandam uma ação simbólica e reflexiva dos sujeitos, estão incorporados a um sistema de comunicação com os mortos e sobre a morte, do qual também fazem parte as “relações de reciprocidade” (Reesink, 2009; Mauss, 2003). A dinâmica desse sistema produz um repertório de imagens acerca da morte e dos mortos que, uma vez vividas, elaboradas e compartilhadas, se traduzem na realidade dos sonhos, visões, sinais e pressentimentos, categorizados aqui de “imagens-afeto”, a partir das quais é possível gerenciar as angústias decorrentes da certeza da morte diante da sua imprevisibilidade.

Palavras-chave: Cosmologia católica, Morte, Mortos, Agouros, Imagens-afeto.

ABSTRACT

This work consists of an ethnographic reflection on the relationship between the idea of superstition and what we classify, a priori, as omens of death (*agouros*), in the context of the Catholic community of Pelo Sinal, a village in Solidão, Sertão do Pajeú-PE. The aim is to understand the meanings attributed to "omens" based on the logic of conceptions and practices about death, as well as the relationships between the living and the dead in this community. The premise is that death, as a socio-cultural phenomenon, does not mean a break in relations between the living and the dead, since it is through memory that we remain connected to them. From the perspective of a catholic cosmology, this memory can be understood from its interconnection with other elements, such as nostalgia, time, space, and rites which, juxtaposed, form a cognitive/affective complex that permeates these relationships (Reesink, 2010; 2012). Thus, the meanings attributed to the phenomenon of death stem from the concrete affections of those who experience it, varying according to experiences within shared realities. However, many of the beliefs and practices that make up these relationships are disregarded, or considered out of context, due to a rationality that reproduces classic ethnocentric patterns (Kuper, 2008), which has repercussions on the ways in which certain territorially situated religious contexts are represented, as is the case with catholicisms practiced in the interior, on the margins or in the hinterlands of Brazil. Contrary to purely rationalist discourses, in Pelo Sinal it is possible to observe a culture of death in which not only narratives but also experiences of "omens" are manifested, which, considered "superstition", reappear updated in the category of *avisos*, that is warnings. *Avisos*, as experiences that demand symbolic and reflexive action from the subjects, are incorporated into a system of communication with the dead and about death, which also includes "relations of reciprocity" (Reesink, 2009; Mauss, 2003). The dynamics of this system produce a repertoire of images about death and the dead which, once experienced, elaborated and shared, are translated into the reality of dreams, visions, signs and forebodings, categorized here as "affect-images", from which it is possible to manage the anguish arising from the certainty of death in the face of its unpredictability.

Keywords: Catholic cosmology, Death, Dead, *Agouros*, Affect-images.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Microrregião do Pajeú, Sertão de Pernambuco.....	23
Figura 2 – Território de Pelo Sinal, localizado no mapa do município de Solidão.....	25
Figura 3 – Mapa da Zona Rural de Afogados da Ingazeira.....	26
Figura 4 – Santinho fúnebre em memória de Maria Izabel Marques.....	109
Imagem 1 – Capela de Pelo Sinal.....	31
Imagem 2 – Vista parcial do Povoado.....	41
Imagem 3 – Procissão de encerramento da Festa da Padroeira.....	42
Imagem 4 – Culminância da procissão.....	43
Imagem 5 – Banda de pife do Sítio Jatobá, Carnaíba-PE, na Festa da padroeira.....	44
Imagem 6 – Via Sacra nas famílias e comunidade nas “Estações”.....	46
Imagem 7 – Cemitério Morada da Paz.....	66
Imagem 8 – O zelo nas relações e o parentesco impresso nos túmulos.....	69
Imagem 9 – Túmulo e memória.....	71
Quadro 1 – Estrutura da Via Sacra tradicional.....	47
Quadro 2 – Ofício das Benditas Almas do Purgatório.....	61
Quadro 3 – As palavras em <i>Lembrar Jesus</i>	78
Esquema 1 – Sistema de comunicação com os mortos e sobre a morte.....	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO 1 – O POVOADO DE PELO SINAL, SOLIDÃO-PE.....	22
1.1 Da estrutura, da população e do trabalho no povoado.....	24
1.2 Da origem do povoado e da comunidade católica.....	30
1.3 A prece e outras expressões em comunidade.....	35
2 CAPÍTULO 2 – MEMÓRIAS, AFETOS E RITOS DE MORTE NA COMUNIDADE.....	55
2.1 O acontecimento da morte.....	59
2.2 “Nós, que aqui estamos, por vós esperamos”: o cemitério Morada da Paz.....	65
2.3 Os mitos e os ritos em <i>Lembrar Jesus</i>	73
3 CAPÍTULO 3 – MORTE, MORTOS E IMAGENS-AFETO.....	82
3.1 “Agouros, e existem?”	90
3.2 “Nem agouro, nem superstição: isso daí é realidade”.....	97
3.3 A realidade dos "avisos": sonhos, visões, sinais, pressentimentos.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115

INTRODUÇÃO

O que são os *agouros*, afinal? A título de compreensão, podemos descrevê-los como eventos que predizem a morte própria ou de outrem, mas que também a perfaz, conforme busco argumentar ao longo deste trabalho, onde problematizo a sua relação com a ideia de superstição, bastante difundida pelo senso comum, seja de fora ou de dentro do meio acadêmico. Para os folcloristas do início do século XX, por exemplo, as superstições estavam relacionadas a “atos reflexos” ou “sobrevivências” de instituições “primitivas”, embora, ao que parece, os ditos *agouros* possam demandar uma ação simbólica e reflexiva dos sujeitos vivos, à medida que seguem presentes em experiências individuais e coletivas. Ventilando essa hipótese, realizei entre os anos de 2021 e 2022 uma pesquisa etnográfica junto à comunidade católica do povoado de Pelo Sinal, em Solidão, uma das dezessete cidades que compõem a microrregião do Sertão do Pajeú (Imagem 1), no estado de Pernambuco. A pesquisa teve como objetivo compreender os significados atribuídos por esta comunidade aos, assim classificados, *agouros*, presente em relações familiares específicas e em circunstâncias relativas à morte.

Adentrei o tema não à toa. Sendo minha família oriunda de um sítio muito próximo do povoado, são de lá minhas primeiras impressões sobre a morte e os mortos, já que velórios e “sentinelas” nunca foram tabus para nós crianças. Além disso, em função da morte de meu pai que foi velado e sepultado no cemitério local, em janeiro de 2017, coincidiu de eu “prestar atenção” na maneira como certa ideia de *agouro* apareceu justamente em seu velório. Assim, assumo este tema bastante influenciada pelo acontecimento de sua morte, cujo dano e afetação refletiu na forma como me projetei, me inseri e me fixei no campo de pesquisa. E, para melhor ilustrar meu objeto de reflexão, segue uma ideia do que viriam a ser, ou fazer, tais *agouros*.

O meu pai foi velado na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no centro desse povoado, em presença de amigos, familiares e outras pessoas, para mim, desconhecidas. Em dado momento, foi possível observar os gestos de algumas delas que, além dos olhares expressivos de lamento, infligiam toques discretos no corpo do morto. Mais tarde ouvi de familiares o que eu já havia presumido a partir dos cochichos ao longo do velório que corroboravam com o meu próprio imaginário: se o corpo do morto está “mole”, é morte certa de algum parente.¹ Sendo este o caso do corpo do meu pai, gerou-se certa especulação íntima

¹ A noção de parentesco ganha, aqui, uma conotação mais abrangente do que aquela relacionada à consanguinidade, podendo se estender a amigos, vizinhos, colegas ou conhecidos, próximos ou distantes geograficamente. De modo que essa noção envolve uma relação de afinidade cuja natureza pode variar, conforme as especificidades do contexto sociocultural trabalhado.

sobre quem, dentre os nossos, poderia estar próximo da morte. Desconfiaram de uma tia, irmã mais velha de meu pai, a qual, por sua vez, desconfiou de si própria, tendo em vista a idade avançada e os últimos adoecimentos. Pelo que percebi, nada disso ocorreu sem algum grau de dúvida por parte das pessoas envolvidas, mas não deixou de me intrigar o fato de que essas “narrativas” permanecessem presentes a mobilizar um grupo de pessoas em circunstância tão particular, apesar de uma imaginação ocidental que nega certas sensibilidades (Kuper, 2008). Caso é que, passado um dia do enterro, morre o sobrinho e amigo de meu pai que vinha lidando, em São Paulo, com problemas de saúde, mas sem que se esperasse tão cedo a sua morte. Associados os dois acontecimentos, o dito *agouro*, assim, concretizou-se.

Tomo a experiência como ponto de partida deste trabalho me perguntando de que maneira os afetos, que parecem algo individual, incidem nas percepções coletivas da morte ou são influenciados por estas. Isto porque muitas das crenças e práticas construídas e elaboradas a partir das relações entre os vivos e os mortos, e as memórias que elas implicam, são desconsideradas ou são consideradas fora dos seus contextos, o que repercute nas formas como são representadas determinadas expressões religiosas territorialmente situadas, como é o caso dos catolicismos praticados nos interiores, nas margens ou nos sertões do Brasil.² É certo que a ideia de “primitivo”, para designar uma sociedade e sua “mentalidade”, está atrelada a teorias e paradigmas que hoje não se sustentam metodologicamente, mas seguem atravessando as relações humanas e a interpretação destas. Pois, de acordo com Kuper (2008), isso não é sem propósito: o “outro” é bom para pensar à medida que se torna um espelho de distinção para as sociedades cujos critérios de cientificidade e razão preponderam.

Assim, construindo um quadro sobre a morte e os mortos na comunidade católica no povoado de Pelo Sinal, o objetivo geral da pesquisa foi compreender os significados atribuídos aos *agouros* a partir da lógica das concepções e práticas sobre a morte e as relações que daí se estabelecem. Para tanto, busquei: a) descrever e refletir como, quando e por quem os *agouros* e as práticas fúnebres são transformados em superstições; b) descrever e analisar as práticas fúnebres locais; e c) analisar e interpretar o papel da noção de *agouro* na organização da memória dos vivos sobre os mortos.

² Referimo-nos a obras literárias, audiovisuais e midiáticas sobre os sertões, numa discussão que pode ser encontrada em Muniz (2018) e Moreira (2018), no âmbito da comunicação social e dos imaginários difundidos em meio a discursos modernizantes. Ainda, Sena (2010) aborda essa questão ao problematizar a imaginação social brasileira naquilo que se constitui como “narrativa mítica do sertão”.

Pressupostos teóricos

Os *agouros*, categoria difundida pelos estudos do folclore³ e presentes nas narrativas e experiências do campo em questão, se referem a manifestações relacionadas à morte ou aos mortos e sua evocação pressupõe ou atrai determinados acontecimentos funestos. Pensando na forma como, em campo, as categorias nativas se confrontam com percepções preestabelecidas, tanto pela literatura consultada, como pela própria pesquisadora, e percebendo que os significados nativos para os *agouros* superam de maneira dinâmica e dialética os significados postos *a priori*, buscamos discutir o *agouro* como um evento social, na perspectiva de uma análise antropológica dos rituais, conforme Peirano (2002). Rituais, assim, se apresentam como um modelo para analisar eventos sociais, os quais assumem um caráter mais vulnerável ao acaso e ao imponderável do que os primeiros, mas que partilham de uma natureza similar, ou seja, rituais e eventos são fenômenos semelhantes, porém, em graus diversos. Para essa autora, eventos, assim como os rituais, põem em relevo e justificam o que já é usual na sociedade, sendo, portanto, “atos de sociedade”, que revelam as visões de mundo dominantes de determinados grupos e suas classificações implícitas entre seres humanos, humanos e natureza, humanos e deuses.

Para uma compreensão da dimensão ritual do catolicismo brasileiro, que problematiza a ideia de uma “religiosidade popular”, partimos de Reesink (2013). Para essa autora, ao mostrar as inconsistências metodológicas e conceituais do termo “popular”, frequente na literatura das ciências sociais, propõe uma perspectiva “concêntrica” do catolicismo, que trata do movimento a partir do qual os fiéis interpretam e reinterpretam os discursos e as práticas convencionadas pelo centro teológico da religião, mas que os permitem transitar por várias camadas de um mesmo catolicismo e até mesmo em direção a outras religiões, sem que isto represente uma ruptura nos dogmas da igreja. Em outro lugar, Reesink (2013) discute o “complexo ritual fúnebre católico”, que agrega uma diversidade de ritos e, ainda, trata da articulação de elementos como memória, saudade, tempo e espaço, que se interconectam e se

³ A categoria de agouro no Brasil foi abordado a partir do Movimento Folclórico, no início do século XX, um conjunto de iniciativas que refletiu o engajamento de uma rede de intelectuais na defesa de “tradições populares”, compreendidas naquele momento como em vias de extinção devido os avanços tecnológicos próprios da modernidade. O movimento foi influenciado pelo Romantismo do século XVIII, através do qual as noções de “folclore” e “cultura popular” se difundiram, dado o reconhecimento intelectual de uma distância entre os modos de vida e saberes da elite em relação aos do povo, o que foi respaldado pelos inúmeros trabalhos publicados acerca da diversidade cultural. É justo no contexto da busca por uma identidade nacional que se desvinculasse dos ditames europeus e refletisse a originalidade da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que atendessem aos pressupostos de um Brasil moderno, que foi feito do “povo”, e suas crenças e práticas “populares”, uma “alteridade idealizada” (Cavalcanti e Vilhena, 2001).

apresentam como “vitais para a (re)produção e continuidades dos afetos e das relações entre vivos e mortos” na cosmologia católica. A memória aqui, caracterizada a partir dos seus “tempos e tipos”, se apresenta como um dos aspectos importantes para a construção da pessoa do morto, isto é, do “ente querido”, demonstrando como essa construção se dá por meio de uma afetividade. Afeto também foi uma categoria mobilizada com o objetivo de alcançarmos uma compreensão possível sobre os *agouros*, já que eles implicam todo um complexo de emoções que são, conforme Rosaldo (2019), “pensamentos incorporados”.

O trabalho de campo e sua dimensão ética

Compreendendo que não há antropologia sem pesquisa empírica, esse trabalho foi realizado considerando que uma etnografia abrange eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, ou seja, tudo que nos afeta os sentidos, como propõe Peirano (2014). Esses aspectos da realidade, numa pesquisa etnográfica, não são apenas dados coletados, mas questionamentos e fonte de renovação teórico/metodológica. Dessa maneira, partindo do pressuposto do que seja uma “boa” etnografia, de acordo com essa autora, buscou-se cumprir, pelo menos, três condições: “considerar a comunicação no contexto da situação”, onde não só palavras, mas silêncios e gestos que comunicam; “transformar para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo”, isto é, transformar a experiência em texto; e “detectar a eficácia social das ações de forma analítica”. Na prática, a intensidade dos acontecimentos, mesmo quando estes parecem pequenos em sua importância, vão redirecionando o caminho antes projetado.

O trabalho de campo compreendeu dois períodos: a) de junho a dezembro de 2021, quando estive de forma mais intensa e contínua no povoado de Pelo Sinal, tornando possível estabelecer relações e exercitar a observação sistemática das vivências e eventos cotidianos, assim como rituais fúnebres que compreenderam três velórios e o dia de Finados, em novembro. Além disso, pude observar várias expressões religiosas da comunidade, como a Festa da padroeira, a Via Sacra nas famílias, dentre outras; e b) de janeiro a março de 2022, uma vez que senti a necessidade de estender minha estada no campo, ainda que de forma menos intensa, para complementar a coleta de dados através de entrevistas abertas, de modo que, só assim, esse trabalho pôde tomar a forma que se apresenta. Nesse sentido, como observa Da Matta (1981, p. 153) dificilmente os ideais de estabelecer as relações em campo, cercado como é das contingências, se realizam exatamente da forma como foram projetadas.

Ao total foram realizadas 15 entrevistas entre os integrantes da comunidade católica desse povoado, dos quais 11 foram mulheres e 4 foram homens. A pessoa mais nova a ser entrevistada tinha 33 anos e a mais velha, 87, sendo a maioria composta por pessoas idosas (acima de 60 anos). Mas é preciso considerar que esse recorte de gênero e geração se deu conforme a facilidade de acesso a determinadas pessoas e situações. Enquanto mulher, tive muito mais facilidade (tempo e conforto) em acompanhar outras mulheres em suas atividades cotidianas, dentro e fora de casa, - o que se deu de outra forma no caso de os entrevistados serem homens. No que se refere aos *agouros*, especialmente, devemos eliminar a associação fácil de que são narrativas atribuídas exclusivamente às pessoas mais velhas, uma vez que crianças e adolescentes se manifestaram acerca desse tema em alguns momentos “informais” desta pesquisa. Se essa variação não está refletida no escopo das entrevistas é devido às minhas limitações de abordagem a esse grupo específico, que depende de um comprometimento ético também específico e de um referencial teórico que se distancia, em parte, deste trabalho.

Todas as entrevistas foram autorizadas, gravadas e posteriormente transcritas. As perguntas partiram do objetivo geral deste trabalho, descrito anteriormente. À princípio, eram perguntas mais genéricas, abrangentes e buscavam por um caminho viável para a construção de meu objeto, tais como: “o que significam os *agouros* pra você?”, “como ocorre um *agouro*?”, “o que você pensa sobre superstições?”, “existe alguma relação entre superstição e *agouros*?”, “a partir de suas experiências, o que significa a morte ou os mortos para você?”, etc. Naturalmente, em conjunto com os interlocutores, essas perguntas foram sendo reelaboradas, especificadas e redirecionadas a cada entrevista, à medida que iam surgindo novos temas e que novas categorias foram exploradas e aprofundadas, conforme se repetiam nas concepções nativas. Ao dar início às entrevistas, foram feitos comentários introdutórios sobre a pesquisa, sobre o tema, sobre o porquê de eu estar realizando naquele local, e não em outro. Essas considerações foram baseadas na minha própria experiência sobre a morte e no meu próprio entendimento sobre *agouros*. O que, de certa forma, conferiu às entrevistas um caráter de compartilhamento mútuo de afetos, possibilitando que as pessoas se sentissem mais à vontade para falar sobre suas próprias experiências, ou mesmo sobre a ausência delas. Outras perguntas que diziam respeito às práticas relacionadas à morte e às relações entre os vivos e os mortos, foram realizadas conforme o direcionamento das falas de meus interlocutores e a partir das observações das práticas, como os velórios, missas e demais expressões religiosas.

No que se pôde perceber, inicialmente e em diversos lugares na região, não só dentro do povoado, a menção aos *agouros* se dava de formas e contextos variados e nem sempre eram

aparentes. Devido a esta pesquisa, por exemplo, tal tema se tornou naturalmente mais recorrente, pois, do contrário, ele permanecia na intimidade dos lares ou em conversas eventuais, fortuitas. Nesse movimento, a noção de superstição parecia atrelada aos *agouros* como uma forma genérica de compreendê-los, ou porque estes se explicariam mais facilmente como consequência de um medo “irracional” da morte, como coisa que não se deveria “botar na cabeça” sob risco de uma “depressão”, ou, ainda, porque os *agouros* eram simplesmente “narrativas”, histórias passadas de família para família e que, se um dia tiveram algum sentido, não mais encontram correspondência com a realidade presente. Curiosamente, isso foi aos poucos mudando de forma e dando espaço para outros significados, os quais busco apresentar.

Pode-se dizer que os meus primeiros contatos em campo se deram devido às relações previamente sabidas de parentesco (primos/primas, tios/tias), a começar pelo local onde me instalei e que se travava da casa de uma falecida tia-avó que me foi disponibilizada durante os seis primeiros meses. Uma vez instalada, pude me aproximar de algumas pessoas que conheci ao acaso e que se tornaram bastante importantes para a pesquisa. Então, embora a entrada de campo tenha se dado devido às relações de parentesco, as primeiras interações voltadas para a pesquisa, propriamente dita, se deu através de pessoas que eu acabara de conhecer. Assim, as conversas informais que eu tive, inicialmente, com essas pessoas “desconhecidas”, me levaram a um recorte específico de indicações, diretas ou indiretas, sobre com quem eu poderia falar, de acordo com cada tema levantado, como sonhos, rituais e experiências sobre *agouros*; o que se configurou em falas do tipo: “a mãe de fulano me apareceu em sonho pedindo tal coisa, se quiser, pode perguntar a ele”, ou então, “quem vai saber lhe responder isso é sicrana”.

Sobre minha inserção no campo, mesmo com as pessoas desconhecidas, pude verificar, ao longo da convivência, graus variados de parentesco que, ainda que distantes, representaram uma abertura para um canal de comunicação afetiva, já que algumas pessoas verbalizavam se sentirem mais confortáveis com minha presença devido sermos “tudo família”, ou devido eu ser “filha” de pessoas da comunidade. Além disso, pelo fato de meu pai ser morto e enterrado no local, percebi uma maior facilidade para abordar o tema da morte e, principalmente, dos *agouros*, pois, como mencionei, tomei isso naturalmente como ponto de partida para as conversas e entrevistas. Para aquelas pessoas que assumiam abertamente a legitimidade dos *agouros*, só pelo fato de eu abordar esse tema elas já se sentiam seguras e colaborativas, seja porque percebiam em mim a ausência de julgamento, seja por suporem que eu também acreditava nessas “coisas”. Acreditar ou desacreditar, no entanto, nunca foi a questão, mas sim, compreender as disposições dos indivíduos e dos grupos quanto aos sentidos que atribuem a

certas crenças e práticas, como elas surgem e de forma elas estão inseridas em suas cosmovisões, isto é, nas suas formas de interpretar o mundo, orientando as ações e as relações nesta comunidade.

Para se chegar às entrevistas formais com pessoas “desconhecidas” demorou algum tempo, se comparado a alguns parentes mais próximos que também entrevistei. Com estes, iniciei as entrevistas mais rapidamente tanto pela facilidade de acesso e disponibilidade de horários, como para eu poder exercitar o diálogo sobre o tema que, por si só, trazia algumas dificuldades de abordagem, já que o assunto requer algum grau de intimidade entre as partes. Então, com aquelas pessoas desconhecidas, que me aproximei por um acaso e depois por identificação e afinidade, optei por conviver mais, por conversar sobre assuntos diversos, ouvindo-as mais do que interrogando-as. Tais vínculos foram se fortalecendo a partir das relações (próximas ou distantes) de parentesco que fomos descobrindo, mas também pelas trocas cotidianas: no mais das vezes, fui convidada para comer junto a essas famílias e, nesses intervalos, pudemos nos afinar sobre muitos temas que mais tarde foram abordados nas entrevistas formais.

Mas compreender as limitações dos interlocutores, e as minhas próprias, enquanto pesquisadora, foi um dos primeiros, e mais importante, exercícios em campo, sobretudo quando o tema é algo que a maioria das pessoas costumam evitar, conscientes ou inconscientemente, como a morte. Isso me fez questionar a necessidade de algumas abordagens, como o caso de uma interlocutora, em especial. Era sabido por todos da comunidade que determinada mulher sofria, há anos, com a morte trágica de seu único filho. À princípio, achei que deveria entrevistá-la, mas porque ela seria a pessoa “ideal” para eu me aproximar a fim de travar uma conversa sobre morte ou *agouros*? O fato de cogitar essa conversa, sem atentar para o seu contexto, não seria “exotizar” sua condição perante a morte? Por injunções éticas, perguntas desse tipo foram feitas e refeitas a todo instante. Neste caso, por um conjunto de circunstâncias indefinidas, mas que corresponde a essa rede de relações construídas no processo da pesquisa e que, posso dizer, são repletas afetos, o encontro com tal interlocutora aconteceu. Quero dizer que, experimentar objetivamente a dor de uma morte lhe posiciona de uma maneira específica diante da dor do outro, havendo nisso a abertura para uma comunicação, nos termos que Favret-Saada (2005) “involuntária e desprovida de intencionalidade”.

No curso dos acontecimentos, o maior impasse da questão ética nessa pesquisa diz respeito, creio, ao dilema entre manter o anonimato de interlocutores que hesitaram se expor

nas suas individualidades ou publicizar suas contribuições como um valor social inerente à coletividade. Durante o percurso das entrevistas, frases hesitosas como “ainda está gravando?”, ou o pedido de encerrar a gravação no meio da entrevista ou, ainda, a recusa de algumas pessoas em serem gravadas, além da demonstrar uma preocupação com a publicização de certas interpretações pessoais, é um ponto crítico que me faz questionar, enquanto pesquisadora, o nosso real poder sobre aquilo que nos confiam os interlocutores e interlocutoras em nossas pesquisas. Para dar um exemplo, existe na comunidade uma prática chamada *Lembrar Jesus*, e cuja pessoa imbuída do poder e do saber de *Lembrar* é aquela “entrega os mortos” ou “faz a passagem” daquele que morre. Tal prática é do conhecimento de todos, sendo, porém, do reconhecimento somente de alguns, já que ela, de tão impactante, é até mesmo classificada como *agourenta*, havendo nisso um juízo de valor que a desestimula.

Cuidando, assim, em evitar possíveis indisposições na comunidade, devido contradições ou divergências de opiniões, naturais no seio de qualquer grupo social, julguei necessário ficcionalizar o nome da maior parte das pessoas entrevistadas, uma vez que algumas delas apresentaram dúvidas ou hesitações explícitas em seus relatos. Por outro lado, busquei manter os nomes originais daqueles cuja atuação é publicamente reconhecida, tais como Dona Raquel, Dona Miúda, Dona Lúcia, Dona Quitéria e de Seu Emídio, tendo em vista a importância social que essas pessoas representam, enquanto referências na criação, produção e manutenção da memória coletiva da comunidade. Assim, buscando o reconhecimento da agência das interlocutoras e interlocutores em questão, e ao mesmo tempo o respeito à privacidade e ao sigilo de opiniões divergentes e, às vezes, acusatórias, mantive formas diferentes de me referir às pessoas de acordo com cada contexto, o que busquei explicitar no decorrer da escrita deste trabalho.

Os capítulos

No primeiro capítulo, “O povoado de Pelo Sinal, Solidão-PE”, discorreremos sobre a estrutura, a população e o trabalho no povoado, onde podemos visualizar a dinâmica e as interações sociais do lugar. Tratamos da origem do povoado, que remete principalmente às primeiras famílias que se instalaram enquanto uma comunidade católica que foi se desenvolvendo, a partir das festividades e práticas católicas. Destacamos ainda algumas expressões religiosas em comunidade, como: a Festa da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em setembro, na qual ocorrem missas durante nove dias, culminando numa procissão com a imagem dessa santa; a Via Sacra nas Famílias realizada na quaresma, na qual cada estação é

representada pela cada de uma família católica; a troca de presentes em função das relações de compadrio, também realizada na quaresma e que se relaciona ao Ciclo Junino; o Terço em peregrinação, realizado normalmente a partir do mês de outubro, considerado o mês missionário; a celebração do mês mariano com realização do terço diariamente na capela até a coroação de Maria, no último dia do mês; e o Terço dos Homens, que ocorre uma vez por semana na capela e se integra aos diversos eventos da comunidade. A partir dessas descrições fica evidente como a prece assume uma importância fundamental para a vida em comunidade.

No segundo capítulo “Memórias e ritos de morte na comunidade”, descrevemos como a morte se apresenta ritualmente para a comunidade católica de Pelo Sinal, para a qual a lida com a morte é necessariamente familiar e coletiva, reunindo saberes e práticas que se ancoram em tradições cultivadas desde os “antigos”. No entanto, o que parece ser uma história unificada sobre a origem e o desenvolvimento religioso do lugar ganha diferentes contornos quando adentramos as memórias sobre a morte e os mortos, mobilizadas determinadas pessoas. Assim, os “antigos” ou os “troncos velhos”, dentre outras denominações, são evocados como referenciais de tradição e identidade, variando de acordo com as experiências familiares que vão além das histórias oficiais. A relevância dessas memórias, nos ajuda a compreender como saberes e práticas específicas, às vezes, são desclassificadas no seio da própria comunidade, mas, ao mesmo tempo, estão presentes e constituem a sua cosmovisão. É o que ocorre na prática de *lembrar Jesus* que evidenciam os afetos presentes nas experiências relacionadas a morte e com os mortos.

No terceiro capítulo “Morte, mortos e imagens-afeto”, discorremos sobre alguns aspectos inerentes à cosmologia católica de Pelo Sinal, tais como: a morte enquanto um “mistério”, Deus como divindade maior a reger as relações entre dos sujeitos vivos e os mortos; e a angústia e o medo diante da morte e dos mortos. Tais elementos são discutidos a partir da questão inicial deste trabalho que buscava pelos significados dos agouros de morte na perspectiva da comunidade em questão. Descrevendo quando e como aparecem os ditos agouros, percebemos como eles foram dando lugar a outras categorias que emergiram a todo instante, fazendo deles não um todo, como um objeto, mas como parte de um sistema de comunicação com os mortos e sobre a morte, reaparecendo de maneira atualizada na “realidade dos avisos”. Esse sistema de comunicação compreende as “relações de reciprocidade”, fundamentada pelas trocas, ritos e obrigações, que demonstram uma economia de salvação dos mortos e, de certa forma, uma identidade católica entre os vivos. Os “avisos”, por sua vez, estão ligados a essas relações de reciprocidade, e compreendem um conjunto de experiências que,

uma vez vividas, elaboradas e compartilhadas, tomam a forma de sonhos, visões, sinais e pressentimentos, constituindo, assim, um repertório daquilo que chamamos de “imagens-afeto”, através das quais é possível gerenciar as angústias decorrentes da certeza da morte diante da sua imprevisibilidade.

CAPÍTULO 1 – O POVOADO DE PELO SINAL, SOLIDÃO-PE

Aos heróicos e abnegados vigários das cidadezinhas matutas, pioneiros da civilização nas “ribeiras” do Moxotó, do Pajeú, do Riacho do Navio e do Brígida, a cujo apostolado incansável se deve o milagre da unidade e da tradição cristã da terra sertaneja, continuadores que são exemplo do zêlo do Padre Carlos Cottart, cuja memória venerada o Pajeú guardou agradecido.

(Luiz Cristóvão dos Santos, 1953)

O povoado de Pelo Sinal está situado na zona rural de Solidão, um dos dezessete municípios que integram a microrregião do Pajeú, no sertão de Pernambuco. Neste estado, o território de Solidão se comunica com as cidades de Carnaíba, Afogados da Ingazeira e Tabira, mas também com as cidades paraibanas de São Francisco, Água Branca e Mato Grosso. Desde o seu nome, o sertão do Pajeú (Figura 1) – que se refere ao Rio Pajeú, maior bacia hidrográfica do estado e que faz alusão ao tupi paîé'y, isto é, Rio do Pajé –, nos dá um indicativo da formação sociocultural marcada por um forte imaginário de crenças e práticas de povos que viveram, e ainda vivem, pelas “ribeiras” do Pajeú e demais regiões. É comum, no entanto, que a história de muitas cidades sertanejas seja contada somente a partir do estabelecimento de grandes proprietários de terras ou da incursão de viajantes ligados direta ou indiretamente a uma política indigenista colonial, sendo considerados “pioneiros” e desbravadores dessas “zonas fronteiriças” denominadas de sertão e que foram sendo gradativamente renomeadas e cartografadas como freguesias, aldeias, vilas e assentamentos (Moreira, 2018). É este o caso de Solidão.

Conta-se que por volta de 1850, um homem chamado Euzébio, mais conhecido como o “bandeirante”, chegou à região em busca de minérios e se instalou nas terras que acabou por adquirir. Vinte anos depois, ele entrega as terras à filha que as vende para o paraibano Jesuíno Pereira, o qual passa a morar na localidade, em 1907, juntamente com sua família, construindo algumas casas de alvenaria e cultivando o desejo de erguer uma capela. Católico bastante que era, Jesuíno convidou, em 1910, o Padre Carlos Cottart⁴, de origem francesa e então pároco de Afogados da Ingazeira, para celebrar uma missa em sua residência. O padre, ao chegar, não contendo a impressão que lhe causara a região, proclamou: “Que solidão!” Conferindo ao lugar

⁴ Ver “Padre Carlos Cottart: um vigário do Pajeú”, de Luiz Cristóvão dos Santos (1953), obra cuja dedicatória foi reproduzida como epígrafe na abertura deste capítulo. Nela, o autor, antropólogo, sociólogo e jornalista nascido em Pesqueira-PE, no agreste, enfatiza os feitos deste padre no interior de Pernambuco ao mesmo tempo em que deixa entrever as representações acerca do sertão nesse período.

a alcunha que, para ele, significava algo deserto e isolado⁵. Somente após a morte de Jesuíno é que foi construída a capela na qual, posteriormente, colocaram uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Figura 1 – Microrregião do Pajeú, Sertão de Pernambuco



Fonte: Mapa adaptado do Sistema de Informação e Gestão da Assistência Social de Pernambuco (2018)

O município de Solidão é um dos menores do Estado no que se refere à população, estimada em pouco mais de cinco mil habitantes.⁶ Ainda que pequena, se comparada a outras cidades, Solidão, a intitulada “cidade cheia de glória”, reúne um número consideravelmente grande e variado de pessoas advindas de todo o Nordeste em função do turismo religioso ali praticado e que se deve a dois importantes locais sagrados de visitação: a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes e o Cristo Ressuscitado.

No sopé da Serra de Solidão, parte central da cidade, foi erigido, em 1948, um altar à Nossa Senhora de Lourdes. A ideia teria sido de um padre alemão, ao perceber que certa paisagem da então vila de Solidão era muito parecida com Lourdes, na época uma pequena vila

⁵ Esta versão da história é contada entre os moradores mais antigos da cidade e está disponível no site oficial da prefeitura de Solidão, sendo reproduzida no site do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/solidao/historico>. Acesso em: 21/01/2023. As qualidades de deserto e isolado é bastante representativa para pensar o próprio termo “sertão”, que subjaz certo imaginário colonial sobre as regiões afastadas das áreas litorâneas e dos centros políticos. Tal coisa repercute nas representações sobre os sertões e as dicotomias que as fundamentam e classificam como, por exemplo, litoral e sertão, tema abordado por Vidal e Souza (2015).

⁶ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/solidao/panorama>. Acesso em: 06/07/2023.

(hoje cidade) no sul da França, onde ocorreram, em 1858, aparições da virgem Maria. Guiados pelas histórias de curas e milagres decorrentes dessas aparições, pela devoção à santa ou, de maneira geral, pela fé católica, os fiéis vão à Solidão a fim de pagar promessas, acender velas, fazer pedidos e orações. Os vários degraus que levam à santa, onde muitos fiéis sobem ajoelhados, são poucos, em comparação aos mais de 1.200 degraus que levam ao Cristo Ressuscitado. Este, por sua vez, trata-se de uma grande estátua, no alto desta mesma serra, cujo trajeto para alcançá-la revive o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, tanto por essa longa escadaria, como por uma estrada íngreme. No caminho, os visitantes podem vivenciar as quinze estações referentes à Via Sacra realizada comumente no período da quaresma.

Mas as visitas tomaram grande proporção já em meados do século XX, antes mesmo da inauguração da Gruta e do Cristo. Isso porque no momento em que se foi escavar o solo para as obras de construção da gruta, minou do meio de umas pedras certa água límpida na qual foi banhada o filho de um dos trabalhadores. Essa criança, tomada por uma enfermidade que a impedia de andar, naquele instante, foi curada. Esse testemunho segue atraindo curiosos, romeiros e fiéis durante todo o ano, mas principalmente na Festa de Nossa Senhora de Lourdes, em fevereiro, no do Dia do Bacamarteiro, em agosto, e na Festa dos Romeiros, em outubro. Essas celebrações fazem de Solidão um lugar de intensa propagação da fé católica e um dos mais importantes centros de turismo religioso do Pajeú. Assim, é neste contexto social mais amplo que se insere o povoado de Pelo Sinal.

1.1 Da estrutura, da população e do trabalho no povoado

À princípio, Pelo Sinal é como tantos outros povoados existentes na região: um aglomerado urbano com um mínimo de serviços de infraestrutura para atendimento da população e que se desenvolve no entorno de um centro onde, geralmente, se localiza uma praça e uma capela. Ao redor disso, se ramificam algumas ruas em direção às demais localidades rurais ou “sítios”. No sentido da constituição política-administrativa de um município, um povoado é considerado um “distrito”, ou seja, uma divisão territorial que pode assumir uma importância de natureza variada. Para o IBGE, um povoado ainda é designado como “setor”, cujas características e estatísticas censitárias se somam e se confundem àquelas do centro urbano, político e religioso do município, ou seja, a “sede administrativa”. Isso quer dizer que informações mais acuradas à respeito das dinâmicas desses espaços, como religiosidade e

mobilidade, por exemplo, são difíceis de se verificar isoladamente, uma vez que esses dados estão inseridos nos levantamentos da “zona urbana” como um todo.

Tal coisa pode ser verificada no mapa dos setores representados pelo IBGE (Figura 2), onde Pelo Sinal aparece com a mesma densidade demográfica do centro político-administrativo do município, o que correspondente às áreas mais escuras neste mapa. Então, dizer que o povoado de Pelo Sinal, ou qualquer outro, está localizado na “zona rural” de um município tem apenas uma implicância geográfica, o que não dá conta de especificidades que ora apagam, ora delimitam, as fronteiras do rural e urbano. Assim, as configurações dos espaços rurais são muito diversas e essa observação se torna especialmente importante quando se sabe que, em Solidão, aproximadamente 68% da população vive em contexto rural (IBGE, 2021).

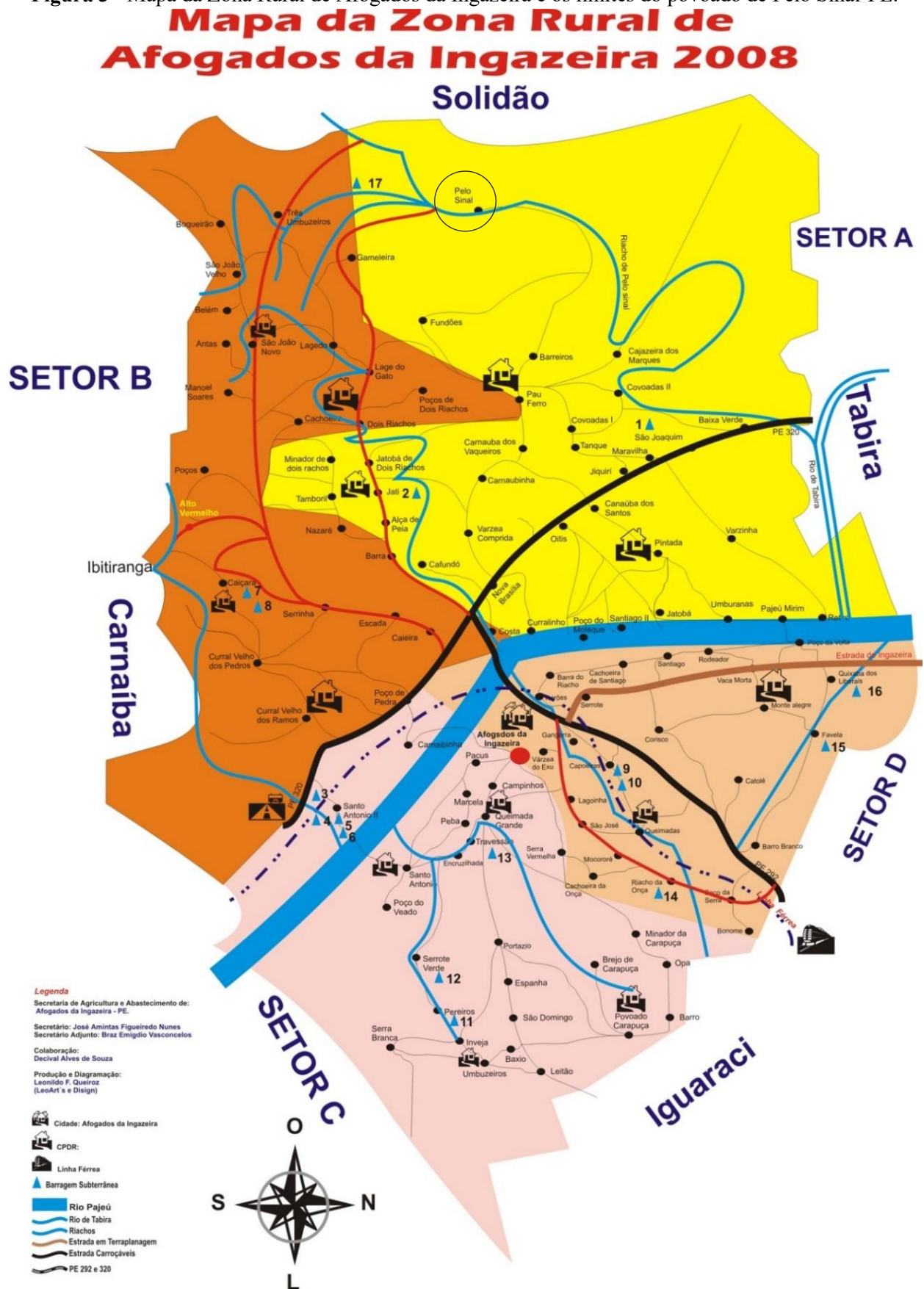
Figura 2 - Território de Pelo Sinal, localizado no mapa do município de Solidão.



Fonte: Google Earth, mapa por setores, IBGE (2021).

Pelo Sinal possui uma rua que se eleva em direção a um campo de futebol, a um posto de saúde e para a Escola Municipal Manoel Marques, culminando nas estradas que dão para outras comunidades como Três Umbuzeiros, São João Velho, São João Novo e Lajedo (distritos de Afogados da Ingazeira), ou para o centro urbano de Solidão, pela serra. No caminho oposto a esta rua, margeando o açude de Pelo Sinal e distante 1 km da praça central e da Capela, encontra-se o Cemitério Morada da Paz, e em seguida as estradas que dão para Solidão, pela pista, e outras comunidades rurais como Pau Ferro, Cajazeiras dos Marques, Covoadas, dentre outras (Figura 3).

Figura 3 - Mapa da Zona Rural de Afogados da Ingazeira e os limites do povoado de Pelo Sinal-PE.



Fonte: Coordenadoria da Defesa Civil de Afogados da Ingazeira (2008)

Em muitas das comunidades próximas, os moradores e moradoras de Pelo Sinal possuem parentes e amigos, de modo que ocorre uma interação frequente entre elas, sobretudo em função das festividades religiosas de cada local. Mas a maioria dessas famílias possuem parentes que migraram para vários lugares do país, predominantemente sul e sudeste. Estes parentes passam a visitar seus lugares de origem eventualmente, como na festa da padroeira, em caso de falecimentos e no dia de Finados. São Paulo é o destino de muitos, mas também não é incomum o retorno desses parentes migrantes que novamente se reestabelecem no povoado em busca de uma vida mais tranquila, para usufruir dos anos de trabalho e da aposentadoria. Há, no entanto, quem tenha voltado um pouco “forçado”, pois, uma vez idoso, solteiro e com tratamentos de saúde pendentes, é convencido suas pelas irmãs e potenciais cuidadoras. Assim, entre idas e vindas, no avançar das transformações, vai-se constituindo o povoado e seus arredores.

Em 2010, existiam em Pelo Sinal cerca de 350 pessoas residentes e uma população de mulheres e homens quase que equivalentes, com maior predominância de crianças, jovens e adultos, e uma população proporcionalmente menor de idosos (IBGE 2010). Porém, nos últimos 13 anos, fica evidente o crescimento populacional devido o acréscimo de novas moradias e frequentes construções, assim como o aumento da oferta e diversidade de atividades econômicas como padarias, mercados, farmácia, lanchonetes, oficinas e bares, além do trabalho nos setores da educação, da saúde e do manejo com a terra. De maneira geral, parte da população rural do Sertão do Pajeú possui um sistema de produção agropecuário que, salvaguardadas as especificidades de cada lugar, gira em torno da bovino e caprinocultura e do cultivo de milho e feijão de subsistência⁷. Atividades estas que obedecem ao regime dos rios e do volume das chuvas que se apresentam de maneira escassa, por longos períodos de estiagem e, por vezes, com chuvas torrenciais e irregulares⁸.

Quem não tem “ganho” ou um meio de vida mais estável como aposentadoria, trabalha ou “vive de roça”, comercializando os excedentes nas feiras para complementar o sustento de casa. Mas também há pessoas que “botam roça” como completo de renda e existem, ainda, aqueles que trabalham em terras de outrem, como no regime de “alugado”, mesmo que eles tenham as suas terras próprias. Nesse regime, as atividades realizadas dependem das habilidades

⁷ Se mobilizamos essa ideia de “economia de subsistência”, é que ela também foi considerada entre os interlocutores. No entanto, essa ideia pode ser problematizada a partir de Pierre Clastres (2003).

⁸ Muitas das dificuldades relativas às estiagens, fenômeno característico da região, vêm sendo gerenciadas há anos através das tecnologias de convivência com o semiárido, como é o caso das cisternas e os diferentes modos de irrigação.

do trabalhador e consistem, geralmente, em “abaixar” ou “limpar mato”, “arar” ou “brocar” a terra, práticas necessárias para o preparo do solo, do plantio e da sua manutenção até a colheita. Outras pessoas de idades variadas produzem, em suas terras ou nas da família, uma diversidade de gêneros alimentícios, como hortaliças e tubérculos, além do leite e seus derivados para consumo familiar e/ou comercialização. No entanto, muitos dos produtos agropecuários comercializados nos mercados locais, ou pelo menos em um deles, são oriundos de Petrolina, cidade do extremo oeste do Estado, considerada um polo de exportação devido às dinâmicas de agricultura irrigada, às características do solo, do clima e da presença do Rio São Francisco, contexto que possibilita produção e escoamento em escala industrial. Tais produtos são comprados na cidade de Tabira por um preço competitivo ou como diz um morador “num precinho bom, razoável” já que, “se plantar aqui sai do mesmo preço [do que se comprar] de lá”. Dessa maneira, não se planta, necessariamente, para o comércio local.

Nessa lógica de expansão comercial, uma maior lucratividade é garantida para quem detém o monopólio dos produtos e das negociações, evidenciando o estabelecimento de uma elite local que também se reproduz no âmbito da representatividade política.⁹ Mas, são nos dias de feira que se verifica a intensidade das trocas comerciais e simbólicas entre pessoas de diferentes lugares da região. Ela acontece às quartas, em Tabira, e aos Sábados, em Afogados da Ingazeira, cidades equidistantes de Pelo Sinal. Para as pessoas chegarem nessas feiras, elas se deslocam em seus transportes individuais ou em micro-ônibus particulares, nos quais são cobradas passagens que custam, em média, dez reais. Existe também a alternativa de transporte de um morador local, motorista de muitos anos, que faz a rota Pelo Sinal-Afogados ou Pelo Sinal-Tabira em dias e horários específicos. O transporte é uma F4000 coberta com bancos paralelamente dispostos, onde os passageiros sentam uns ao lado dos outros, caracterizando o que é chamado, muitas vezes, de forma jocosa, de “pau de arara”¹⁰. Nessa rotina, as pessoas adquirem alimentos, produtos para construção, para a manutenção das atividades agropecuárias, roupas e outras coisas, além das relações que são cultivadas entre parceiros de comércio, amigos e parentes.

⁹ Do povoado, algumas pessoas mais influentes “entraram” para a política, implicando numa interessante representatividade local. Um vereador falecido há poucos anos é bastante lembrado por alguns interlocutores no que se refere à sua atuação e generosidade em atender à população, principalmente nos momentos mais “difíceis”, como na doença e na morte. Existiram outras tantas pessoas “servidoras”, já falecidas, que também são evocadas com frequência nos seus atributos, por exemplo, de generosidade em vida, demonstrando, em certo sentido, de que maneira vai se constituindo a memória dos mortos e de quais valores essa memória está imbuída.

¹⁰ Basta lembrar o discurso do próprio ex-presidente Brasil, Jair Bolsonaro, em reportagem que pode ser lida em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/03/bolsonaro-chama-assessores-de-pau-de-arara-padre-cicero.htm>. Acesso: 24/06/2023.

Da população de Pelo Sinal, homens e mulheres, geralmente mais jovens, se deslocam para essas cidades também para trabalharem em fábricas de móveis ou alimentos, nos comércios locais, nas escolas ou em outros órgãos públicos. Alguns homens migram sazonalmente para outros estados devido às demandas de trabalho nos setores de construção civil e ligados a diversos tipos de plantações e safras, por períodos que podem durar três, seis meses ou mais, ao que depois retornam em seguida. Aqueles que são casados delegam à esposa o cuidado com os filhos e com a casa, atividades já praticadas por elas mesmo em presença de seus maridos, mas que se somam às múltiplas ocupações existentes como complemento de renda, ligadas, muitas vezes, à culinária, costura ou artesanato.

No que se refere à educação formal, as crianças do povoado são assistidas pela escola municipal até 9º ano do ensino regular, mas também jovens e adultos na modalidade do EJA. Para séries do ensino médio, os alunos se deslocam também em micro-ônibus, disponibilizados pela prefeitura, para cidades circunvizinhas, ou mesmo Solidão. De igual modo é para os estudantes da FASP, Faculdade do Sertão do Pajeú, instituição que oferece licenciaturas em Pedagogia, Letras, História, Ciências (Matemática) e, mais recentemente, bacharelado em Direito. Além do estudo presencial, algumas pessoas optam pelo estudo à distância, com a crescente difusão de cursos online disponibilizados por instituições reconhecidas pelo Ministério da Educação, como Educação Física e Assistência Social, ampliando a diversidade das áreas de atuação dessa população.

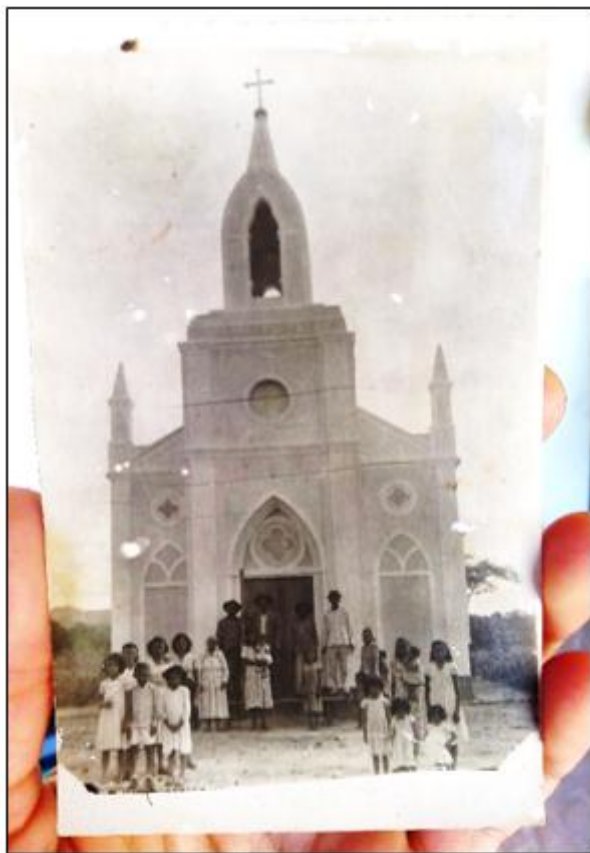
A educação no povoado foi algo de responsabilidade especialmente das mulheres, sendo hoje em dia mais diversificado. Em uma época que não se tinha professores “formados”, uma pessoa que sabia ler e escrever funcionalmente e que dominasse minimamente as quatro operações fundamentais da matemática já estava apta para alfabetizar qualquer pessoa, como relembra uma interlocutora. A educação oferecida no seio familiar era baseada nos ensinamentos religiosos, mas algumas famílias tinham condições de pagar professores de “fora”, os quais reuniam crianças em uma casa, geralmente emprestada, para que as aulas pudessem se ministradas. Com esse reforço, muitas mulheres da própria comunidade assumiam a educação de suas crianças, as quais, quando aprendiam a ler e a escrever, poderiam também “assumir uma escola”. Aos poucos, com a regularização do ensino oferecidos pelas instituições do governo, as professoras que não eram formadas, mas que queriam continuar a ministrar aulas, precisavam passar por um exame de admissão, o chamado “Logos 2”, para não perderem seu cargo.

1.2 Da origem do povoado e da comunidade católica

Pelo Sinal tem sua origem incerta, mas a existência da comunidade católica ultrapassa os 74 anos em que se comemora a Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O centro do povoado, onde foi assentada a praça e a capela, e significa um “patrimônio” para a comunidade, foi doado por Maria Pedro, viúva do patriarca da primeira família que ali se instalou e de que se tem notícia, os Pedros. Os Pedros também era nome pelo qual a localidade era conhecida, ao que passou a se chamar posteriormente de Pelo Sinal. Para os católicos, este nome se refere à persignação, gesto em que se leva à testa, à boca e ao peito a lateral do polegar direito, no momento em que se evoca a oração de proteção: “Pelo Sinal da santa cruz/ Livrai-nos Deus, nosso senhor/ Dos nossos inimigos/ Amém”. Mas a inspiração para esse nome varia nos relatos. Em um deles, imagina-se que uma cruz teria sido colocada em função da morte de algum andarilho ou habitante da região que por ali passava. Em outra versão, diz-se que certa vez passou pelo local um homem que ninguém nunca soube realmente se se tratava de “um pedinte, de um romeiro ou de uma alma”, mas que pediu água na casa dos Pedros e falou que ali deveria se chamar Pelo Sinal, ficando então esse nome.

A capela de Pelo Sinal foi construída pela ação comunitária de um padre proveniente da cidade de Afogados da Ingazeira e dos primeiros moradores e moradoras (Imagem 1), obra para a qual se realizou várias quermesses para levantar fundos em prol da sua construção, e para a aquisição da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Por volta dos anos 50, mediante a construção da capela, as pessoas da comunidade se reuniram para definir qual seria a padroeira local juntamente com o padre Antônio, primeiro pároco a se estabelecer em Pelo Sinal, quando o povoado ainda pertencia ao território de Afogados da Ingazeira. Definida a padroeira, mandaram buscar a imagem que, conta-se, “chegou de navio no porto de Recife”, devendo ser a santa oriunda possivelmente da Itália, segundo o regenerador da imagem, na fala de algumas pessoas. Quando ela chegou, ainda não se tinha terminado de construir a capela e, dessa maneira, a santa ficou na casa de Pai Belo, quer dizer, Belarmino Bezerra Belo, que se casou com a viúva Maria Pedro e que hoje tem, em sua homenagem, a praça que leva seu nome. A capela, símbolo da história e da presença católica no povoado, é o espaço onde a comunidade se reúne não só para as missas e demais atividades de seu calendário religioso, mas também para velar os seus mortos.

Imagem 1 – Capela de Pelo Sinal



Fonte: Arquivo pessoal de Clecinho

A atuação do catolicismo na formação política-administrativa das vilas e cidades sertanejas em todo Brasil se ampliou a partir de políticas e reformas estabelecidas pela Santa Sé, por volta de 1910, por meio das divisões eclesiásticas que se configuram, hoje, nas circunscrições eclesiásticas católicas. Essas divisões tiveram como objetivo a eficácia no controle dos territórios e, consequentemente, das populações, no que se refere à oficialização e unificação das práticas e dos dogmas católicos, implicando numa articulação entre igreja, Estado e sociedade (Marin, 2021). Essa atuação reverbera nos modelos paradigmáticos de paróquia e diocese¹¹ que mantém uma hierarquia dentro dessas circunscrições. É

assim que a paróquia de Pelo Sinal, antes pertencente à cidade de Afogados da Ingazeira, é administrada hoje pela paróquia de Solidão. Todas essas paróquias estão sob o domínio da diocese de Afogados da Ingazeira que administra os demais 16 municípios compreendidos no Sertão do Pajeú, incluindo as cidades de São José do Belmonte e Mirandiba, no Sertão Central.

A cada oito anos, formalmente, um padre de outra região vem se instalar na paróquia de Pelo Sinal, embora esse tempo possa variar de acordo com as decisões que não partem somente da diocese, mas também da própria relação do pároco e da comunidade. Assim, posta a relação de hierarquia administrativa e eclesiástica entre diocese e paróquia, é na dinâmica das relações entre os padres e os fiéis que se pode observar uma maior ou menor interação e influência da igreja na vida local. Conforme a fala de um jovem e experiente professor que participa ativamente das atividades religiosas, as pessoas “se apegam mais” ou gostam mais de um padre, do que de outro, quando o padre é “bom” e celebra uma missa mais “bonita”. Para ele, o intuito

¹¹ Segundo Marin (2021), uma diocese, compreende determinada área territorial e populacional, sendo uma unidade organizacional fundamental do poder pastoral que agrupa, hierarquicamente, várias paróquias, que se apresentam como subdivisões formadas por um território religioso e uma população que está subordinada eclesiasticamente a um pároco.

principal de se ir à missa deve ser “ouvir o evangelho, entender a palavra e estar mais próximo de Deus”, no entanto, sugerindo a existência de algo por trás da expressão “mais bonita”, Adriano levanta algumas possibilidades:

Seria essa interação melhor que ele tem com a comunidade? Seria ele saber explicar melhor o evangelho? (...) A gente escuta a mesma missa, o mesmo evangelho, às vezes a mesma concepção. Mas a forma de explicar, a compreensão e a forma de falar chega mais no fiel ou não faz tanta diferença, não é? A diferença quem faz é quem conduz o momento daquela prática (...). Tudo isso aproxima a comunidade e, muitas vezes, também, distancia a comunidade e os fiéis (Adriano, jan. de 2022).

Nessa direção, “nenhuma missa é igual a outra” e ao mesmo tempo em que se observa uma noção de eficácia simbólica nas percepções nativas desse ritual, que é a missa, também se evidenciam as dinâmicas entre a igreja, enquanto instituição, e a comunidade, que não deixa de reivindicar as suas práticas em nome de uma tradição agenciada pelos “antigos”, dos quais elas foram herdadas e, eventualmente, recriadas. No caso de práticas voltada para a morte, por exemplo, como o velório dentro da igreja, ou a suspensão das aulas da escola em função de morte, seriam difíceis de gerenciar em outros locais como a cidade de Afogados da Ingazeira, com seus 40 mil habitantes e suas mortes quase que diariamente. Mas a questão de escala talvez seja secundária se formos considerar os “valores” por trás do ato de “parar” perante a morte. Como trata, ainda, Adriano:

A gente diz ‘dá pra controlar, porque é em lugar pequeno’, mas imagino isso em Afogados. Se morrer uma pessoa não tiver aula na escola, lá vira um caos, porque lá com certeza morre mais gente que aqui. A gente já questionou porque isso tava se perdendo aqui, hoje por conta dessa cobrança... [de pagar as horas aulas]. A gente sabe que, se morrer, paga depois. Porque eu acho que isso é o que fortalece, porque a gente que mora em comunidade pequena como a nossa, onde todo mundo é praticamente família, se não é família é compadre, comadre, mas você tem algum tipo de ligação, se não, é amigo. As ligações são muito fortes. Não tem como você estar na escola trabalhando e alguém da comunidade morreu e você tá lá trabalhando e pensando naquela pessoa. Porque tem alguém naquela escola que é família [da pessoa que morreu]. São valores que não podem ser perdidos. Foi uma questão que a gente discutiu enquanto escola. Porque não tem condições da gente tá trabalhando e tá acontecendo um velório (Adriano, jan. de 2022).

As ligações ou as relações de parentesco e afinidade sendo muito fortes, são fundamentais quando se trata da morte e da relação entre os vivos e os mortos. Assim, a herança que os mais velhos ou os “antigos” vêm deixando sofrem mudanças, e não sem resistências, desprendimentos, negociações, conforme a fala de Joana:

É igual o padre, que queria mudar a festa de Pelo Sinal. O dia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é dia 27 de julho, então o padre queria mudar [a festa para essa data]. Só que aí, não adianta, não muda. E padre Jorge queria que não velasse mais corpos dentro da igreja. E a própria população fica pedindo pra entrar dentro da igreja o corpo. Não tá entrando agora por conta da pandemia. Mas entra, e se puder velar dentro da igreja, se vela também (Joana, jan. de 2022).

O período da pandemia foi crítico com relação aos rituais em geral (não só os de morte), e com isso demandou certa inovação nas práticas coletivas para minimizar as consequências do isolamento. Nesse sentido, o recurso audiovisual foi de grande importância, já que as missas adaptadas podiam ser transmitidas através de redes sociais, como mobilização influenciada pela Pascom.¹² Como descreve, ainda, Adriano,

as missas, nos primeiros momentos, foram canceladas todas. Com o passar da pandemia foi assim: com algumas orientações, foi vindo a missa só com o padre na igreja e o grupo de liturgia, de leitura, e uma das meninas que cantam. E a gente filmava. Nos bancos [da igreja], a gente teve a ideia de imprimir [e colocar] as fotos das famílias. A gente pediu [fotos] pra cada família da comunidade, inclusive essas famílias que moram longe, em São Paulo, que sempre gostam das missas quando vêm. Foi uma forma deles estarem presentes, de tentar se aproximar (Adriano, jan. de 2022).

Dessa maneira, formas alternativas de estar “presente” em corpo e espírito através da recriação dos rituais, não só fúnebres, funcionam como estratégia para manutenção do senso de coletividade, reunindo, ainda que virtualmente, as famílias e a comunidade na fé da igreja, assim como possibilita a mitigação dos sofrimentos gerados pelo cenário de doença, isolamento e morte no contexto pandêmico.

Os rituais e atividades católicas são as que mais mobilizam e encontram adeptos, dada a própria influência do catolicismo na formação do povoado. No entanto, o ser católico passou a ser um objeto de maior reflexão, na medida em que nos últimos sete anos o povoado passou a ter duas igrejas evangélicas (Assembleias de Deus) as quais, além dos cultos tradicionalmente realizados, organizam encontros no espaço público para um número cada vez maior de pessoas provenientes do povoado, dos arredores ou mesmo cidades vizinhas. Nessa direção, a relação entre a comunidade evangélica e a católica aparece com mais evidência em função desses

¹² A Pascom, ou Pastoral da Comunicação, é um serviço pastoral que visa dinamizar as ações comunicativas da igreja referente à evangelização. De acordo com o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (2014) a Pascom tem como objetivos: promover o diálogo e a comunhão das diversas pastorais; capacitar os agentes de todas as pastorais na área da comunicação, especialmente a catequese e a liturgia; favorecer o diálogo entre a Igreja e os meios de comunicação; envolver os profissionais e pesquisadores da comunicação nas reflexões da Igreja e desenvolver as áreas da comunicação, como a imprensa, a publicidade e as relações públicas. Em Pelo Sinal, isso se dá através do trabalho de um dos integrantes da comunidade, que registra as missas com material próprio e as publica no Facebook da paróquia. Essas ações se mostraram ainda mais importantes durante a pandemia.

eventos, quando uma e outra comunidade solicita e reserva a praça com tal objetivo. Assim, se estabelece um convívio protocolarmente respeitoso entre as duas, ainda que as percepções dos católicos, com os quais convivi, sobre os evangélicos, sejam explicitadas sempre que oportuno, no que se refere às diferenças essenciais entre as duas “leis”.¹³

Em diálogo com uma interlocutora sobre o estabelecimento de outras igrejas no povoado, ela enfatiza achar “até bonito” os ritos evangélicos, mas a eles não “acrescenta”. Ou seja, perante os convites frequentemente recebidos, ela evita se envolver nos cultos evangélicos em respeito à sua própria lei, a igreja católica. Além disso, por ter um filho evangélico, bastante atuante em sua igreja, inclusive, a interlocutora demonstra uma aceitação ainda mais sensível com relação a lei que ele escolheu, mas não se furta de sempre lembrá-lo de honrar os ensinamentos que recebeu, desde a infância, no que se refere a presença e a importância incontestável da virgem Maria.

O interessante diálogo/embate travado entre um “crente” e um “católico”, narrado por Seu Emídio, incorre sobre o problema dos evangélicos não “darem crença” à mãe de Jesus. Tal problema seria decorrente do fato deles só lerem as partes da bíblia que lhes diziam respeito, mas que existiam, ainda, as partes que os católicos liam, aquelas ignoradas injustamente pelos evangélicos. Nisto, há muitos anos, diz-se que um crente da Barra (sítio nos arredores de Pelo Sinal) afirmou ao “cumpade Cazuza” (tio de nosso interlocutor), que Jesus, ao avistar a cruz na qual morreria, assombrou-se e a amaldiçoou:

Aí cumpade cazuza disse: – Jesus não amaldiçoou a cruz não, o senhor tá mentindo. [O crente] – Tá, tá na bíblia! [Cazuza] – Não, na missão abreviada¹⁴ eu não achei isso. [O crente] – Como foi que o senhor achou? Aí cumpade Cazuza disse: “– Eu achei assim: na missão abreviada eu achei que quando Jesus avistou a cruz aonde ele ia ser cravado, Jesus espiou pra ela e ele a abençoou-la, abençoou a cruz. Porque a palavra que Jesus diz, que tá escrito, ele disse assim ‘Vem-te a mim cruz amada que há 33 anos que eu ando à tua procura. Tu serás o meu altar’” (aonde ele foi cravado). Aí o crente disse a ele: “– Se eu achar isso aí, eu saio da religião”. E num é que ele achou?! **E saiu seu Emídio?** Saiu, saiu mermo! Ele achou e com o tempo disse a cumpade Cazuza: “– Ô seu Cazuza, eu sai da religião evangélica, aquilo que o senhor

¹³ Por outro lado, os evangélicos afirmam sua identidade em outros contextos. Por exemplo, ajudei a comunidade católica na venda de cartelas do bingo que serviria para a arrecadação de dinheiro em prol da Festa da padroeira. Numa ocasião em que ofereci a algumas pessoas que eu não conhecia, elas negaram veementemente, justificando que eram “crentes”. A afirmação da identidade religiosa católica e evangélica nessa comunidade se dá através diferentes discursos, sendo interessante um aprofundamento a esse respeito.

¹⁴ Missão abreviada é um texto sagrado com referências bíblicas de posse única dos clérigos, no qual, segundo Seu Emídio, “tinha muita coisa, muito exemplo a contar”. No contexto apresentado, um sacristão da época e uma prima do interlocutor passaram quinze dias em posse da missão abreviada sem o consentimento ou conhecimento do padre, que declarou lançar uma “maldição” sobre aqueles que haviam pego o escrito sagrado, caso ele não fosse devolvido. Ao que foi rapidamente obedecido.

me disse sobre a cruz eu achei, Jesus não amaldiçoou-la não, ele abençoou a cruz aonde ele foi gravado” (Seu Emídio, out. de 2021).

A denominação do ser católico posta em questão frente às diferentes práticas e crenças que coexistem no povoado, ou mesmo nas diferentes percepções entre os católicos dentro do próprio catolicismo ali praticado (como veremos um pouco mais adiante); as negociações que envolvem a igreja como instituição e a comunidade, com as suas reivindicações pautadas na tradição; mas também, as inovações necessárias à coesão e fortalecimento dos grupos: tudo isso compõe um catolicismo dinâmico que se reproduz não só a partir de suas representações, mas no diálogo com outras visões de mundo.

1.3 Da prece e outras expressões na comunidade

Anualmente, a comunidade católica se organiza em torno de várias expressões que compõem o seu calendário religioso, como: a Festa da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em setembro, na qual ocorrem missas durante nove dias, culminando numa procissão com a imagem dessa santa; a Via Sacra nas Famílias realizada na quaresma, onde cada estação é representada pela casa de uma família católica; a troca de presentes em função das relações de compadrio, também realizada na quaresma e que se relacionam aos símbolos do Cíelo Junino; o Terço em peregrinação, normalmente a partir do mês de outubro, considerado o mês missionário; a celebração do mês mariano com realização do terço diariamente na capela até a coroação de Maria, no último dia do mês de maio; e o Terço dos Homens, que ocorre uma vez por semana na capela e se integra aos diversos eventos da comunidade. Essas expressões compõem, juntas, um calendário bastante intenso, onde podemos verificar a valorização e a prática da prece em diversos arranjos.

Conforme observado por Reesink (2009), a partir dos escritos de Marcel Mauss (1968), o fenômeno social da prece tem relação com os mitos, ritos, eficácia, poder, afetividade, pessoas, deuses, coisas, pensamentos, ações, dom e contra dom, configurando praticamente o conceito deste autor de “fato social total”. Dessa maneira, é possível observar que também para essa comunidade, a prece é um elemento central da vida religiosa e mobiliza não somente um grupo específico mais toda a população católica.

A Festa da Padroeira é um dos eventos mais expressivos, porém se faz importante tanto quanto os outros, em seu conjunto. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ou Mãe do Perpétuo Socorro, como também é chamada, uma das muitas invocações da virgem Maria, é considerada a protetora de todas as horas e intercessora nos momentos de dificuldades e aflições. Sua

importância na vida da comunidade é evidenciada na fala de Joana sobre a falta que lhe faz certas práticas realizadas no povoado, sobretudo quando se referem à padroeira, já que hoje em dia ela mora em São Paulo. Para ela, mesmo longe, a padroeira continua significando “tudo”. E, em suas palavras, acrescenta:

Eu posso falar que não acredito em Deus, mas em Nossa Senhora é impossível, porque onde ela não está, eu não entro. É enraizado (Joana, jan. de 2022).

O mês de maio (ou mês mariano) para os católicos, em geral, e para a comunidade de Pelo Sinal, em particular, é onde se intensificam as orações e as homenagens em devoção à Maria. Neste ano, cumpriram-se os 31 dias do mês rezando o terço na capela, o que é motivo de orgulho, já que era uma prática que, principalmente após a pandemia, estava se “perdendo”. Nesta ocasião, uma interlocutora nos conta que algumas famílias se juntaram para levar uma oferta, que posteriormente foi investida em um “armarinho” que serviu para acondicionar o aparelho de som da igreja, pois havia essa demanda dos músicos que costumam tocar durante as missas.

Era comum a prática de, ao final do mês, fazer a coroação da imagem de Nossa Senhora. O que não pôde ser observado nesta pesquisa, mas dela se fala como algo extremamente marcante: o rito da coroação ocorria com as lâmpadas apagadas, à luz somente das velas que cada um dos presentes empunhava na capela. Esta expressão, sobre a qual não nos deteremos, de certa forma fortalece a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que vem a ser homenageada na Festa em setembro. Em função da Festa da Padroeira, a comunidade se mobiliza ao longo de todo o ano, organizando rifas, bingos e buscando doações que são investidas nas manutenções e aprimoramentos estruturais da capela, entre muitas outras despesas. A organização também idealiza e solicita a confecção, venda e distribuição das camisas da Festa, convidam e confirmam a presença dos diferentes padres, assim como convidam e/ou contratam as atrações artísticas e culturais que irão compor o quadro de eventos, enfim, tudo aquilo que possibilita a realização da Festa tradicionalmente realizada há 74 anos.

Num passado recente, era comum, em alguns meses antes da Festa, diversas pessoas saírem a pé às cinco da manhã dos domingos para pedirem doações entre as comunidades circunvizinhas ou mais distantes, como Dois Riachos, Manoel Soares e até mesmo no centro urbano de Solidão, grupo este que incluía idosos, adultos, jovens e crianças. As distâncias percorridas a pé tinham o seu propósito e as interações eram tão mais intensas quanto mais frequentes. Em dada comunidade, um padre residente fazia questão de receber o grupo para o almoço, outras tantas pessoas doavam quantias em dinheiro ou até mesmo em ovos de capoeira,

que ao chegar no povoado já tinham compradores certos. Remetendo, dessa forma, a antigas práticas entre os moradores desde a construção da capela, onde de tudo se trocava em favor daquela obra.

É nessa relação de trocas entre as comunidades que se estabelece a importância e o simbolismo dos *noiteiros*, figuras frequentes também em outras festas religiosas de padroeiro, mas que vão ganhando conotações diferentes conforme as especificidades de cada tempo e lugar. Em Pelo Sinal, à princípio, os *noiteiros* eram aquelas pessoas ou grupos convidados a fazerem parte das missas que compunham a novena, havendo, a cada missa, diferentes *noiteiros*. Só que esse convite estava vinculado às pessoas que tinham, além do comprometimento religioso, melhores condições materiais de contribuir com a Festa, servindo como uma espécie de “patrocinadores”, o que lhes conferia certo status que lhe faziam os “homenageados” da noite. Se certa comunidade organizava a sua Festa de modo a ser muito apreciada pelas demais comunidades, logo, estas, fariam o possível para também oferecer uma recepção à altura, e os *noiteiros* eram parte fundamental desse ciclo de trocas e “disputas” simbólicas. Porém, no fundamento dessas trocas existe algo que perdura ainda hoje e representa a principal lógica dessas relações, são eles: os “laços de amizade”, para usar a expressão de Joana (jan. de 2022). Nessa direção, mais do que um status a assumir, preza-se nos *noiteiros* um engajamento necessário às práticas e preceitos católicos. Afinal, esses laços de amizade entre as comunidades proporcionam não só o engrandecimento mútuo de suas respectivas festas, mas também garantem a reprodução e continuidade de suas tradições e de seus simbolismos. Ou seja, garantem a afirmação de toda uma religiosidade.

Atualmente, os *noiteiros* não são exatamente aqueles que organizam ou “patrocinam” a festa para a qual são convidados e homenageados. Mas no ato do convite eles recebem uma “caixinha” da comunidade anfitriã, no caso, Pelo Sinal, para arrecadação de dinheiro que será ofertado no dia de sua participação no ritual da missa. Os *noiteiros* representam as comunidades católicas provenientes dos sítios e povoados da região, como Lajedo e o São João, mas também representam grupos de dentro da própria comunidade, como a Escola Municipal Manoel Marques e os alunos do Ensino de Jovens e Adultos desta mesma escola, ou ainda o Terço dos Homens local. O Terço dos Homens é um movimento mariano missionário que, em Pelo Sinal, ocorre toda segunda-feira à noite, reunindo um grupo de homens de todas as idades para rezar um terço na capela, sendo aberto também para interessados em geral. João Siqueira, um dos integrantes do Terço dos Homens, informa que, no início, eram muitas as pessoas que frequentavam, chegando a lotar a igreja. Hoje em dia, se encontram pouco mais de dez pessoas,

mas isso não desanima aqueles que seguem participando. Assim, falando da importância desse grupo para ele e os demais frequentadores, ele enfatiza que não se obriga ninguém a entrar ou sair do grupo, pois “cada um sabe o que serve pra si”, e complementa: “Olhe, eu só deixo o Terço dos Homens se um dia só ficar eu. Mas se ficar dois, nós continuamos”. O Terço dos Homens é, muitas vezes, solicitado a se reunir na casa de um algum doente ou necessitados de orações ou, ainda, em velórios, além de serem frequentemente convidados por outras comunidades na qualidade de *noiteiros*.

Os *noiteiros* se distinguem das demais pessoas por trajarem camisas que fazem referência às suas respectivas comunidades e grupo. A camisa estampada, indicando a padroeira e o local da Festa, é uma marca importante de distinção e representação da comunidade de quem as usa, mesmo fora do tempo festivo, como por exemplo, nos dias de feira, o que é muito comum, fazendo com que seja fácil identificar de qual comunidade se pertence, a paróquia, a santa ou santo padroeiro e o período da Festa. Assim, a comunidade de Pelo Sinal também providencia suas próprias camisas, sendo uma prática comum nessas festas. Além do mais, diferente do que se pode pensar, a imagem da santa que acompanha tais informações nas camisas não é meramente ilustrativa, outrossim, aqueles que as usam não só afirmam o seu território, mas também a sua fé evocada na proteção que emana da imagem.

Com uma antecedência de pelo menos dois meses da festa, a organização também anuncia uma chamada para convocar as *estrelinhas* e os *sóis*, que são meninas e meninos entre três e dez anos que participam em cada missa do novenário. Assim como os *noiteiros*, as *estrelinhas* e os *sóis* também recebem a “caixinha” para arrecadação de doações que servirão para as despesas eventuais durante e após a festa. As crianças tanto sinalizam o interesse em participar como são incentivadas pelos seus pais, mães ou responsáveis. Vestidas com esmero para o momento – as meninas, com vestidos brancos de cetim, e os meninos, com calça e camisa “social” – elas representam o caminho de luz que deve ser trilhado pelos fiéis na igreja, assim como incentiva e mobiliza as próprias famílias a participarem desses mesmos ritos, proporcionando a continuidade da fé católica entre as gerações, já que essa participação é uma forma adicional de introduzir toda a família nos ritos católicos.

Assim, esse momento com as *estrelinhas* e com os *sóis* ganha um sentido bastante específico no que se refere às relações de parentesco. Em uma das missas vivenciadas no povoado, um pai jovem e recentemente viúvo, algo do conhecimento e compaixão de toda a comunidade, tem sua filha como *estrelinha*. Em tal contexto, a importância da família fica ainda

mais evidente e, neste caso, comovente: o pai, “sozinho”, reafirma o compromisso com a fé católica e com a formação cristã de sua filha, apesar das adversidades da vida e das injunções da morte. Grande parte dos fiéis presentes na missa sabem e experimentam as emoções, os afetos e as reflexões contidas nesse contexto, sobretudo quando se anuncia a presença do pai, que fala em público, e a sua responsabilidade em manter vivo o “brilho” de sua *estrelinha*.

As missas que ocorrem durante a festa acontecem muitas vezes ao ar livre, chamada missa campal, algo incentivado pelas restrições sanitárias da pandemia e a depender da previsão climática. Então, assim como seria dentro da igreja, os bancos e as cadeiras disponibilizadas para os fiéis são separados em dois blocos, formando um corredor entre eles. Abrindo o ritual, passam por esse corredor um grupo de *coroinhas*, assistentes do padre, as *estrelinhas* e os *sóis*, o padre, os leitores e os *noiteiros*, geralmente nesta ordem, cada qual se direcionando aos seus respectivos lugares. Os *noiteiros* participam da missa sentados na primeira fileira dos bancos, mais perto do altar, onde ficam visíveis a todos. Os leitores se sentam próximo ao púlpito, localizado mais à direita do altar que, por sua vez, fica no centro e defronte dos bancos, sendo o lugar do padre e dos *coroinhas*, que o assistem durante toda a missa (especialmente no oratório, entregando o cálice, lavando as mãos do padre, etc.). E à esquerda, “abrilhantando” a celebração, ficam a *estrelinha* e o *sol*.

No início de cada missa, os *noiteiros*, a *estrelinha* e o *sol* (e seus responsáveis) são anunciados e quase no final da missa são chamados para frente do altar onde são presenteados pelos anfitriões com “lembrancinhas” e fotografados, o que acontece estrategicamente antes dos ritos ou bênçãos finais do padre, para que não ocorra dispersão dos fiéis. Esse momento em que eles são apresentados, homenageados e presenteados se repete durante toda a novena. Na medida em que esses ritos acontecem, mesmo as pessoas mais distantes da igreja, incluindo as crianças que se pegam atraídas pelo clima festivo e pelas brincadeiras na praça ou do parque, participam de alguma forma: carregam bancos, cadeiras, lavam, secam e organizam, e o que mais for necessário. Isto é, mesmo desobrigadas a estarem nos ritos integralmente, elas se envolvem de maneira ativa em muitas etapas para a construção da festa. Como enfatiza uma Joana, mesmo para as crianças, na sua época e hoje em dia, a festa não era “só parquinho”, pois “sem querer” há o envolvimento afetivo com todo o evento.

Ao longo da semana, após cada missa, as pessoas se demoram mais na praça, já que existe toda uma estrutura de alimentação, lazer e divertimento. São barracas com lanches diversos, espetinhos, sorvetes, parques e bares. Sendo estes últimos mais visitados nos fins de

semana de abertura (que ocorre numa sexta) e encerramento da festa (que ocorre no outro domingo nove dias depois). Os preparativos em torno da santa começam já na quarta ou na quinta-feira anterior ao dia de abertura. Nessa ocasião, a santa é “descida” do altar por João Siqueira, um integrante da comunidade que, tradicionalmente, foi designado ou se autodesignou a essa função. Uma vez descida é feita a estruturação e a amarração da santa meticulosamente no andor, para que não corra risco de desabar durante a procissão e nos revezamentos daquelas pessoas que a querem carregar, as quais incluem homens e mulheres adultas e idosas. O primoroso ornamento de flores do andor era feito pelas mulheres da comunidade, hoje acontece também de ser um serviço contratado, tanto para a abertura da Festa, como para o último dia, poupando um tempo que fatalmente será preenchido com outras atribuições das pessoas organizadoras.

No último dia da festa, no domingo, muitas pessoas de fora já se encontram no povoado, principalmente parentes. O andor devidamente ornado fica dentro da capela desde o início da tarde e é colocado para fora quando vai se aproximando o horário da missa e da procissão. Nesse ínterim, o povoado fica bastante movimentado e muitas pessoas aproveitam para rever seus parentes, retomar conversas antigas, tiram fotografias em família, dentro e fora de igreja, no altar, com a santa, etc. Já a procissão representa uma continuidade da missa, ao mesmo tempo que o desfecho de toda a novena. O percurso da caminhada se inicia a partir do “centro”, onde está localizada a praça e a capela, indo em direção à esquerda da imagem abaixo fazendo o contorno do povoado (em direção ao campo, que não aparece na imagem) até culminar novamente no largo do centro (Imagem 2).

Imagem 2 – Vista parcial do Povoado



Fonte: Facebook da Capela de Pelo Sinal. Imagem aérea de autoria de Iranaldo Marques.

Dando início à marcha da procissão, a comunidade se coloca em seus lugares. Um grupo de coroinhas, meninas e meninos, que formam duas filas paralelas, tomam a frente da marcha segurando as tochas com as velas e uma cruz, para abrir o caminho e iluminar a procissão. O padre vem entre essas duas filas. Em seguida, vem o andor e a imagem da santa, sendo carregada por várias pessoas que vez por outra se revezam. Em meio às pessoas, um pouco mais atrás, segue uma banda com dois pifeiros, um zabumbeiro, um tocador de caixa e outro de pratos, que se encarregam da música (Imagem 3). Nesse momento, também se efetuam novas promessas. Durante o percurso, as pessoas formam pequenos grupos: as crianças de farda escolar com suas professoras, os casais, as famílias, parentas que se dão as mãos e pagam promessas juntas e descalças. Outros, ainda, vão sozinhos em contemplação e orações, ao passo que a banda de pifeiros trás seu repertório. Ao longo da caminhada, em alguns momentos, o andor se demora na frente da casa de algum morador ou moradora que, por questões de doença ou idade avançada, não consegue acompanhar a procissão com os demais¹⁵.

¹⁵ Também durante as missas, a celebração é propagada em carros de som de modo que todo o povoado possa ouvir, tornando acessível àquelas pessoas que não conseguem se deslocar até a praça.

Imagem 3 – Procissão de encerramento da Festa da Padroeira



Fonte: Arquivo pessoal

As crianças vão acompanhadas de seus responsáveis ou circulam curiosas entre a multidão, mas também há crianças que vão pagando promessa junto de seu ou sua responsável, pois tem os seus pés descalços. Em um dos casos, o parente da criança me informa que ela fora curada de um problema justamente nos pés e que “para a fé não existe idade”. A chegada da santa e seu andor na igreja é “saudada” alegremente com muitos “vivas”, sendo recebida com o toque do sino da capela que se dá de uma forma agitada e contínua. Da mesma forma, uma coroinha se incumbe de tocar uma estridente sineta com o mesmo intuito de saudar a imagem da “boa mãe do Perpétuo Socorro”. Esse é um momento de muita comoção, ou, como definido por uma interlocutora, é um momento “mágico” (Imagem 4).

Imagem 4 – Culminância da procissão



Fonte: Arquivo pessoal

No sábado anterior ao encerramento da festa, abre-se espaço para as atrações artísticas e culturais para um público considerável, advindo de vários lugares. Essas atrações são bandas musicais reconhecidas na região, grupo de xaxado de Solidão, bandas maciais compostas por estudantes da rede pública e a banda de pífano que esteve presente no momento da procissão, mas também desde o dia anterior, tocando na frente da igreja, embaixo de um frondoso pé de figo e, sem os quais, como afirma Joana, “não haveria festa” (Imagem 5). Tradicionalmente, a banda chegava desde a abertura, só que mais recentemente ela aparece em um ou dois dias antes do encerramento, sendo recebidos e alimentados por uma família da comunidade previamente

designada. Embaixo do pé de figo, eles tocam às 6h da manhã, depois ao meio dia, às 15h e, finalmente, às 18h, tendo intervalos entre esses horários.

Imagem 5 – Banda de Pife do Sítio Jatobá, Carnaíba-PE, na Festa da Padroeira



Fonte: Arquivo pessoal

Dois pés de figo foram plantados no “tempo de pai Belo”, justamente para receber e proteger do sol as pessoas durante a festa da padroeira, que era sempre diurna pela falta de energia elétrica no povoado. Conta-se que, quando pai Belo morreu, também morreu junto uma das árvores. Hoje, resta uma, que segue reunindo a população eventual e cotidianamente. Com toda essa movimentação e as memórias que são evocadas, o povoado é tomado pela alegria e comoção dos moradores e visitantes, concretizando assim mais um ano de celebração.

Além da festa, Pelo Sinal é permeada de outras manifestações religiosas. Entre fevereiro e março, no período da quaresma e durante a Semana Santa, é realizada no povoado a Via Sacra, que representa, ao longo de quinze estações, o caminho sagrado trilhado por Jesus Cristo em sua paixão, morte e ressurreição. A cada estação uma cena é representada e meditada em orações. Essa é uma prática comum entre os católicos no período da quaresma, sendo incentivada amplamente pela igreja, mas assume as características e a tradição de cada comunidade. Muitas delas se guiam pelo material produzido anualmente pela Campanha da

Fraternidade¹⁶ e que mobiliza diferentes temas. No caso de Pelo Sinal, a comunidade optou por seguir utilizando a Via Sacra tradicional, herança de Pai Belo, de quem se herdou também, além da prática em si, orações como o “ABC das Almas”, melhor exposto no segundo capítulo.

Tradicionalmente, as quinze estações são “rezadas” na capela, na quarta e na sexta-feira santa. Nesse momento, os fiéis se reúnem com o intuito de refletir, meditar e fazer orações sobre o sofrimento de Cristo, mas também lembrar da vida nova, que vem a ser refletida na Páscoa. Na capela, os fiéis se deslocam de um canto a outro, acompanhando as imagens afixadas nas paredes, enquanto alguns se revezam para a leitura da oração referente a cada estação. No passado, quando a capela de Pelo Sinal era uma das poucas na região e quando já não se encontravam tantos adeptos dessa prática, se viu a necessidade de fazer a Via Sacra também nas casas, para abranger os sítios circunvizinhos, como a Gameleira, e sendo uma maneira mais efetiva de “trazer as famílias para a igreja”. Em meio às memórias sobre esse tempo e essa prática, uma interlocutora relata sua vivência de criança em relação ao simbolismo da vela, presente em tantos ritos católicos:

Quando era nos dias de quarta e sexta a gente corria pra ver se chegava a tempo de pegar a vela, que todo mundo queria pegar a vela. Eram duas crianças pra pegar as velas (Rosa, jun. de 2023).

O caminho da Via Sacra é realizado no povoado de casa em casa e se dá com maior planejamento prévio. Quando se aproxima a Semana Santa, é feito um levantamento das casas do povoado que servirão de estação, cujo único critério de escolha é que as famílias ali residentes sejam católicas e não se oponham ao rito. A cada dia, um grupo de pessoas e *coroinhas* rezam em 15 casas, e tal ciclo se repete até que a Via Sacra tenha passado por todas aquelas incluídas no levantamento. Nesse ritmo, a prática dura geralmente oito dias, subentendendo que no povoado há, pelo menos, 120 domicílios de famílias católicas. Para compor o caminho que será percorrido, se obedece uma ordem de casas, sendo a primeira, tida como referência, localizada na extrema ponta de uma rua recentemente calçada, numa parte periférica do povoado e não do centro, como de onde parte a procissão da festa. No dia seguinte, a Via Sacra continua na sequência, imediatamente após a décima quinta casa que representou a última estação no dia anterior. Na pequena procissão que se forma nesse caminho e em torno dessas casas, as *coroinhas* seguem na frente levando tochas com as velas e a cruz, parando em cada

¹⁶ Segundo o site oficial, a Campanha da Fraternidade representa a “expressão da caridade e da solidariedade em favor da dignidade da pessoa humana, dos filhos e filhas de Deus”. Dentre os temas levantados, podemos citar “Fraternidade e fome”, de 2023 e “Fala com sabedoria, ensina com amor”, de 2022. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha-da-fraternidade>. Acesso em: 20/04/2023.

casa-estação que recebe a todos com um altar na calçada dedicado a uma santa ou santo, com velas e, às vezes, flores e outros ornamentos (Imagem 6).

Imagem 6 – Material de divulgação da Via Sacra nas famílias e comunidade nas “Estações”.



Fonte: compilação da autora, a partir de imagens de arquivo pessoal e da organização da festa.

Como mencionado, a Via Sacra utilizada na comunidade, que se baseia também em um escrito com orações referentes a cada estação, é a mesma praticada desde os antigos moradores e somente algumas palavras foram atualizadas, assim como a linguagem que antes era mais individualizada e rebuscada. Falando-se na primeira pessoa do plural, a estrutura desse escrito é composta por uma oração preparatória, onde se enfatiza o sofrimento de Cristo, necessário

para purificar as “iniquidades e ingratidões” de se tomar o “caminho da perdição”. É nesse sentido que se busca fazer a Via Sacra: acompanhar Jesus até o calvário, em memória de sua sagrada paixão e morte, ao mesmo tempo em que os fiéis intencionam ganhar indulgências para si mesmos e pelas almas do purgatório. Essa oração preparatória é verbalizada por uma pessoa (que chamaremos oradora) escolhida, dentre os presentes, à porta da primeira casa, havendo um revezamento a cada casa-estação. Ao se rogar que sejam ouvidas as orações, em coro, todos respondem: “E os nossos clamores cheguem até vós”.

Na primeira casa, é anunciada a primeira estação, na qual Jesus é condenado à morte. Após uma leitura meditativa e introdutória dessa estação, evoca-se: “Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo, e vos bendizemos”. Em coro, todos respondem: “Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”. Segue-se a isso uma oração referente a esta mesma estação, onde se agradece o imenso amor com que Jesus aceitou a morte para salvar os homens. Ao seu término, todos entoam um Pai Nosso e uma Ave Maria. Ainda, a pessoa oradora responsável por esta estação evoca individualmente: “Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”, ao que é respondido, finalmente, por todos: “Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”. Parte-se, assim, para a próxima casa-estação, que segue o modelo da estrutura descrita (Quadro 1), alterando o tema da leitura meditativa e da oração conforme cada estação, mas se mantendo os demais elementos.

Quadro 1 – Estrutura da Via Sacra tradicional

VIA SACRA, PELO SINAL, SOLIDÃO-PE		
ORAÇÃO PREPARATÓRIA	ORADORA	Fala-se da clemência e misericórdia de Jesus, que subiu no calvário levando, sobre seus ombros dilacerados, o enorme madeiro da cruz no qual foi cravado para a remissão de todos os pecados. Roga-se que o Senhor ouça as orações que se seguem.
	TODAS	“E os nossos clamores cheguem até vós”.
ESTAÇÕES		
I JESUS É CONDENADO À MORTE	ORADORA	Depois de ter derramado o copioso sangue na agonia cruel da flagelação e da coroa de espinhos, Jesus é condenado por Pilatos à morte afrontosa na cruz.
		“Nós vos adoramos santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Agradece-se o imenso amor com que Jesus aceitou a morte para nos salvar.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.

II JESUS COM A CRUZ NAS COSTAS	ORADORA	Jesus carrega a cruz da penitência e dos sofrimentos com paciência, submissão e amor.
		“Nós vos adoramos santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Agradece-se novamente o amor com que Jesus abraçou cruz tão pesada pelas nossas culpas. “Ave, ó cruz bendita e única esperança!”.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
III JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ	ORADORA	Jesus desfalecido em suor e sangue, cai em terra e abrem-se todas as suas feridas. “Vos adoramos por vossa profunda humilhação”.
		“Nós vos adoramos santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se perdão e graça para nunca mais cairmos em pecado mortal.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
IV JESUS ENCONTRA-SE COM SUA SANTÍSSIMA MÃE	ORADORA	Trata da aflição, angústia e profundíssima dor que transpassa o coração de Maria. “Ah, o cordeiro divino vai ser imolado”. Enfatiza que nossos pecados foram a causa desses sofrimentos.
		“Nós vos adoramos santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se sentir uma dor cada vez mais profunda e sincera dos nossos pecados, para que choremos enquanto vivermos e mereçamos na hora da morte encontrar-vos compassivo para convosco.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
V SIMÃO, O CIRINEU, AJUDA JESUS LEVAR A CRUZ	ORADORA	Temendo que Jesus falecesse antes de chegar ao calvário, os judeus obrigam Simão a ajudá-lo.
		“Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se perdão e a graça de levar em penitência a cruz das atribulações e dores. “Jesus Cristo, dai-nos um coração contrito e abrasado de caridade”.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
VI	ORADORA	Uma devota, compadecida ao ver Jesus em tão lastimoso estado, limpa a sua face de sangue e suor. Pagando-lhe a caridade, Jesus deixa impresso na toalha a imagem do seu santíssimo rosto.

VERÔNICA ENXUGA O ROSTO DE JESUS		“Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Os fiéis oferecem seus corações para neles imprimir a tocante face de Jesus, conspurgada de sangue, que ao ser lembrada os fará vencer todas as tentações.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
VII JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ	ORADORA	Oprimido de dor, Jesus cai em terra. “Oh, quanto custaram ao nosso salvador as nossas recaídas no pecado”.
		“Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se perdão pelo sangue e pela dor sofrida nessa segunda queda. Roga-se a Maria para que possamos perseverar no amor de Deus até o fim.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
VIII JESUS CONSOLA AS MULHERES DE JERUSALÉM	ORADORA	Jesus pede: não choreis por mim, chorai sobre vós. E brada: bem aventurados os tristes, porque eles serão consolados.
		“Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se a verdadeira contrição, fazendo-nos sentir sincera compaixão do próximo. Evoca-se Maria, refúgio dos pecadores, e pede-se que ela rogue por todos.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
IX JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ	ORADORA	Na queda, abrem-se de novo as feridas e Jesus se torce de dor como um verme pisado e esmagado.
		“Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se perdão por tudo quanto pecamos, seja por pensamento, por palavras ou por obras. Pede-se: fortalecei-nos na nossa fragilidade.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
X JESUS É DESPIDO DE SUAS VESTES	ORADORA	Chegado ao calvário, dão de beber a Jesus vinho misturado com fel.
		“Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pelas culpas choradas, pede-se que não fiquemos privados da graça que com a bondade de Jesus fomos revestidos.

	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
XI JESUS É PREGADO NA CRUZ	ORADORA	Com agudos e penetrantes cravos, transpassam-lhe as mãos e os pés sacrossantos. “Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se perdão pelos pecados, com os quais transpassamos as mãos e os pés de Jesus.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
XII JESUS MORRE NA CRUZ	ORADORA	Após três horas de agonia, Jesus exclama: Meu Deus, meu Deus, por que assim me abandonaste? E dizendo: “Meu pai, em vossas mãos entrego o meu espírito”, dá o último suspiro. “Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se: pela vossa sagrada morte, assisti-nos na última hora e abri-nos a porta do paraíso.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
XIII JESUS É DESCIDO DA CRUZ E COLOCADO NOS BRAÇOS DE SUA MÃE	ORADORA	Maria santíssima vê seu muito amado filho morto, desfigurado, coberto de chagas. “Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Maria também sofre por nossos pecados. Pede-se que Maria, mãe das dores, consoladora dos aflitos, rogue por todos que choram desamparados.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
XIV JESUS É SEPULTADO	ORADORA	O corpo de Jesus é colocado no sepulcro por Maria e os fiéis. “Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.
	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se, pela sagrada comunhão, que Jesus nos conceda a graça de ser fiel à ele até a morte.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
XV JESUS RESSUSCITA DOS MORTOS	ORADORA	Aparecendo primeiro a Maria Madalena, Jesus comunica aos apóstolos onde estavam reunidos: a paz esteja com vocês, assim como meu pai me enviou eu vos envio. “Nós vos adoramos Santíssimo Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos”.

	TODAS	“Porque pela vossa santa cruz remistes o mundo”.
	ORAÇÃO	Pede-se a Cristo um coração puro e a esperança de também ressuscitarmos um dia para alcançarmos a vida eterna. Amém.
	TODAS	Pai Nosso e Ave Maria
	ORADORA	“Bendita e louvada seja a paixão e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor”.
	TODAS	“Que quis padecer e morrer na cruz por nosso amor”.
DESFECHO	ORADORA	À Jesus, único Salvador e única felicidade da nossa alma, pede-se que se abençoe os bons propósitos na feita desta Via Sacra.
	TODAS	“Jesus, para vós vivemos; Jesus, para vós morremos; Jesus para vós somos na vida e na morte. Amém!”
ORAÇÃO À NOSSO SENHOR DOS PASSOS	ORADORA	É relembrado todos os momentos do caminho até o calvário, resumido em treze pequenos parágrafos (ou passos), nos quais se referem à Jesus como Dulcíssimo, intercalando com “Tende piedade, Senhor”.
	TODAS	“Tende piedade, Senhor, tende piedade”.
	ORADORA	“Ele tomou verdadeiramente sobre si as nossas iniquidades”.
	TODAS	“E as nossas dores ele as suportou”.
ORAÇÃO FINAL	ORADORA	Fala-se de todos os tormentos passados por Jesus, que é lembrado com devoção, gratidão e amor. Pede-se piedade, evocando pai, filho e espírito santo, contra as penas eternas do inferno.

Fonte: Autora, a partir de documento da comunidade.

Em se tratando do sofrimento de Cristo perante a morte, essa é uma prática de cunho expiatório e meditativo, impondo ao praticante o sentido de pecado, sacrifício, penitência, mas também gratidão, perdão e amor. Além do mais, o sofrimento de Maria também se destaca e é nesse sentido que ela se torna a mãe dos aflitos e intercessora na hora da morte.

Nesse contexto de devoção e religiosidade, as relações são fortemente marcadas por vínculos espirituais e afetivos, como é o caso das relações de parentesco por afinidade, baseadas no compadrio, isto é, nas relações de madrinha/padrinho e afilhados(as). Afinidade é exatamente o termo usado na comunidade para explicar em que consistem ou como se constituem essas relações, sendo uma forma de produção do parentesco (Silva, 2017; Woortmann, 1995). Essas relações eram contraídas numa lógica de favores, onde um padrinho ou madrinha representava um status social específico, se tratando muitas vezes de uma elite política e/ou econômica que, por isso mesmo, possuíam diversos afilhados e afilhadas. Mas, essas relações no povoado são, sobretudo, uma representação do comprometimento afetivo e religioso, já que a constituição desse laço se dá por meio dos ritos católicos de batismo, de primeira comunhão, de crisma e casamento, devendo o padrinho e a madrinha guiar seus afilhados na vida pessoal e religiosa. Além disso, há uma estreita referência dessas relações no povoado com o ciclo junino, isso porque muitos são madrinhas/padrinhos e afilhadas/afilhados de fogueira.

O batismo na fogueira é realizado nos dias de São João ou de São Pedro. Como festa mais esperada do ano especialmente no Nordeste, ela envolve a relação da boa colheita com a mesa farta, desde que se tenha um bom prenúncio de chuvas no dia de São José, em 19 de março. O ritual se dá ao pé da fogueira, onde futuras madrinhas e afilhadas dão a volta repetindo os seguintes dizeres, por três vezes: “São João dormiu, São Pedro acordou, você será (madrinha/padrinho ou afilhada/afilhado) que São João mandou!”. A partir de então, é cultivada essa relação.

A mesa farta implica trocas intensas entre a comunidade, principalmente de alimentos, sendo as ditas comidas típicas muitas vezes os objetos dessas trocas. Enquanto pesquisadora no povoado, recebi muitos “agradinhos” em forma de bolos de mandioca, de milho, pamonhas, feijão, jerimum, além de serem frequentes os convites para comer (almoçar, jantar ou lanchar) na casa de meus parentes/interlocutores, como uma forma de amizade, de estreitar os laços familiares, pois muitas vezes os conteúdos das conversas informais se baseavam na afinação de nossos parentescos e, com isso, a escuta de histórias e a simples retribuição pela atenção prestada/compartilhada.

Então, contraindo essas relações de compadrio no período junino onde já se vivencia uma intensa relação de trocas, será na Semana Santa, no período da quaresma, momento em que “juntam as famílias” que os padrinhos/ madrinhas com seus afilhados/afilhadas se mobilizarão para estarem “presentes” e serem “lembrados”, uns aos outros. Joana, de 34 anos, que já não mora no povoado, mas em São Paulo, conta que vivenciou essa prática desde muito nova, tanto no lugar de madrinha como de afilhada e que muito antes da Semana Santa já se fazia uma lista com os nomes de quem seria presenteado para não esquecer de ninguém, e logo se organizava para a compra dos presentes que seriam distribuídos. Muitas pessoas da comunidade, inclusive, viajavam em carros fretados até Caruaru-PE, onde se podia comprar muitos artigos com variedade e preços mais acessíveis.

Finalmente, na quarta e na sexta-feira da Semana Santa, se podia esperar as visitas dos afilhados, os presentes e as “lembrancinhas”, mas que, na falta destes, sempre havia um pedido de bênçãos, essencial nesse ritual. Ainda, para essa interlocutora, que ficava em casa fazendo bolos e preparando os agradinhos era curioso como se esperava a presença de certa afilhada que todo ano “sempre chega na mesma hora”, já tinha uma “hora certa pra chegar”, ou ainda, como se evitava sair de casa em certos horários para não correr o risco de perder a visita de algum afilhado. Outros vinham dizer que não tinham presentes (comprados) pra ofertar, mas que sua

mãe havia mandado um “cozinhado de feijão”, ou bons jerimuns, o que fazia o mesmo efeito nessa relação de trocas.

Para Rosa, a tradição do Terço vinha se perdendo e dessa forma foi preciso fazer algumas inovações, como ela mesma nos conta: “Tem que seguir a tradição, mas também a gente tem que modificar alguma coisa, pra que as pessoas se sintam atraídas”. Assim que o Terço em peregrinação vem acontecendo há mais de 12 anos. Sendo, pois, uma “criação” da comunidade, como uma outra maneira de aproximar as famílias da igreja. Essa prática se inicia, geralmente, no mês missionário, em outubro, pelos sítios mais próximos que não têm igreja, como Gameleira, e em cada dia se reza numa diferente casa. Às vezes, essa peregrinação é interrompida em função de algumas circunstâncias como quando coincide com missas, velórios, ou mesmo quando ocorre a Via Sacra, de modo que a reza não se repete nesses dias. Após esses eventos, dá-se continuidade à peregrinação de onde parou, até rezar em todas as casas.

O Terço é aquele dedicado à Nossa Senhora, sendo, por isso, um rito mariano. Para rezá-lo é necessário o objeto que também leva esse nome, o qual consiste em uma espécie de colar que possui um crucifixo em uma ponta e 56 pequenas contas distribuídas em toda a sua extensão. Cada prece recitada é acompanhada pelos dedos da mão que deslizam sobre essas contas, e representam Ave Marias, Pai Nossos e Glorias ao Pai, culminando com uma Salve Rainha. Os diferentes espaços entre essas contas também indicam o momento de cada uma dessas preces. Em cada casa, é deixada uma imagem pequena de Nossa Senhora e uma “caixinha” de arrecadação de dinheiro, que será utilizado para algum melhoria na capela e outras necessidades, tal qual ocorre durante a Festa. As pessoas que recebem o Terço em suas casas, geralmente, se preocupam em oferecer lanches a todos, embora não seja uma prática “obrigatória”, até porque nem todos tem condições de servir algo elaborado, “faz quem quer”, segundo Rosa. Mas, da recepção mais simples à mais elaborada, percebe-se um esforço em oferecer esse momento de comensabilidade.

Como observado, há um intenso exercício de oração na comunidade, que vem a ser somar com o Terço em peregrinação nas casas das famílias católicas. Reesink (2009) faz uma distinção da prece quando ela se apresenta de forma simples, como um “gesto mínimo”, conforme a perspectiva de Mauss. Nesse caso, refere-se a uma estética da prece que necessita de um mínimo de gestualidade, se for comparada a outros rituais mais complexos, como uma procissão, e que nem por isso deixa de ser um rito completo. Assim, a prece individualizada, onde o fiel tem um momento de íntimo e particular de conversação com a divindade é um

exemplo disso. Mas essa autora também diferencia a prece composta, à exemplo do terço, que representa a terça parte de uma outra prece composta que é o Rosário. Como se pode verificar, o Terço em peregrinação não só evoca as preces, mas envolve a construção de relações entre a comunidade, que se dão no cenário familiar de partilha. Assim, conforme Mauss (1979, p. 117) toda prece é um discurso ritual, um fenômeno social que se liga a outros fenômenos coletivos: “mesmo quando a prece é individual e livre, mesmo quando o fiel escolhe a seu gosto os termos e o momento” tudo neste momento é consagrado e são, assim, “coisas sociais”.

CAPÍTULO 2 – MEMÓRIAS, AFETOS E RITOS DE MORTE NA COMUNIDADE

*Com pedra, cal e cimento
Palavra, arranjo de flor
Nós construímos pra dor
Da morte um monumento
E a duração do momento
É “lembrada” com a vela
Cuja luz não é mais dela,
E sim, é de quem partiu
Atravessando o rio
No barco que o rito zela*

(Maria Cinthia Pio, 2022)

Em geral, quando se pensa em rituais fúnebres no povoado, é próprio da memória dos mais velhos que, em suas infâncias, os cuidados com os corpos eram delegados à família, vizinhos e amigos, os quais se revezavam para dar banho no morto, para costurar e vestir “mortalha” ou para produzir os caixões. Dona Ivete, de 87 anos, nos conta sobre uma amiga que esteve muito doente e mandou chamá-la com o intuito de pedir que lhe fizesse a mortalha para quando ela morresse:

Eu disse, ‘venho sim, eu venho fazer sua mortalha’. E ela ficou toda feliz quando eu disse que ia. Eu fiz a mortalha dela, fui levar lá e ajudei a vestir. (Dona Ivete, out. de 2021).

Durante a feitura, o pensamento se volta na “intenção daquela pessoa”, e o que pode ser um momento dolorido, torna-se também satisfatório, por se tratar do cumprimento de uma promessa que contribui diretamente para uma “boa” passagem, desta vida para a outra, da pessoa morta. No povoado, conta-se que Seu Janú era quem fazia os caixões em função de uma morte e que isso ocorria durante o velório mesmo, virando-se a noite nesse ofício, enquanto outros rezavam pelo morto que aguardava coberto por um pano. Algumas vezes, os caixões que sobravam eram guardados em um abrigo no cemitério do povoado, ficando disponíveis para doação às famílias que não tinham condições de comprar.

Essas memórias, que estão localizadas num passado distante ou recente, falam sobre uma lógica de solidariedade para além da visita ao morto e da família enlutada, se estendendo também desde o momento da doença. Mas longe de romantizar a morte, Lourdes, nascida e criada no sítio Gameleira, próximo ao povoado, deixa evidente que essas memórias são constituídas às custas de dor, de tristeza e de vazio que se apresentam no tempo e no espaço da morte:

A morte é triste lá no sítio, Cinthia, a morte é mais triste [lá] que na rua. Mais dolorosa, né? Eu acho. A morte na zona rural é mais dolorida pra todo mundo. É triste quando tem uma pessoa doente no sítio, a pessoa faz velório a noite... Na doença, faz o quarto, até aquela pessoa morrer. Que nem mamãe mesmo, o povo passou um mês indo visitar mamãe, uns dormiam, outros ficavam até dez horas da noite. A gente ia pra casa [e] mamãe sofrendo em cima de uma cama. E o povo velando, não é? Aí depois que morre, pronto, fica aquela tristeza naquele sítio. Aquela pessoa faleceu... no sítio é mais ruim do que na cidade (Lourdes, out. de 2022).

Na “cidade”, os doentes e os mortos são, com frequência, afastados do cotidiano dos vivos, já que os hospitais fazem o trabalho dos cuidados e, quando se morre, as empresas funerárias possuem seus espaços particulares de velar o morto, minimizando a exposição aos sofrimentos que antes se dava no espaço da casa. Nessa direção, existe na comunidade uma percepção de que se vai perdendo certas tradições relacionadas à morte e aos mortos devido às mudanças operadas no convívio entre as famílias, seja por causa do “trabalho fora de casa”, seja por conta das tecnologias e do acesso à informação, conforme lamenta Rosa, então professora aposentada:

Os meus netos mesmo, acho que vão levar pouca coisa de mim, porque, às vezes, quero conversar [ou] eu reclamo, mas não querem ouvir, não querem ‘prestar atenção’, aí vão perdendo aquela tradição, mas que ela ainda existe, existe (Rosa, mar. de 2022).

Um determinado sentido de tradição é mobilizado todas as vezes em que se tenta explicar a importância de certas práticas, as quais são continuamente reivindicadas pela comunidade e que dizem respeito ao tempo dedicado “para viver a fé e os rituais”. Dessa forma, são necessárias estratégias de gerenciamento do tempo de trabalho que deve ser suplantado em decorrência de uma morte, embora isso nem sempre seja uma realidade. Na escola local, por exemplo, as horas aulas devem ser cumpridas obrigatoriamente, mas, como diz Adriano, jovem professor da escola:

A gente sabe que, se morrer, paga depois. Porque eu acho que isso é o que fortalece, porque a gente que mora em comunidade pequena como a nossa, onde todo mundo é praticamente família – se não é família, é compadre, comadre –, mas você tem algum tipo de ligação, se não é amigo... as ligações são muito fortes. Não tem como você estar na escola trabalhando e alguém da comunidade morreu e você tá lá trabalhando e pensando naquela pessoa. Porque tem alguém naquela escola que é família. São valores que não podem ser perdidos. Foi uma questão que a gente discutiu enquanto escola. Porque não tem condições da gente tá trabalhando e tá acontecendo um velório (Adriano, jan. de 2022).

Nos últimos anos, as transformações mais drásticas que a comunidade conheceu nas práticas fúnebres se deram, principalmente, devido os serviços das empresas funerárias, como

o “Plano BM”, com sede em Afogados da Ingazeira, que abrange muitas comunidades rurais, além de outras tantas cidades. No entanto, as inúmeras facilidades oferecidas pela terceirização dos cuidados com os mortos trouxeram também práticas abusivas na “hora da dor”, conforme destaca, ainda, Adriano, que relata sua experiência nesse sentido:

É um momento de tanta dor, que a gente paga e não faz nem questão de ser tantos reais... eu digo isso por experiência da família, que já pagava o [Plano] BM. Aí tem essa questão dos caixões serem melhorzinhos. Aí eles dizem: “O caixão é esse, o básico que você já paga, mas se você quiser esse [outro] caixão que é melhor, você tem que pagar tanto por fora”. Então assim, a gente paga o BM, mas é como se na hora H, naquele momento, é como se você não pagasse, porque é induzido a pagar mais na hora da dor. Na hora você não vai fazer questão, não é? Se o caixão que você já paga é dois mil, eles empurram um de cinco mil. É que, na hora, você não se detém a isso (Adriano, jan. de 2022).

Já com a pandemia pelo vírus da Covid-19, na comunidade muitas práticas foram abreviadas e/ou anuladas, como a “sentinela”, nome dado, antigamente, ao que conhecemos por “velório”. “Sentinela” é o tempo e o lugar em que “todos sentem”, como enfatiza Dona Raquel, e indica, hoje, uma parte específica do velório, que consiste em passar a noite na companhia do morto e da família, em vigília e orações, para só então enterrar no dia seguinte. Dessa maneira, as restrições sanitárias da pandemia impuseram sofrimentos não só aos vivos, mas também aos mortos, quando se sabe, entre a comunidade, que essas práticas fúnebres são importantes justamente para diminuir os sofrimentos também das almas. É o que fica implícita nessa fala à respeito da morte de uma senhora no povoado:

Botaram ela dentro de um saco, não teve nem o direito da própria família vestir ela (Adriano, Jan. de 2022).

O “direito” de ser vestida adequadamente traz implicações na hora da passagem, já que esta depende dos ritos específicos. Nisso, a pandemia também transformou permanentemente algumas práticas. A capela de Pelo Sinal, até 2019, era uma das únicas a velar os mortos no seu interior, mesmo diante das investidas da diocese que já vinha se empenhando em dissuadir a comunidade dessa prática. Os argumentos eram genéricos, baseados no fato de que quase nenhuma igreja o fazia, que já era tempo de mudar. A prática foi se mantendo, pois era da vontade da maioria, mesmo porque, como disse Ana, uma das organizadoras e pessoa das mais engajadas nas atividades religiosas, se era relativamente comum ainda velar padres e outras autoridades dentro das igrejas, o mesmo deveria ser permitido aos féis. Mas o argumento da diocese finalmente ganhou forma com a pandemia e velar dentro da igreja passou a ser perigoso e inapropriado aos vivos, que teriam contato com os possíveis agentes causadores daquela

morte, de modo que a única solução encontrada pela comunidade foi deslocar os velórios de dentro para a frente da capela. Dona Ivete, que esteve em muitos velórios no interior da capela, foi concordante com a resolução, e relembra o “cheiro” que inevitavelmente impregnava o espaço, onde, além disso, os fiéis se “ajoelham e pisam descalços a fim de pagar promessas”:

Aí sobra alguma coisa daquela pessoa, de que foi que morreu, de que não foi, se foi pesada, se foi grande, se foi pouca a doença. Aí a pessoa tem essa superstição de ter medo de entrar ali (Dona Ivete, out. de 2022).

Essa perspectiva pode ser interpretada como consequência do impacto das ideias relacionadas à contaminação, seja das pessoas ou dos corpos mortos, advindas com a pandemia, conforme Andreia Vicente da Silva (2020). Para essa autora, existiu uma diferença de tratamento ou “tradução” no que se refere à contaminação dos corpos nos documentos oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS), se comparados aos manuais brasileiros, o que repercutiu, no Brasil, em restrições desproporcionais em muitos contextos nos quais houveram abreviação ou anulação dos rituais. No entanto, mesmo que os impactos das restrições sanitárias tenham desestruturado os tradicionais ritos de morte, Vicente da Silva enfatiza a legitimidade dos “ritos possíveis” que se caracterizam como “políticas de memória”. Foi o que ocorreu, de certa forma, em Pelo Sinal, onde se foi encontrando adaptações para ritualizar a morte:

A gente não podia ter muitas pessoas, mas o pessoal queria vir. (...) Veio as meninas de Carnaubinha, [dizendo]: “Ô Ana, a gente pode dá uma voltinha no povoado? (Que ela era muito devota) “E você pode tocar no sino? Quanto cobra?” - “Não cobro nada pra tocar no sino, não. Faça o seguinte, a gente vem, vem com todo o cuidado, todo mundo de máscara, vamos ficar de frente [da capela], que tem o pé de figo, a gente coloca [o caixão], eu vou tá só e vou de máscara”. Pronto, aí já coloco álcool lá e faço o momento de oração. E aí eu vi que esse momento é gostoso debaixo do pé de figo. Eu tô vendo que, mesmo passando esse momento de pandemia, é da gente aproveitar a sombra, deixar [o caixão] na calçada, como ontem, a gente colocou várias cadeiras e fica o pessoal (Ana, out. de 2021).

Como desfecho, essa mudança acabou sendo favorável para a comunidade como um todo, uma vez que não interferiu na maior motivação dessa prática, a saber, a despedida do morto em comunidade. Assim, sendo a capela a “casa da comunidade”, nela se realiza a despedida coletiva daqueles que conviveram com o morto, ao mesmo tempo em que, não se restringindo o velório na casa dos familiares, a comunidade toma conhecimento e participa de toda a extensão do ritual. Também podemos considerar a importância da relação existente entre a memória coletiva e o espaço, onde se possibilita encontrar um “estado de espírito” já experimentado em outros tempos e por outros fiéis, constituindo-se, assim, uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, conforme Halbwachs (1990, p. 155).

Tendo em vista essas percepções sobre a ritualização da morte para a comunidade e as transformações que envolveram os ritos nos últimos tempos, avançaremos para a contextualização de algumas práticas envolvidas no acontecimento da morte, assim como os diferentes espaços em que ela ocorre.

2.1 O acontecimento da morte

Seja de algum membro da comunidade, seja de um parente nas cidades circunvizinhas ou mesmo em outros Estados, o acontecimento de uma morte na e para a comunidade é anunciado por meio do sino da capela, sendo esse o primeiro sinal de luto coletivo ou a primeira forma de se anunciar, como dizem, esse “sentimento” que será vivido em comunidade¹⁷. Numa primeira impressão pessoal, o sentimento gerado pelo toque inadvertido do sino causa, na percepção de uma pessoa que não está habituada a ele, um imediato estranhamento, que se segue à interrupção mesma das atividades domésticas para buscar, fora de casa, sua motivação e significado. Foi mais ou menos isso que aconteceu comigo, enquanto pesquisadora, mas também com as demais pessoas da comunidade, mesmo que elas já saibam do que se trata, e que já estejam acompanhando o desenrolar da morte por outras vias, como o grupo virtual composto por, aproximadamente, setenta e cinco pessoas, onde se compartilham campanhas de arrecadação, eventos religiosos, celebrações e falecimentos. Dessa forma, o grupo também funciona como um primeiro espaço de condolências e amparo aos familiares e amigos da pessoa morta.

No que se refere ao toque do sino, é certo que, intuitivamente, eu também já soubesse que poderia ser um sinal típico de morte na comunidade, não por saber exatamente as características do toque, pois eu não sabia, mas sim pelo seu caráter extra cotidiano: se não era a hora da missa ou qualquer evento previamente anunciado, só poderia ser anúncio de morte que não tem hora nem local para acontecer. Então, mesmo com o grupo virtual, após o sino, outras pessoas, assim como eu, também aparecem em suas portas, saem de suas casas, destrincham o ocorrido pessoalmente e as notícias sobre quem, onde e como se deu a morte se

¹⁷ A distinção entre uma forma e outra de tocar o sino em função de morte varia conforme a pessoa do morto, se adulto ou se criança e, embora as mortes infantis sejam mais raras, a comunidade enfatiza essa diferenciação. As duas formas de tocar o sino soam como três badalos sucessivos, sendo o primeiro mais longo do que os dois seguintes, e essas formas se diferenciam apenas pela marcha mais lenta, no caso de adultos, e mais acelerada, para o caso de um “anjinho”, isto é, uma criança morta, por vezes, não batizada.

adensam no povoado. Depois disso, toda uma atmosfera de espera e reconfiguração do tempo e das atividades conflui para o momento do velório.

São vários os contextos em que se apresentam o acontecimento de uma morte. Como a maior parte das famílias possuem planos funerários, é comum que os corpos daqueles que morrem em casa sejam levados, geralmente para Afogados da Ingazeira, para que a empresa funerária tome as providências no que se refere a sua conservação, ornamentos e outros cuidados. No caso em que a pessoa morre “fora”, mas é da comunidade, o corpo chega pronto, tendo sido tomadas todas as providências e, às vezes, até mesmo alguns rituais como a “encomendação do corpo”. Em todo caso, após o anúncio da morte, não demora muito até um carro funerário adentrar o povoado sob a supervisão dos moradores e moradoras, e se direciona à capela, seguido de outros carros dos quais descem os familiares e amigos. Nesse momento já foi providenciado uma armação de ferro que sustentará o caixão, dois castiçais para as velas e cadeiras de plástico para acomodar os vivos. Nestas cadeiras, mas também nos bancos embaixo do pé de figo, homens e mulheres observam a meia distância o caixão, enquanto algumas crianças correm pela praça. Outras mulheres da comunidade se situam mais próximas do caixão, em pé, e conversam baixo entre si sobre vários assuntos, dentre eles, sobre os papéis e as burocracias necessárias ao sepultamento, junto à prefeitura. Essas mulheres moram na comunidade e são elas que realizam as orações e outros ritos próprios do momento, como a “celebração das exéquias”.

A celebração das exéquias é realizada pouco antes de seguir com o caixão para o cemitério e representa a última encomendação do corpo e da alma da pessoa morta. O ritual consiste em leituras bíblicas, preces, cânticos e uso de água benta. Dentre as leituras bíblicas, costuma-se ler uma passagem de São Paulo aos Coríntios, a qual diz: “A nossa casa terrestre vai ser desfeita, só vamos ter uma morada definitiva quando ela for construída por mãos divinas”. A morada definitiva é o céu, conforme interpretação de Ana, que é quem celebra esse momento, considerado por ela muito forte. Também se medita sobre o evangelho de São João, onde Jesus diz: “Não fique perturbado o coração de vocês, que existem muitas moradas na casa de meu pai”. Dessa forma, a celebração das exéquias enfatiza a esperança de uma “vida nova”.

Em um velório, costuma-se também realizar o “Ofício de Nossa Senhora”, cuja estrutura se parece com o Ofício das Almas, que será descrito posteriormente, mas que se dedica à Virgem Maria e é considerada uma oração muito poderosa, própria para ser evocada nos momentos mais difíceis. Ainda, é realizada a “Oração da Salve Rainha”, através da qual roga-

se à mãe de Deus a salvação depois do desterro que representa a morte. Mas as orações exclusivas dos rituais fúnebres, tais como os velórios, finados e missas de corpo presente, consistem mesmo no “Terço das Almas” e no “Ofício das Benditas Almas do Purgatório” (ou simplesmente o “Ofício das Almas”). O “Terço das Almas” é parecido com o terço comum: começa pelo Sinal da cruz, orações do Credo, o Pai Nosso e as três Ave Marias, seguido de outro Pai Nosso. A diferença é que no início de cada bloco de dez Ave Marias, se diz “Repouso eterno dá-lhes Senhor!”, ao que é respondido “A luz perpétua e o resplendor”. Seguidos do Glória ao Pai, ao filho e ao espírito santo, como seria no terço comum.

Já o “Ofício das Almas” é composto de sete partes divididas e nomeadas na seguinte ordem: a Matinas, a Prima, a Tercia, a Sexta, a Nona, a Vésperas, a Completas. As orações iniciais em cada uma destas partes são compostas por três estrofes, feitas em quadras. O início de cada parte é idêntico em todas elas, exceto pelas Matinas que possui uma estrofe a mais e se refere à abertura do ofício. Cada parte é seguida por um hino, um Pai Nosso mais cinco Ave Marias e de uma oração. As orações de cada parte também são idênticas entre si. Nela se pede ao “Deus onipresente e misericordioso, supremo dominador dos vivos e dos mortos”, assim como a Jesus e à Virgem Maria “o perdão das penas que merecem as almas dos fiéis defuntos”. O hino é o único componente que se altera em cada parte. Todos esses elementos, inclusive o conteúdo do hino, estão resumidos no esquema abaixo (Quadro 2).

Quadro 2 – Esquema do Ofício das Benditas Almas do Purgatório

OFÍCIO DAS BENDITAS ALMAS DO PURGATÓRIO		
MATINAS	Hino	Abre-se a fala para “tristes assuntos” e pede-se misericórdia para a salvação das “tristes almas” do purgatório. Remete-se à Cristo em sua paixão, e assim grande redentor das almas.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	
PRIMA	Hino	Pede-se pronta salvação das almas, especialmente aquela que está na intenção do momento. No hino é pedido o segundo batismo das almas no “fogo purificador”. Tal fogo servirá para expiação dos pecados.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	
TERCIA	Hino	Pede-se socorro às almas, em nome da misericórdia, onde resplandece a paz e a concórdia de Deus. Pede-se ainda a “eterna luz para os que já dormem”. Se enfatiza que somente Deus, médico divino, pode dar às almas a Eterna Saúde.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	
SEXTA	Hino	No hino evoca-se Deus como protetor das almas e divino “irmão” da humanidade. Pede-se que se apresse as horas para que se finde os sofrimentos.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	
NONA	Hino	Deus aqui é pastor piedoso das almas, e pede-se que cessem os justos castigos infligidos a elas. Evoca-se Jesus, para que os seus braços libertem as almas de tamanha pena.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	

VÉSPERAS	Hino	Pede-se “rigorosas calmas” para as almas que sofrem. Evoca-se a imagem do rico avarento, que padece de “securas”, após a morte, assim como as almas no purgatório. Pede-se que sejam enviadas às almas as “águas da graça”.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	
COMPLETAS	Hino	Roga-se à Deus, esposo das almas, que ainda vos ama, mesmo padecendo. Pede-se as “núpcias eternas” com as almas, para que elas possam ser conduzidas à felicidade.
	Um Pai Nosso e Cinco Ave Marias	
	Oração	
OFERECIMENTO		Oferece-se esse “nobre Ofício” às almas. Pede-se que as almas participem da caridade, justiça e bondade divina.
FINAL		“Pelas preces que fazemos/ Pelas almas em geral/ Livrai-nos, Senhor, das culpas/ O maior de todos os males.”

Fonte: Autora, a partir de material fornecido por Dona Raquel

Outro material importante, herdado de antigos moradores, porém menos utilizado hoje em dia, é o “Abc das Almas”, que se trata de uma incelença¹⁸, e é composto versos que abordam os sofrimentos infligidos às almas que esperam o julgamento no purgatório, assim como de suas necessidades. Sua estrutura é formada por 23 estrofes e cada uma começa por uma letra do alfabeto. Dona Raquel, por exemplo, se baseia no que dizem as almas, nesses versos, para saber o que pode ser usado em benefício delas. Nesse texto também aparecem as denominações de “Igreja purgante”, que é o próprio purgatório, a “Igreja militante”, esta da qual os vivos podem auxiliar os mortos, e a “Igreja triunfante”, que é quando se “ganha o céu”. Alguns versos são entoados por Dona Raquel:

*“Ai de nós que se dilata
Na nossa ardente prisão
Quando veremos à Deus,
No reino da salvação?”*

*Bem podia nossos filhos
Nossos irmãos, nossos pais
Dar alívio a esses tormentos
Alivia nossos ais!”*

Quando a comunidade se reúne na capela para os ritos finais que precedem o cortejo fúnebre até o cemitério, é porque já houve toda uma ritualização daquela morte na casa da

¹⁸ Cantos fúnebres entoados em um velório e que se referem à pessoa do morto, que “dá certo com a ocasião daquela morte” ou com o “fato de tristeza” que tal morte representa, conforme Rosa. Ao relembrar um costume de sua avó que vivia no sertão da Paraíba, Rosa reconta esta cena narrada por ela: ao se deslocar para um velório na região em que morava adentrava, muitas vezes, as matas fechadas em direção à casa do morto com um candeeiro equilibrado na cabeça para iluminar o caminho enquanto cantava as *incelenças* dedicadas a ele. Nas palavras dessa interlocutora: “ela disse que chegava lá, cantava, vestia o defunto, ficava aquele bom pedaço, colocava o candeeirinho na cabeça e voltava pra trás. Ela disse que era um escuro, um escuro que olhe... você vê que era tão escuro que o vento não apagava [o candeeiro], era tão fechado [o “mato”] que o vento não apagava” (Rosa, mar. de 2022).

família enlutada. O velório nas casas possui uma configuração comum entre si: um grupo de pessoas de idades variadas se reúnem nos diversos espaços da casa, a depender do momento do velório e da intimidade com a família e com o morto. No velório de um homem de meia idade, casado, por exemplo, é possível localizar a viúva mais reclusa nos fundos da casa, no quintal ou na cozinha. Uma parte das mulheres mais jovens ou mais velhas lhe fazem companhia, ao mesmo tempo em que contribuem na preparação de lanches para as pessoas presentes, como chás diversos, café, bolos comuns e os chamados “bolos de caco”. Num contexto como esse é comum os homens se manterem nas calçadas, conversando sobre assuntos diversos. O caixão fica exposto no largo na sala, com castiçais de velas e um arranjo de flores em formato circular (coroa de flores) e um faixa com dizeres saudosos providenciado, geralmente, pelo plano funerário. Compondo o cenário das casas, é comum encontrarmos os retratos de família e os altares dedicados aos santos e santas de devoção.

Algumas pessoas da comunidade, como Dona Raquel, tomam a iniciativa de rezar o terço, mas nunca sem a anuência da família que, às vezes, não quer, ou porque já rezaram anteriormente ou por qualquer outro motivo que não requer questionamento, apenas respeito. Mas então, quando ocorre o terço, a casa fica completamente tomada por gente e todos entoam as orações com seus terços entre as mãos ao redor do caixão e do morto, sendo um momento de profunda conjugação das palavras e dos gestos. Até mesmo crianças param e escutam, quando não participam efetivamente com um terço na mão. Mas o velório não é só composto pelo momento da reza, e sim, por mais que seja um momento de dor em que “todos sentem”, sobretudo os familiares, as pessoas que se reúnem se relacionam de diversas maneiras.

Em um dado velório de uma mulher, as pessoas reunidas na calçada sentados em cadeiras ou no chão, maioria homens, conversam entre si vários assuntos. Um deles, explica para as demais pessoas que escutam ao redor, com mais ou menos atenção, como se fazia antigamente o “bolo de caco” na folha de bananeira, descrevendo toda a receita. Já as crianças, perambulam por todos os cantos, às vezes na guarda de seus responsáveis, mas também brincando livremente umas com as outras, o que inclui jogos digitais online, em smartphones, onde elas mesmas falam em morrer e matar os adversários fictícios. Outro menino mais travesso sobe em um muro alto e delgado, localizado em frente ao velório, encima do qual ele atravessa de braços abertos como se fosse numa corda bamba. Os adultos o repreendem, mas ele vai até o final, salta do alto do muro e sai correndo, dando risada. Assim, as sociabilidades no velório são diversas e supomos que todas elas, juntamente com os ritos propriamente ditos, compõem as memórias que mais tarde irão produzir nos presentes a lembrança do morto, o pertencimento

ao ritual e à fé católica. Como espaço de significação da morte, essas interações são comumente desconsideradas, além do mais, as percepções das crianças acerca da morte e de sua presença em rituais fúnebres pode ser explorada a partir de como elas se colocam objetivamente nesses espaços e as reflexões sobre a morte que também as atravessa cotidianamente.

Exemplo disso se apresentou na conversa entre eu e um grupo de crianças, entre seis e dez anos, reunidas com suas bicicletas. Sentada à sombra do pé de figo, na praça central do povoado, em frente à igreja, começo a conversar com esse grupo sobre o risco de cair de bicicleta enquanto se dava o “grau”, “brincadeira” muito popular entre os meninos, que consiste em empinar a bicicleta de modo que se ande nela se equilibrado apenas na roda traseira. O tema da morte foi levantado por um deles, que dizia conhecer a história de um menino que se machucou nessa brincadeira e quase morreu. Movida por meu próprio imaginário de criança sobre a morte, perguntei se eles sabiam do que se tratava a “rasga mortalha”¹⁹. Nenhum soube dizer e também não compartilhei o que eu sabia sobre, mas o tema da morte manteve-se presente. Foi aí que um deles me revela que numa cerca de arame farpado, próxima ao açude do povoado, existia ainda os sapatos pendurados de um homem que morrera afogado, e caso eu quisesse comprovar, que eu fosse lá ver com meus próprios olhos, disseram. Nesse sentido, é possível observar formulações próprias das crianças acerca da morte construídas objetiva e cotidianamente, para além da relação existente entre elas e o “mal assombro”²⁰.

Finalmente, após o momento do velório e quando as últimas encomendações são realizadas, acontece o cortejo fúnebre, onde as pessoas saem em procissão com o caixão até o cemitério. Uma prática presente nesse momento estabelece que a retirada do caixão da casa da família do morto para a capela ou desta para o cemitério, deve ser realizada pelas mesmas pessoas, às vezes amigos, outras vezes familiares, de preferência os netos, mas durante o caminho diversas pessoas se revezam. E mesmo sendo levados em carros das empresas funerárias, ao final do percurso, na frente do cemitério, esse caixão deve ser retirado pelas pessoas indicadas. Interessante notar que em um dado velório, ao chegarem com um caixão na frente do cemitério, indagou-se o paradeiro das pessoas que haviam tirado o caixão da casa. A filha da pessoa morta, vendo que não se encontravam, falou resoluta e apressada de dar continuidade ao momento, que não havia problema, que seguissem com o caixão, pois aquilo

¹⁹ Considerada a priori como “agouro”, a rasga-mortalha consiste numa coruja que, a depender das circunstâncias e das pessoas envolvidas, pode indicar uma morte próxima. Sobre agouros discutiremos mais detidamente no último capítulo.

²⁰ Para uma discussão sobre crianças, religião e “mal assombro” no Nordeste brasileiro, ver Pires (2009).

era apenas superstição. Sobre essa ideia, discutiremos de maneira mais detida no próximo capítulo.

Após o sepultamento, o momento mais crítico do luto são os primeiros sete dias após aquela morte. Isso está relacionado ao sofrimento mais intenso daquela família que está se acostumando com a perda, mas também ao fato de que o espírito da pessoa morta permanece por perto durante esse tempo, como os mais velhos diziam, segundo dona Raquel. E tudo deve ser feito em prol daquela alma:

Quinze minutos, a pessoa passa um terço, é bem rapidinho. E quantas [almas] tão lá, esperando? (...) Que a reza, uma missa, pras almas, é como água. Que elas tão no suplício. Depois que sai dessa vida aqui só Deus que sabe. Outros falam assim, Cinthia: “Morreu, fica aqui mesmo”. Pode ficar, mas padecendo da sentença. Deus dá a sentença. Ninguém sabe onde vai passar. Se na Terra... “Foi pro céu, morreu foi pro céu”, é o jeito da gente dizer. Todos nós tem esse jeito. É que nessas horas os anjos dizem amém, né? Mas tem a sentença, minha fã, pra cumprir. Ou aqui, ou aonde for (Dona Raquel, out. de 2021).

Seja como for, na comunidade as pessoas rezam o Terço na casa da família enlutada seis dias seguidos e, no sétimo e último dia, se reza o terço no cemitério, junto ao túmulo. Há um caso, inclusive, contado por uma interlocutora, que uma mulher que morrera num sítio próximo ao povoado apareceu em sonho para uma parente pedindo que completassem os sete dias de oração, coisa que não foi realizada anteriormente devido parte da família ser evangélica. Casos como esse afirmam as necessidades das almas que ficam vagando e esperando sua “sentença”.

2.2 “Nós, que aqui estamos, por vós esperamos”: o cemitério Morada da Paz

As relações de parentesco na comunidade e o sentido de família, que se constitui também pela lembrança dos mortos, podem ser pensadas no contexto do cemitério (Imagem 7), já que lá as pessoas têm uma perspectiva objetiva de geração e ancestralidade, ainda que isso não seja explicitamente mobilizado. Então, a cada velório ou visita ao espaço, crianças, jovens, adultos e idosos reelaboram suas perspectivas sobre a morte, em geral, e sobre os mortos, em particular, o que não deixa de incluir a própria finitude. Nessa concepção, é que, para Ana, no cemitério Morada da Paz, localizado no povoado, deveria ter estampada a frase: “Nós, que aqui estamos, por vós esperamos”, e complementa:

É o destino, é o ciclo da vida, não é? Eu, por mim, colocaria essa frase ali [no muro do cemitério]” (Ana, out. de 2021).

Imagem 7 – Cemitério Morada da Paz



Fonte: arquivo pessoal

Assim, em dado momento, pouco antes de Finados em que fui com um menino de oito anos visitar o cemitério, observo que ele se demora num túmulo específico, de formato retangular, pequeno e desgastado, o que indicava ser o túmulo de uma outra criança, ou “anjinho”, como chamam. Não era preciso interromper sua curiosidade ou meditação para saber que reparar num túmulo talvez abandonado de uma criança o fizesse refletir sobre a condição dos mortos ou da sua própria condição diante da morte. Isso, claro, em seus próprios termos. Após um tempo, o menino me indaga se “esqueceram” da criança ali, sepultada, visto que não tinha vela, não tinha cruz, não tinha nada.

Outra vez, no cemitério, uma mulher chora penosamente diante do sepultamento de uma conhecida sua que morrera “cedo demais” devido uma doença incurável. Se preparando para ir embora, ela dá as costas para a cena do sepultamento enquanto deixa escapar o pensamento em voz alta: “era da minha época, da mesma geração”. De forma diferente, outra senhora, um pouco mais velha que a anterior, durante esse mesmo sepultamento, diante da mesma cena, sozinha, se demora à beira do túmulo, enquanto os homens e as pás exercem a função de fechar a cova. Ela não chora, mas mantém um semblante grave enquanto pega um punhado de terra, joga sobre o caixão, limpa as mãos uma contra a outra e vai embora sem companhia, sem dizer palavra.

Mais tarde, em entrevista, eu lhe indago sobre essa prática e ela me conta que não tem muito segredo:

Eu jogo um punhadinho de terra lá, dois punhadinho de terra, pronto, aí o tanto que a pessoa quiser. Eu vou, acompanho o enterro, tudo, mas com aquela coisa assim, sabe, sei lá... aquela tranca por dentro. Você vê a mãe de você enterrada, um irmão seu, um pai seu, ix!. (Dona Miúda, mar. de 2022).

Para Adriano, a hora do sepultamento é um dos momentos mais complexos e difíceis no ritual:

Mexe muito com a gente como um todo, você tá anestesiado com tudo que você já vem vendo, porque você sabe que ali vai ser o último momento que você tá vendo aquela pessoa no caixão, literalmente. Quando jogam o punhadinho de terra, que vão cobrir, aí pronto, acabou fisicamente. É muito doloroso, é o momento dos mais dolorosos. É você sentir, quando você fecha os olhos, [que] vem toda a lembrança de alguns familiares, que você vivenciou. Você escuta a terra batendo no caixão. É muito difícil (Adriano, jan. de 2021).

O conjunto das cenas narradas remetem a um “complexo cognitivo/afetivo” que compreende a interconexão entre a memória, saudade, tempo, espaço e ritos, elementos fundamentais na produção de uma categoria de “pessoa” presente na cosmologia católica, o “ente querido”, conforme desenvolvido por Reesink (2012, p. 366). Para essa autora, a produção do ente querido passa pela trajetória e características individuais dos sujeitos, mas também leva em consideração o fato de se ter vivido ou não a morte de um parente ou amigo ou se a morte em questão é um evento recente ou longínquo. Assim que, nesse processo, a memória tem um “papel fundamental na reprodução de uma afetividade positiva, ou mesmo no esforço de transformação dos sentimentos negativos em positividade” (p. 371). Nessa direção, o terço rezado diariamente durante os sete dias, além das missas de sétimo dia, de mês e de ano, se faz ainda mais importante, tanto para a família, como para a alma do morto. Então, viver o ritual, e todos os sentimentos que ele implica, permite construir a memória do morto que, a depender do tempo, vai sendo ressignificada. Nesse sentido, a autora apresenta tipos de memória: memória-perda, à exemplo do relato de nosso interlocutor; a memória-sofrimento, que se pode observar de maneira privilegiada na missa de sétimo dia; e a memória-saudade, a qual, de certa forma está presente nas outras formulações sobre a memória, sendo que em cada uma delas há um aspecto mais acentuado.

Em se tratando de tempos e espaços de construção da memória sobre o morto, pode-se dizer que existe uma variação diferente da capela, o cemitério não é um lugar para onde se deva ir com frequência, sendo essa atitude até mesmo desencorajada, dependendo do contexto. Para

muitas pessoas, o cemitério é um local que evoca a dor e o sofrimento que acompanha sentimentos como a saudade. É o que ocorre para um dos entrevistados que perdeu de maneira abrupta uma filha jovem e, o que é sua fonte de desgosto, “sozinha, em um hospital”:

Eu ia ao cemitério todo dia, acredita? Bem cedo o dia amanhecia, eu levava um bujãozinho d’água pra botar numa plantinha lá, mas quando foi do meio pro fim, comecei a me sentir mal. Aí conversando com uma pessoa, [ela] disse: “Olhe, deixe de ir, não vá todo dia não”. Aí eu deixei, passei a ir um dia, dois, por semana. Aí aquilo passou. Eu acho que eu me emocionava demais. (João Siqueira, fev. de 2022).

O contexto em que não se pode viver e ritualizar a separação aparece como dos mais sofridos entre aqueles que passaram por essa experiência. Assim que, o “morrer em casa”, em companhia das pessoas queridas, ainda oferece algum alívio, beneficiando assim o processo de luto dos vivos, o qual interfere diretamente na condição dos mortos. Isso porque na comunidade há relatos de que quando se sofre ininterruptamente por longos períodos, as almas acabam sendo prejudicadas no seu caminho. Nesse sentido, a falecida irmã de uma interlocutora apareceu em sonho para outra pessoa pedindo que a “deixassem descansar”, o que foi imediatamente obedecido.

Portanto, ir frequentemente ao cemitério pode, por exemplo, atrapalhar o caminho também dos mortos, ainda que isso não seja dito explicitamente conforme o seguinte diálogo:

Ô dona Miúda, a senhora costuma frequentar o cemitério? Oxe, Ave Maria, eu gosto! Só não gosto de ir direto, direto, que nem muita gente vai, direto, direto. Direto eu não gosto não. Olhe, tem umas pessoas que são bem dizer família minha. Rosinha, era mesmo que uma mãe pra mim, eu zelo a cova dela, a catacumba dela, eu ajeito, dela e, principalmente, padrinho Antônio de Mané. Ele é padrinho de meu menino, foi vereador. Tomou de conta da minha mãe, ele e Cida, até o fim. E tem outra pessoa aqui que era boa também. Você, qualquer hora do dia ou da noite, a pessoa dizia: “Arnaldo, eu tô assim...” Ele tava pronto a servir você. Arnaldo Silvino. Ele, compadre Antônio de Mané, Arnaldo Silvino e Rosinha. Ave Maria, ajudava os povo demais. **Aí a senhora visita eles lá, faz orações?** É, mas eu não vou todo dia não. Tem gente que vai todo dia, não gosto não. Porque é uma coisa assim, sei lá... **A senhora acende vela lá...** Acendo, na de mãe, na cova de Antônio de Mané, na de Rosinha... **A sua mãe tá aqui? [no cemitério do povoado]** Sim, tá aqui! Acendo no pai de Chiquinha, Janú, também. Eu zelo a cova deles lá. São tudinho arrumadinho. **Que é onde meu pai tá.** Cição tá enterrado ali? **Tá.** E tá junto com dona Neves? **É.** No mesmo canto? **No mesmo canto.** Pois eu já tava pra perguntar a tu, aonde era a cova de Cição. **Pois é ali: tá ti Janú, tia Neves, painha e meu avô.**

Se o motivo de evitar idas frequentes ao cemitério muitas vezes não está tão claro, a importância de não deixar de visitá-lo, ao contrário, é mais do que evidenciada, pois diz respeito a um sentido de gratidão e reciprocidade existente nas relações de parentesco e afinidade, que

perpassa o cotidiano em comunidade, mas que pode ser observado no cemitério a partir do zelo empregado por pessoas como dona Miúda (Imagem 8), que sabe e exerce sua responsabilidade para com os mortos, mas compreende os limites necessários na relação com estes.

Imagem 8 – O zelo nas relações e o parentesco impresso nos túmulos



Fonte: Arquivo pessoal

Devido a essas relações de parentesco e afinidade, a visita ao cemitério é posta como uma “obrigação” que não deixa de incluir uma afetividade, e pode ser cumprida por ocasião de sepultamentos, aniversário de morte, dia dos pais, dia das mães, mas, principalmente, Finados. Para o dia de Finados, o povoado se mobiliza desde o dia anterior, o que inclui limpar, pintar e ornamentar os túmulos, que se estende até a noite. No dia seguinte vive-se o dia de Finados até

mesmo involuntariamente, pois, sendo feriado nacional, os indícios de Finados estão em toda parte, já que a morte um fenômeno e um fato social total.

Sendo uma festa em família, pessoas que moram fora do povoado chegam de todos os lugares para visitar os seus entes queridos, fazendo de Finados também um encontro entre os vivos, no que nosso interlocutor, Adriano, definiu como um “encontro de lembranças”. E nesse encontro é mobilizada uma variedade de assuntos, memórias de quando tal parente era vivo, as brincadeiras em famílias, suas particularidades e os momentos importantes vividos com ele. Do mesmo modo, parentes vivos que não se viam há muito tempo tornam a se ver e se atualizam sobre os assuntos. Em Pelo Sinal, a reflexividade que diz respeito à morte e aos mortos se movimenta conforme o tempo, à medida que as percepções vão se modificando ao longo da idade e das experiências entre gerações. Como ressalta, ainda, Adriano, “pessoas de nossa infância”, que nos foram referências no sentido de educação, vão morrendo gradativamente, gerando uma compreensão individual sobre a própria finitude, além da finitude dos outros.

Assim, no contexto desse “encontro de lembranças” pode-se observar algumas famílias reunidas ao redor do túmulo, às vezes vindas de São Paulo e outros lugares distantes, ou então das cidades e sítios circunvizinhos, todos com camisas estampadas com a imagem da pessoa falecida, a relembrar os momentos mais marcantes, ou simplesmente conversando assuntos diversos. Com relação aos que vem de longe para o dia de Finados, é frequente que eles procurem as pessoas da comunidade, como Dona Raquel para se localizarem pelo cemitério (Imagem 9):

Nesse cemitério mesmo, tem umas covinha que acabou... as famílias saem pra longe, ou pra São Paulo, ou vão morar fora. Tem uns que até vem perguntar: “Sobe onde é a cova de tal pessoa?”, que faz muitos anos... tem gente que veio, dia de Finados mesmo, vem gente de São Paulo procurando a gente que mora mais perto e sempre visita: “Onde é a cova de tal pessoa?”. Se tiver cruz com o nome, a pessoa sabe, se não tiver... tem uma que a cruz cai, a maneira se quebra, tudo, por isso que a gente faz logo alguma coisa, porque não sabe o tempo que a gente tá aqui. Faz assim um túmulo, uma catacumba ou uma carneirinha... tem tudo isso pra fazer (Raquel, out. de 2021).

Imagem 9 – Túmulo e memória



Fonte: Arquivo pessoal

“Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra”. A frase atribuída à Santo Agostinho, reproduzida amplamente nos santinhos fúnebres e epígrafes tumulares resume algumas das concepções da comunidade. Primeiro, que estar com Deus é a grande espera dos vivos, que buscam fazer o bem no intuito da salvação após a morte e que não dispensam esforços para que seus entes queridos também tenham esse destino. E por isso acendem velas e rezam e pedem por eles. Outra coisa que se pode inferir é que, se os mortos não esquecem aqueles a quem amou na terra, – e isto se comprova pelo fato de auxiliarem vez por outras os vivos, dando-lhe conselhos, ajudando-os em decisões importantes e até mesmo

parabenizando-os as conquistas –, é de necessária reciprocidade que os vivos também não esqueçam aqueles que morreram, pois, mantendo-os no “coração”, eles permanecerão vivos. Como indica a narrativa de Ana:

Aconteceu um fato bem interessante. Fazendo uma encomendação de um corpo ali em frente à igreja, minha comadre disse assim: “Ô comadre Ana, fulano [já] morreu, mas eu senti que fulano morreu [mesmo] esses dias”. Aí eu disse: “Por que?”. “Porque você falou um dia assim: que a pessoa morre quando deixa de existir no coração das pessoas que conviveu na Terra”. Eu explicando lá, se você deixa a pessoa morrer no seu coração, se não pensar mais, então a pessoa morreu. É quando morre. Aí ela disse assim: “Sabe porque, comadre? É porque eu fui no cemitério, na cova dessa pessoa, não tinha uma vela. Aí foi esquecida. Aí então essa pessoa realmente morreu agora”. Quer dizer, é nesse sentido, quando quebra essa relação aí você deixa de existir. Por isso que tem toda essa memória, tem todo esse resgatar. (Ana, out. de 2021).

Essa categoria do “coração” é discutida em Reesink (2012) no que se refere ao seu vínculo com a saudade. Para essa autora, a saudade se trata de uma maneira cultural de elaborar relações com a duração do tempo e, nesse contexto da morte e dos mortos, a saudade não está dissociada da afetividade e da memória. Então, a saudade tanto pode indicar as boas lembranças que se tem daqueles que já morreram, quanto pode implicar na dor, por exemplo, de uma falta material. Assim, a saudade não está atrelada somente ao pensamento, mas ganha o sentido do “coração”, pois se materializa numa experiência corporal:

E lá no cemitério a gente vai e sempre planta umas plantinhas na cova e vai aguar. Uma maneira de manter, [mas] é difícil, porque quando você vai você recorda, não é? Às vezes traz lembranças boas, saudade, e muitas vezes essa saudade dói. Se a gente criasse esse hábito [de ir] talvez a gente não sofresse tanto, não ficasse ligado tanto a esse corpo material, a gente fosse bem mais leve. (...). Mas você sofre, então eu prefiro não ir muito sabe? Mas vou, no dia de Finados eu vou, que é um costume, mesmo. Mesmo quando não tinha meu tio, minha irmãzinha [enterrados]. É como se fosse uma obrigação mesmo. (Adriano, jan. de 2022)

Como visto, é preciso um certo esforço para que essa morte definitiva não se dê através do esquecimento, e por isso os ritos são tão importantes. Dona Raquel fala que, às vezes, quando se deita muito cansada e esquece de rezar, acaba sendo requisitada por aqueles que precisam de reza:

Eu vou dormir naquela ‘elevação’, aí eu “vejo” gente, ou me chamar ou falar algum nome de pessoas que eu conheço na voz, aí eu digo: ‘Ah, não... é fulano, heheim, a rezinha!’. Aí eu me sento na cama, aí eu rezo. (Dona Raquel, out. de 2021).

Dessa maneira, o cotidiano não permite que se lembre o tempo todo dos mortos e por isso é necessário conscientemente lembrá-los nos ritos.

2.3 Os mitos e os ritos em *Lembrar Jesus*

Sabe-se, entre os católicos, que a morte não existiria no mundo se não fosse o pecado original. O pecado e a morte, portanto, chegaram acompanhados. Isso quem nos lembra é Seu Emídio, conhecido como aquele que “entrega os corpos”, na prática de *lembrar Jesus*. Sua fala se remete à passagem bíblica em que Adão e Eva, seduzidos pela serpente, comeram do fruto proibido e “se acharam vergonhosos de se mostrar”. A partir de então, feitos pecadores, os vivos buscam pelo perdão ao longo da vida, o que também nos impõe o exercício do ato de perdoar, já que Jesus, com “imenso amor”, aceitou a morte na cruz pela salvação dos homens, perdando, assim, seus pecados. Nessa leitura, pode-se inferir que a aceitação da morte pelos cristãos representa, além de um ato de amor, à exemplo de Jesus, um ato de perdão. E é por esse ato de amor e perdão que se agradece já na primeira estação da Via Sacra tradicional, realizada pela comunidade durante a quaresma.

A prática de *lembrar Jesus* não foi observada diretamente em campo, tendo sido realizada pela última vez há pouco mais de cinco anos. Porém, mais do que compreendida e recorrente em seus aspectos rituais, ela é uma prática extremamente marcante na memória das pessoas com as quais dialoguei, sendo raro quem diga que nunca ouviu falar. Ouvir, inclusive, é algo que torna a prática de Seu Emídio “diferente” de outras já experienciadas, de modo que, na perspectiva de algumas pessoas, tal prática é assim apresentada:

Ave Maria! Eu não gosto nem de falar, o que ele dizia. Tão alto no mundo! Eu mesma fico nervosa, fico assombrada, quando eu ouço aquilo (Jan. de 2022).

Outra interlocutora, presente nesta mesma entrevista, contextualiza baixinho: “É porque ele demora pra dizer, aí ele demora e grita. Ela quer dizer isso” (Jan. de 2022). A demora está relacionada aos desdobramentos da prática que consiste em vocalizar determinadas palavras que são dirigidas ao moribundo no exato momento de sua morte. Nesse sentido, outra interlocutora discorre sobre as reações e as emoções que lhe envolvem em decorrência dessa prática:

Eu corro com medo, porque é muito agourento. (...) É gritando, ele grita, então mesmo de longe você ouve. Só entra [na casa] quem tem coragem mesmo de entrar. Eu não tenho. Que eu acho feio. Feio quer dizer desesperador, não é? Acho que não seria tão feio [só com] a oração, mas feio o jeito como ele faz,

porque se desespera. Ou você se estrutura pra tá ali, pra ver, ou você não fica. (Jan. de 2022).

Em campo, ao tomar conhecimento dessa prática, fui informada que ela vinha se realizando cada vez menos por Seu Emídio, justamente porque para algumas pessoas ela é vista como algo “agourento”. O excesso percebido por essas interlocutoras é contrastado com os momentos em que a prática foi realizada por outros integrantes da comunidade ou da região, como é o caso do já falecido Tomé, conforme uma interlocutora: “Emídio diz de uma maneira, Tomé já falava de outra. Tomé era uma pessoa calma, era assim, uma coisa tão bonita, que você chega ficava assim, cruzava os dedos [das mãos]” (Jan. de 2022).

Atualmente, outra pessoa na comunidade sabe *Lembrar*, que é o caso de Dona Raquel, mulher negra, idosa, de origem indígena, segundo memórias familiares, ministra da eucaristia e rezadeira. A prática foi herdada de seu pai, a quem ela mesma “lembrou” no leito de morte, além de sua mãe e de seu irmão, o que caracteriza a realização dessa prática num contexto mais familiar, diferente de Seu Emídio que “lembra” quem precisar desde que o requisitem. A partir dos ensinamentos do seu pai e de sua prática, Dona Raquel nos explica algumas especificidades do ritual:

Papai dizia demais: “Morrer com vela e Lembrar o nome de Jesus! Chegando ao alcance de vocês, não deixe não, morrer sem vela e sem lembrar o nome de Jesus.” Porque dessa vida, na hora... os antigos falam, não é? Os antigos e nas escrituras também fala, que vai acabando as oiça, a visão, a voz... Já vii uma pessoa morrer e falando, falando normal mermo? Muito difícil. E a visão vai acabando, e as oiça. Aí a pessoa Lembra o nome de Jesus alto, bem alto, pra aquela pessoa escutar e ir com aquele pensamento em Jesus. Nos ouvidos, na cabeça, na mente (Dona Raquel, out. de 2021).

Adriano também se remete à memória de quando criança, ilustrando os elementos que lhe ficaram marcados ao presenciar esta prática:

Já presenciei na hora, no momento de morte. Na época que eu vi, eu era criança. É bem difícil e dramático. (...) Seu Emídio ficava em pé, pegado nas mãos da pessoa. A vela acesa e ficava gritando as palavras, o nome de Jesus e citava o Rio Jordão. Aí falava algumas orações específicas. E gritava alto, alto, que quem tava longe da casa dava pra ouvir. É como se a pessoa vai... (eu acredito que sim, né) a pessoa vai morrendo e vai perdendo a audição, vai perdendo todos os seus sentidos. Ele falava muito alto, exageradamente alto. Então isso me chamou atenção, não é? Rezava alto, bem alto, só ele e as outras pessoas ao redor. Mas foi assim, o que me marcou (Adriano, jan. de 2022).

Confrontada com as percepções que envolvem medo e desespero em *lembrar Jesus*, outra interlocutora é enfática sobre o significado e o propósito da prática:

É um momento difícil que todo mundo tem que passar. Não existe essa palavra assim “não tenho coragem”: tem que ter! E vai deixar aquela pessoa morrer sem vela, sem nada? (Dona Vânia, mar. de 2022).

Conforme as falas, em *lembrar Jesus* se evidencia um elemento de grande importância desde o momento da morte: a vela. Para Dona Raquel, a vela simboliza a luz, que é vida, pois a vida que terminou aqui, recomeça no outro mundo, após a morte. Assim como para Dona Vânia, que acredita que os mortos seguem a mesma jornada de quando eram vivos. Quer dizer, a morte não significa uma ruptura, pois o caminho daquele não cessa após a morte. A diferença é que os mortos precisam ainda dos vivos, pois só estes podem oferecer a “claridade” que a vela representa, enquanto um recurso para a salvação daquela alma. Além da vela, também as missas, as indulgências, as penitências e a própria eucaristia servem a essa finalidade. E a todos esses recursos se conjuga o ato da palavra ou a prece, como no exemplo da eucaristia, que pode ser um auxílio para os mortos, desde que no momento em que for comungar seja comunicada a intenção em pensamento ou oralmente: “Eu comungo na intenção de fulano”.

Em *lembrar Jesus*, então, a vela é fundamental, indicando mesmo a duração do “momento da morte”, como poderá ser observado posteriormente na fala de Seu Emídio. Nas falas a seguir, pode-se perceber que há aqueles que demoram mais a morrer e a isso é dado certo significado, pois o sofrimento nos últimos momentos daquele que morre pode indicar valores que são prezados socialmente:

É o momento que bota a vela na mão, que você vê que tá morrendo mesmo. Dona Santana mesmo, botaram a vela na mão dela (quantas vezes mãe? Um monte) e ela não morria. Mandaram chamar Emídio... Aí o pessoal mais velho fala, não é, que quando você demora assim pra morrer é porque o corpo não quer se desprender da alma, a alma não quer ir embora (Jan. de 2022).

Às vezes, [quando] uma pessoa demora muito pra morrer [é porque] dizem que a gente só vai pra o outro mundo quando tem pagado um bocado de pecado aqui. Se se arrepender naquela momento, pode seguir em paz. Uma alma meio afastada de Deus, [que] tá sabendo que vai embora, quando é *lembrada* pode se arrepender com o coração (Mar. de 2022).

Dessa maneira, além da vela, o perdão se apresenta de maneira importante na prática de *lembrar Jesus*. O arrependimento de Dimas, “o bom ladrão”, pouco antes de morrer é ilustrativo a esse momento, conforme a interpretação de Ana. Nessa passagem bíblica, Dimas, que vem sendo crucificado assim como Jesus, pede que este o salve, ao que Jesus responde: “Ainda hoje estarás comigo no paraíso”. E assim, pedir perdão e ser perdoado contribui para que se obtenha de Deus a salvação. Para chegarmos neste ponto, iremos narrar as circunstâncias em que se dá

essa prática a partir dos relatos de uma morte em especial na comunidade, que contextualiza esses elementos que viemos expondo²¹.

Quando uma pessoa se encontra enferma e que se sabe que ela está prestes a morrer e, ainda, quando isso tem possibilidade de acontecer em casa, mandam chamar seu Emídio. Porém, antes de chegar a esse momento, há toda uma mobilização da comunidade em torno da pessoa enferma, quando vai chegando o seu momento mais crítico. Crise, inclusive, é a palavra utilizada por uma interlocutora, que chamaremos de Léia, para significar uma sucessão de estados através dos quais a pessoa vai-se “ultimando”: “Isso daí, que acaba o fôlego, como que ela tá dormindo, é crise, ela tá morrendo”. Foi assim que Léia percebeu, por volta das nove horas da manhã, que Maria não teria mais muito tempo de vida. Algumas mulheres da comunidade já vinham se revezando para fazer companhia a Maria, pois ela, que nunca casara, tinha poucos familiares além de um irmão também idoso. Assim, Márcia, uma vizinha, já estava junto de Maria desde cedo, mas sem perceber que seu quadro vinha piorando, como concluiu Léia e, nessas condições, era preciso chamar mais pessoas. Então, Léia foi comunicar às outras mulheres da comunidade, em sua maioria mais velhas:

Ô madrinha passei até agora na casa de Maria e Maria tá pior. Vá passar um pedacinho mais ela, que ela pode botar pra morrer, e eu vou andar pra juntar mais gente.

Enquanto outras pessoas são comunicadas, um pequeno grupo, que inclui homens, se forma em frente da casa de Maria. Até que a morte se concretizasse, foram longas horas rezando, “tirando terço”, “tirando ofício” e Maria só sofrendo. Nesse meio tempo, chega o irmão dela, choroso, penalizado, perguntando à Maria, que agonizava, o que estava acontecendo. Observando o seu comportamento, Léia inicia o seguinte diálogo com ele:

– Nunca passou pela cabeça do senhor que Maria pode estar sofrendo de alguma coisa, não?

– Como assim? (Ele responde.)

– A agente não é perfeita, assim como ela pode ter feito alguma coisa que não agradou ao senhor, o senhor pode ter feito algo que não agradou a ela. Tem que deixar as pessoas ir com o coração puro.

Ele, então, depois de algum tempo se dirige à Maria:

²¹ A forma do texto se altera aqui para destacar uma história com personagens fictícios, exceto Seu Emídio, pois o que nos interessa aqui é a dinâmica das relações que envolve a prática de *lembrar Jesus*, não as pessoas envolvidas.

– As coisas que tu já fez comigo eu te perdoou de todo meu coração.

Léia, contrariada, precisa ser mais enfática:

– Não é assim não! O senhor tem que pedir perdão a ela! Pedir que ela lhe perdoe do coração dela, que ela não fala mais. A gente tem que pedir todos os dias perdão, que amanhã eu não sei se tenho tempo de dizer não.

Vendo que ele agia com alguma resistência, Léia insiste até que, finalmente, o irmão de Maria cede:

– Maria, se eu já fiz alguma coisa de errado, me perdoa no teu coração?! Se aconteceu alguma coisa entre nós dois, me perdoa Maria!

Nesse momento o irmão de Maria vai embora e logo em seguida ela começa de fato a morrer. Léia pede para que entrassem aqueles que estavam em frente à casa, para fazerem companhia, já que ela continuava sozinha com Márcia e a moribunda que piorou repentinamente. Mas ao falar, as pessoas se assustaram, foram embora:

– Fugiram tudinho, foi pior. Vou mandar chamar Emídio, disse Léia.

Seu Emídio chega, se investe de vela, que coloca junto à mão de Maria, já que ela não consegue segurar sozinha. Somente após à chegada de S. Emídio a casa se enche finalmente enquanto ele começa a dizer as “palavras”. Maria só veio falecer à noite, após ter sido *lembrada*.

Em entrevista com Seu Emídio, foi pedido que ele recitasse as palavras tal como aconteceria no momento da morte de alguém, esquematizado nas palavras e no quadro a seguir (Quadro 3):

A gente diz assim (eu vou dizer, só que não morreu ninguém, nem é agouro, né!). Diz assim com aquela pessoa, com o nome daquela pessoa (se, por exemplo, se ela se chamava “Maria”, tem que dizer “Maria”, né!). Aí dizia assim: “Maria, quando passares no Rio de Jordão, que o Caifás saltar em tua frente e perguntar o que é que traz’, aí você diz: Eu trago cera branca, cordão bento e Jesus crucificado em meu coração”. Aí a pessoa faz e diz consigo mermo: ‘São Pedro, chaveiro do céu, São João Batista e São Gabriel, vem na minha companhia!’. Pronto, diz três vezes, essas palavras. Em voz alta! Em voz alta e com cordão por cima. Que aí pode colocar o cordão feito lacinho em cima, que às vezes [o corpo] já tá no caixão e não dá pra amarrar na cintura (que o certo é amarrar na cintura e deixar o lacinho, mas quando não dá, bota ali em cima da mão). Essas palavras [se] diz, que é pra pessoa dizer na passagem. Que é lá que [os caifás] vão saltar na frente daquela pessoa. Aí eles vão dizer... porque vão perguntar: ‘O que é que tu trás?’. Aí ela vai responder. ‘Eu levo cera branca e cordão bento e Jesus crucificado em meu coração’. Pronto, aí faz a viagem”. (Seu Emídio, Pelo Sinal, out. de 2021).

Quadro 3 – As palavras em *lembrar Jesus*

No leito de morte de quem será “lembrado”, Seu Emídio acende uma vela e a direciona para as mãos do moribundo, ajudando-o a segurá-la, se preciso. Só então as seguintes palavras são proferidas:	
Seu Emídio diz, em voz “exageradamente” alta, “gritando” (3x)	<i>Quando passares no Rio de Jordão, que o caifás saltar em tua frente e perguntar o que é que [você] traz, você diz: Eu trago cera branca, cordão bento e Jesus crucificado em meu coração!</i>
O moribundo deve repetir consigo mesmo, em seu “coração”	<i>São Pedro, chaveiro do céu, São João Batista e São Gabriel, vem na minha companhia!</i>
Seu Emídio intercala	<i>Jesus, Jesus, Jesus!</i>

Fonte: autora, a partir da narrativa de Seu Emídio.

O “Cordão Bento” ou “Cordão Bento de São Francisco” é colocado depois que o indivíduo morre, no momento em que se veste a mortalha, circundando a cintura do morto e dando três nós folgados, segundo Dona Raquel (Out. de 2021). Ou, então, simplesmente é colocado em cima da cintura do morto, quando este já foi vestido e colocado dentro do caixão, como relata Seu Emídio. As implicações desse rito consistem na completa passagem do moribundo dessa vida para a outra. Sem essa espécie de óbolo que representa a “cera branca” e o “cordão bento” a pessoa não consegue “fazer a viagem” e a alma pode ficar “encostada”, para usar os termos de Seu Emídio. É durante o sepultamento do corpo que a alma vai embora. No entanto, se esse rito não é realizado, ou pelo menos parte dele, a alma pode ficar vagando. Foi o que aconteceu com uma senhora muito querida por todos, que faleceu na comunidade por volta de quinze anos atrás. A partir dos relatos de uma filha de Seu Emídio, este nos conta que a alma dessa senhora apareceu em sonho, a sua filha, dizendo o seguinte:

“Ói, você diga a [?] que vá lá no cemitério, lá na minha cova e bote o cordão bento que eu ainda tô no Rio de Jordão, não atravessei porque ainda não foi colocado o meu cordão.” Aí a menina, quando amanheceu o dia, ficou com aquele medo, aquele medo sem querer dizer [a ninguém], [e] chegou a sonhar de novo. Parece que [já] na outra noite ela sonhou de novo. Aí ela foi e chamou as meninas [da família] e contou a história: “Ói, eu sonhei isso assim e assim, se vocês quiserem pai vai botar, mas que eu sonhei que ela tava no Rio de Jordão, não tinha atravessado o largo do Rio [por causa] da falta do cordão, aí vão lá” (Seu Emídio, out. de 2021).

Em decorrência disso, a família se mobilizou, comprou o cordão e foram junto com Seu Emídio, para que ele pudesse colocar. No cemitério Seu Emídio disse as mesmas palavras:

Ela não tava mais ali presente, mas eu disse as mesmas palavras como se ela estivesse ali junto a nós. Coloquei o cordão lá na cruz. Nunca mais minha

menina sonhou com ela, nem se é viva, nem se é morta, nem nada”. (Seu Emídio, out. de 2021).

Tendo em vista que Seu Emídio já “lembrou” muitas pessoas, ele possui um conjunto de conhecimentos sobre esse momento da morte. Em algumas circunstâncias em que lhe chamaram para “lembrar”, era possível reconhecer que a pessoa ainda demoraria a morrer. Nesses casos, Seu Emídio vai embora e retorna quando é chegado o momento. Quem está acompanhando a pessoa enferma em casa, geralmente algum familiar, tem condições de perceber se ela morrerá em breve ou não. Desse modo, existe um repertório de “sinais” que indicam que aquela pessoa está nos seus últimos momentos de vida, e que são construídos a partir da experiência daqueles que vivenciam a morte. Ao ser indagado sobre esse saber de quando se está para morrer, S. Emídio responde com a seguinte comparação: “É como acompanhar um pé de planta no dia a dia”:

Você vai botando água, ajeitando ele. Quando você falta aquela aguinha, ele começa murchando. Aí você tá vendo: “Êh, o pé de planta tá sentido, ele tá murchando”. É como aquele doente, você cada dia tando com aquele doente, você vai ver ele enfracando, enfracando, enfracando. E quando você vê ele prostrar, você sabe o que é prostrar? É não se mexer mais. Só se mexer se mexerem [nele]. Tá prostrado ali, não mexe com o pé, não mexe com o braço, não mexe com a mão, só se você mexer com aquela pessoa; a não ser, só [se percebe] o fôlego dele que [ainda] tá respirando. Quando você vê aquele fôlego dele encurtando, encurtando, você bota a mão na perna [e] vê aquele geladinho até no joelho, ali não volta mais quentura não. Não esquentamais não. Vê os braços esfriar até nos cotovelo, ali não esquentamais não. Você vê procurar o pulso dele, não encontra mais. Às vezes, já vai aqui o pulso dele, já não vorta mais. Já pode ficar se esperando. E você vê aquela pessoa só naquele rancozinho, estraladinho na garganta. Pronto, tá bem pertinho do fôlego dali acabar ali, sair fora. A barriga já nem mexe mais. Você nem vê mais mexer a barriga, subindo o ar e descendo, não. Pronto. Aí aquele suspiro vai indo, vai levando, levando até sair fora. Quando saiu fora... às vezes tem deles que sai ligeiro, outros demoram. Já vi acontecer [de queimar] até um pedaço da vela, não é? E outros queima bem pouquinho, só quase dá tempo acender, o espírito sai. Quando você vê ele abrir a boca uma vez, quando abre a boca uma vez, às vezes só abre a outra. Quando abrir a boca a outra vez, já não abre mais. Dali já tá com Deus (Seu Emídio, out. de 2021).

Pode-se dizer que o fundamento desse ritual que é *lembrar Jesus*, é perdoar e ser perdoado, mas também como o próprio nome diz, lembrar de Jesus implica morrer com o nome e palavra Dele, em pensamento e no coração, principalmente no que diz respeito à promessa de uma nova vida conforme os preceitos cristãos. Então é possível que essa prática não esteja restrita ao contexto que apresentamos, pois seria necessário um conjunto de fatores para que ela pudesse ocorrer inteiramente: o morrer em casa, a experiência e sabedoria de S. Emídio, a vela, o cordão, as “palavras” específicas e toda a performance implicada nos gestos, só para citar os

elementos mais aparentes. No contexto de um hospital, por exemplo, que sequer a vela pode ser utilizada, como seria então *lembrar Jesus*? É o que Seu Emídio nos relata:

Pronto, ói, eu não sei não, mas a morte é uma coisa muito invisível, não se espera. A morte não se espera. A morte é assim: pra saber mermo que tá já morrendo e vai morrer é difícil. Porque o próprio médico tá com paciente internado, ele cuidando dele [do doente] e morre nas mãos dele [do médico]. Quando eu levei minha irmã (ela passou uns dias internada) eu cheguei lá no dia pra fazer uma visita a ela e minhas meninas ficaram lá. Eu cheguei aqui em casa e disse pra minha família: “Vocês querem ver Celeste, (o nome dela era Maria, mas o apelido era Celeste, a *marca* dela) vocês querem ver Celeste, vão lá, que ela não vem viva mais não, podem ir visitar ela”. No outro dia, foram. Aí eu cheguei lá, assim, umas nove horas do dia, quando eu cheguei lá aí ela tava naquela agonia, aquela agonia, aí depois deram uma injeção nela. Aí depois ela virou pra mim e disse: “Ô Emídio, já é hora de morrer (que ela não queria morrer não) reze pra minha morte!”. Aí eu disse: “Tá bom”. E eu vendo que ela tava já indo. E quando chegou a hora mermo que eu passei a mão na testa dela, assim, que eu vi aquele suor frio, que eu disse pra ela: “Ô Maria, vinte e nove anos que tu viveu mais eu, dentro da minha casa, já tivesse raiva deu?” Ela disse: “Não”. (Mas só que tem, num tem jeito). [Continuando]: “Se tu tivesse, tu me perdoa visse, tu me perdoa?” Ela disse: “Tá perdoado, tá perdoado”. Aí foi e demorou pouco, eu disse pra [minha] menina: “Ô preta, ela tá morrendo”. Mas não podia acender vela lá, que tava o oxigênio do lado dela. Com pouco, lá vem [a] enfermeira e o doutor (“minha irmã tá morrendo”). Aí quando chegou, o doutor colocou um aparelho, assim, na boca dela, assim, a boca dela abriu tanto assim (que não sei como uma boca podia abrir tanto assim) e outra doutora ficou na barriga dela, assim... Aí eu disse a ele: “Não, não adianta mais não, essa daí já morreu. Ela tá morta, não volta mais não”. [O doutor]: “Como é que o senhor sabe que ela já morreu?” [Seu Emídio]: “Porque de todos que eu já assisti que fez isso aí não voltou mais não, morreu; essa não é a primeira que tô assistindo morrer não, eu já assisti muita gente morrendo.” [O doutor]: “Corre com ela pra sala vermelha”. Levou ela pra sala vermelha e num sei o que fizeram, porque não entrei mais lá. Mas num fiquei mais esperando ela vir viva não, que já entraram com ela morta, eu vi ela morrendo. O doente que eu ver ele morrendo, pode enterrar, que não vai enterrar ele vivo não. E nem doutor dá mais jeito não, de jeito nenhum. Aí eu digo: “Ela morreu”. Eu disse a preta: “Já morreu, ela saiu morta daqui”. Pronto, levaram ela morta pra lá. Quando chegaram, disseram: “Ela morreu”. Ora! Se eu já vi ela sair morta... Que mais vou saber se ela morreu? Fizeram aquilo ali porque é o de “doutor” fazer mermo, pra ver se retorna, mas se eu vi ela dar o derradeiro suspiro, fechou a boca pela derradeira vez, cabou-se, foi simhora (Seu Emídio, out. de 2021).

Da mesma maneira, essa prática se estende em outras circunstâncias de despedida, com outros atores na função de “lembrar”, como foi o que ocorreu com Ana, que de certa forma “lembrou” sua tia que viu falecer também no hospital:

E a gente fala que ela estivesse com Deus, com Jesus no coração. E rezei, rezei o Pai Nosso, e foi o que eu fiz (Ana, out. de 2021).

Então, *lembrar* o nome de Jesus, é uma oportunidade de pedir perdão de todos os pecados e como uma forma de obter de Deus a salvação.

CAPÍTULO 3 – MORTE, MORTOS E IMAGENS-AFETO

Esse mundo que nós vive nele, um mundo tão bem feito desse, que a terra é suspensa do nada, [quer dizer] ela é suspensa só no poder de Deus. É o poder de Deus que sustenta a Terra. Pronto, aí nós veve aqui sabendo que tem esse mundo tão maravilhoso [e] vive nele porque alguma pessoa de muito prestígio fez o mundo e nele soltou nós.

(Seu Emídio, Pelo Sinal, 2021)

“A morte é um mistério”. Uma parte significativa das pessoas da comunidade católica que se disponibilizaram a dialogar comigo sobre este tema, de maneira mais ou menos direta, começam ou terminam as suas falas com tal certeza. E por isso mesmo, porque esse mistério implica necessariamente num esforço de significar algo, é que a morte, para a maioria delas, também não é um fim. Isso quer dizer que existe uma sabedoria de que nem tudo acerca da morte e dos mortos poderá ser explicado, especialmente no que se refere à sua imprevisibilidade, pois, afinal, de acordo com algumas falas: “nós tamo aqui, daqui a pouco nós não sabe onde é que tá”; ou “vou pra casa, e não sei nem se eu chego vivo em casa”. Mas os prolongamentos da existência, engendrados nas relações entre os sujeitos vivos, entre os sujeitos vivos e os mortos, além da natureza e a sobrenatureza que os cercam, explicam muitas das coisas deste e do “outro” mundo – inclusive Deus, que é quem verdadeiramente “sabe”, que é quem “dá o parecer”:

É muito interessante, que a morte é um segredo grande. Mistério, né? É um mistério, porque marido não vem dizer a mulher como é, filho não vem dizer a mãe, mãe não vem dizer a filho. Nada. É um mistério, isso que a gente sabe: é da ordem de Deus (Dona Raquel, out. de 2021).

Quem morre é um segredo de Deus, só ele que sabe, a gente não sabe nada não. Olhe, um dia, diz que era dois irmãos, aí sempre eles brincavam [um] com o outro e diziam assim: “Se tu morrer primeiro, tu vem dizer como é que é a outra vida”. Aí um dia, um [deles] morreu. Diz que foi, quando chegou, ele conheceu [a outra vida e voltou pra contar]. “Como é que é?”, o vivo perguntou. “Não é nem do jeito que você falava, nem do jeito que eu falava”. E também não contou [mais] nada (Dona Rita, jan. de 2022).

Assim, aquele que morre, e o seu destino e a sua agência entre os dois mundos, também é um “segredo” de Deus. Mas então, o que se pode saber e o que se cultiva sobre a morte e os mortos na comunidade católica de Pelo Sinal? Na perspectiva de uma cosmologia católica, Deus é a personagem principal, vindo, em seguida e abaixo dessa divindade, a pessoa humana, a criatura sem a qual o Criador não poderia ser pensado, pois são complementares entre si. Se por um lado a existência de Deus é condicionada pela cultura humana, por outro, o sentido das

relações entre os vivos e os mortos, e as ações decorrentes delas, se ancoram na certeza da presença e do poder de Deus. Assim, conforme Reesink (2005, p. 15), “a divindade cristã-católica está ao mesmo tempo fora e dentro do homem, presente na natureza e separada dela, é inversão e continuidade do homem, está encarnado e não encarnado; é real e simbolizado”. Essa lógica está presente, embora de maneiras diferentes, nas falas desses interlocutores:

Se não fosse os apóstolos ter escrito alguma coisa pra deixar, nós não sabia nem de que jeito era Jesus, nem se existia esse Jesus, nem se existia Deus, porque nós não sabia de nada. Hoje nós sabe que Jesus existe. Nós sabe porque tá escrito, os apóstolos não iam escrever mentira, e foi ditado por Jesus, feito nós tá conversando aqui. (Seu Emídio, out. de 2021).

Tem que ter fé, na realidade. Porque se a gente não tiver fé, e não acreditar em Deus, as coisas perdem um pouco de sentido. Do nosso lado humano, né? Não sei se é porque a gente é tão fraco, que a gente tem que acreditar numa força além pra poder continuar a nossa vida, e dar sentido à vida. Ou é medo em si mesmo (Adriano, jan. 2022).

Mas, sendo um Deus de amor e perdão, tanto quanto de justiça, na concepção da ética cristã do bem e do mal, conforme, ainda, Reesink (2005), ele também julga as suas criaturas de acordo com os seus méritos, de modo que os mortos irão receber, proporcionalmente, por tudo aquilo que fizeram na Terra:

Se for bom, eles recebem o bom, e se não foi, se foi coisa que não agradou a Deus, vão sofrer as consequências também”. (Dona Raquel, out. de 2021).

No entanto, em decorrência da morte, apenas Jesus, na pessoa de Deus, que sabe o destino de cada um, devendo-se a ele a salvação:

Aí por isso é que eu digo, ói, num vejo Jesus, porque Ele eu só vou ver um dia quando eu morrer, ou pra ficar lá ou pra eu ter lugar pra me botar. Eu só acredito numa coisa assim, que como diz o pai nosso “assim na Terra como no céu”, eu acredito que muita, muita coisa vai se passar. Porque Jesus não vai ter lugar pra cada um separar o povo não, lá viverá tudo em união, talvez se conhecendo uns aos outros, como se conhece aqui. Só que não pode falar o que nós se fala aqui, porque o que nós se fala aqui vai ficar no espaço do esquecimento, nós não vai lembrar de mais nada. Vai ficar na memória alguma coisa que nós fez, o que agradou a Deus. Aí fica na memória de Deus e de nós, pra receber lá. Mas já outras coisas não, vai pro espaço do esquecimento. (Seu Emídio, out. de 2021).

Nessa perspectiva, há algo de essencial que permanece após a morte para a manutenção das relações que foram estabelecidas em vida, seja com Deus, seja entre os homens. Dessa maneira, a lembrança e o esquecimento, enquanto elementos que produzem a memória, também produzem as relações entre os vivos e os mortos. É assim que, da mesma forma como Jesus está presente no meio humano, em espírito vivo, Deus concede aos mortos o poder de andar neste

mundo para que eles possam obter a salvação, tendo em vista que o sofrimento que os aflige pode ser amenizado através do auxílio dos vivos. Isso porque, uma vez mortos, eles não podem fazer mais nada por si mesmos.

Os vivos, por sua vez, andam pelo mundo “conhecendo uns aos outros” e buscando a própria salvação, além do perdão pelos próprios pecados, mas também podem ou têm a “obrigação” de prezar pela salvação dos mortos, sendo através destes e dos textos sagrados que os vivos reconhecem suas necessidades. Ao mesmo tempo, os mortos também são demandados pelos vivos, fazendo existir, portanto, uma relação baseada em reciprocidade. Por isso, então, a necessidade de lembrar os mortos (que um dia seremos), pois, conforme fica implícito na fala a seguir, o esquecimento é constitutivo daquilo que se entende na comunidade, em geral, por “medo da morte”.

A gente fica com medo, porque [se] diz “eu morri”, é como se acabou-se, você vai pra onde? Às vezes a gente se pergunta. Como é que vai ser? Será que eu vou lembrar de mim? Será que eu vou lembrar das pessoas? Acho que meu maior medo é esse esquecimento. Se a pessoa morresse e soubesse que tá morto, mas tá em algum lugar, eu sei quem eu sou e tudo. Mas o maior medo, particularmente, é essa perda de identidade. De você desaparecer (Adriano, jan. de 2022).

Em Pelo Sinal, todos comungam do fato de que a morte impõe um pesar, uma angústia sobre os vivos, e embora essa percepção varie bastante entre os sujeitos é somente a partir da experiência objetiva da morte que se estabelece os modos de lidar com essa realidade, o que inclui uma constante reelaboração do ser católico, no que se refere aos dogmas da igreja, e as práticas em comunidade:

Se a gente é católico e acredita na ressurreição, a morte era pra ser sinal de felicidade e não para ser sinal de tristeza. Então a igreja prega uma coisa, porque teoricamente na bíblia é como se a morte fosse sinal de felicidade, que a gente vai ressurgir e encontrar com Deus, ter aquela vida plena. De renovação. E não é isso que acontece. Quando acontece alguma coisa com um parente da gente, a tristeza fica estampada, toma de conta. Então, é o contrário do que a minha fé diz e eu faço outra coisa, por não [se] conversar sobre isso, de não [se] explicar o que de fato seria essa morte. Porque quem é que não quer (se você é cristão, se você é católico) quem é que não quer ficar do lado de Deus, não é? Mas a gente diz amar a Deus sobre todas as coisas, que é um dos mandamentos, é muito forte, mas o que são essas coisas? Seu filho? Seu pai? Sua mãe? Então a gente ama mesmo a Deus? Sobre todas as coisas? E por que a gente sofre tanto e se apega tanto ao seu pai, sua mãe, seu filho? [Tanto] que a gente chega a duvidar de Deus, quando um ente querido seu vai embora e você pergunta: ‘Por que?’ E diz que Deus não existe. Então isso é muito complexo. Isso é muito da sua vivência cristã, vivência com a comunidade e com as suas superstições (Adriano, jan. de 2022).

Mas essa angústia também pode pesar sobre os mortos que, por desventura, precisam dos vivos. Pois os mortos que pedem por ajuda encontram-se numa condição inferior aos vivos para os quais “se apresentam”. A esse respeito, uma interlocutora narra a experiência de seu filho, para quem Virtuosa, que havia morrido há muito tempo, apresentou-se:

“Ô pai, quem é Virtuosa?” Aí o pai disse: “Virtuosa é a mulher de Zé Raimundo [quer dizer] era a mulher de Zé Raimundo, por quê?”, “Porque eu quero que pai tire esmola e mande celebrar uma missa pra ela”. Aí ele: “Por que, meu filho?” Aí [o filho] disse: “Porque essa noite...”. Ele disse que escutou aquele arrastado de chinela, aí quando deu fê, ela apresentou-se. Ele perguntou: “Quem é?” Aí ela disse: “Eu me chamo Virtuosa e eu quero que você tire esmola e mande celebrar uma missa pra mim”. Aí como ele não tinha bem conhecimento, ele tava em São Paulo, tudo, aí pediu pro pai. (Dona Rita, jan. de 2022).

Conta-se que Virtuosa foi uma mulher que sofreu, possivelmente, de depressão pós parto e, por isso, tirou a própria vida. Para os católicos em geral, esse ato representa um pecado, já que a vida é um dom divino e Deus tem o “dia certo” de chamar cada um. Indo “antes do tempo”, as chamadas “almas vagueiras” têm a necessidade de missas, velas, esmolas e indulgências para seguir um caminho de paz. Quando ocorre de uma alma se apresentar a um vivo, é possível delegar, a quem se compartilha essa aparição, parte da ação que pode ser demandada por essa alma. É o que ocorreu ao filho da interlocutora que precisou delegar ao pai a ação simbólica que envolveu a experiência. Uma vez realizada a missa e tirada as esmolas, há o desenlace dessa experiência:

Ele pediu, pronto, nunca mais ela apareceu” (Dona Rita, jan. de 2022).

Noutro contexto, um interlocutor fala sobre seu irmão, que tinha o “maior medo de cair nesse perigo de morrer assassinado...”, pois, segundo ele:

“Quem morre de morte que o povo mata, ele não vê Jesus antes dele morrer, ele não vê Jesus antes dele morrer porque Jesus deixou o dia pra ele morrer, ele não deixou nós pra tirar a vida de ninguém. E aí aquele que morre, se se apresentar a Deus, ele pode se apresentar a Deus, que ele é uma pessoa morta, mas ele só é morto pra Terra, mas pra Deus ele tá vivo, que o dia dele não chegou. Aí Jesus, o que faz? Jesus diz: “Volta pra trás, pra tua terra, que ainda não chegou teu dia, quando chegar teu dia, eu te chamarei!” Aí ó, cumpade, aí aquela pessoa vem e vai ficar penando, fica vagando no mundo, até chegar o dia que Jesus marcou pra ele morrer. Quando chegar o dia que Jesus marcou pra ele morrer aí ele vai e morre. Aqui na Terra ele já morreu, que a terra já comeu o corpo dele, mas morreu a matéria dele, mas o espírito continua vivo pra Deus, que não chegou o dia” (Seu Emídio, out. de 2021).

Existe, assim, um tipo de morte que gera ainda mais sofrimento para a alma, e esta morte certamente não é do desejo de Deus. E existe, ao contrário, uma morte que acontece pela vontade de Deus, aquela morte que ocorre quando Ele manda chamar e que está circunscrita no tempo Dele, não no tempo dos homens, que é o que ocorre no caso de um assassinato (a morte violenta) ou suicídio (por princípio, um pecado). Ou seja, existe um tempo até que a morte chegue e que não deve ser usurpado pela ação do homem. Esta relação pode ser compreendida a partir da ideia de “boa morte” e “má morte” abordada por Reesink (2016) e que se pode verificar nestas falas:

Eu acredito que, na vida, quando a gente tem fé tudo é providência divina, até a questão de você morrer. Eu sei que a gente deve valorizar bem a vida, que Deus quer a vida, acima de tudo, ele não quer a morte, mas chega um momento que é necessário, o corpo já não tá mais aguentando (Ana, out. de 2021).

Olhe, você estar com uma pessoa doente dentro de casa um ano, dois anos, três meses, já tá esperando o resultado mau: a morte. Quer dizer, não é mau, é quando Deus quer. O resultado mau da morte é quando morre matado. Mas que Deus chame eu não acho que é resultado mau não. Mas é surpresa, muita surpresa. A minha mulher passou sete anos acamada, a gente já esperava, que o caso dela não era fácil. Mas minha filha, foi o caso que eu morro e não me esqueço dela. Muito repentino, muito ligeiro. Não tem um momento em que eu me esqueça dela, nenhum segundo (João Siqueira, fev. de 2022).

Aqui aparece um novo elemento, isto é, mesmo quando Deus chama para a morte, algumas circunstâncias são mais difíceis de aceitar do que outras, como a “morte repentina”, por exemplo, que impõe uma “surpresa”. É aqui que se fundamenta parte da angústia que pesa sobre os vivos e que os faz até mesmo duvidar, ainda que momentaneamente, da proteção e dos desígnios divinos. Do mesmo modo, a angústia que pesa sobre os vivos após a perda de alguém importante, geralmente da família, ganha tal proporção que isso pode prejudicar o caminho daquele que morreu e, nesse contexto, é preciso que o morto intervenha para que os conflitos pessoais e familiares possam ser, se não resolvidos, talvez, reelaborados pelos vivos, conforme uma interlocutora expõe, após a morte de sua mãe e, em seguida, de sua irmã, que lhe apareceu como uma “visão”:

Eu questionava muito, eu tinha muitos por quês: Por que mamãe morreu tão cedo? Por que minha irmã foi embora? Por que largaram tudo na minha mão? Por que me deixaram assim? Até que ela [a irmã] apareceu [e disse]: “Olha, no dia que eu fui, era meu dia, fique sabendo. Se conforme. Leve a sua vida em frente, toque sua vida que é isso que eu tô lhe dizendo”. Nunca mais eu questionei. [Então] isso daí eu acho que foi realidade. Que eu tava entrando dentro de um poço sozinha, sem falar nada a ninguém. (Dona Vânia, mai. de 2022).

De outro modo, um interlocutor, cujo tio lhe apareceu em “sonho”, narra o contexto no qual se deu a comunicação:

Aconteceu um problema de família aí eu sonhei com meu tio, ele pedindo pra eu falar com a família, com os parentes mais próximos, pedindo pra que não ficassem tristes, porque onde ele tava, ele tava bem e não queria ver as pessoas tristes. Que não tivesse briga entre a família (...). Primeiro, eu chamei eles e contei como eu tinha sonhado com ele [o tio]: que ele tava bem, não era pra se preocupar no sentido de tá chorando muito. Porque há quem diga que quando a gente morre a gente vê quem fica na terra, e se você ficar chorando muito, essa pessoa que morreu sofre, a alma fica sofrendo (Adriano, jan. 2022).

O respeito às “almas familiares” que, como se vê, intervêm nas relações entre os vivos, fica evidente nestas falas. Nesse caso os mortos se apresentam para os seus familiares vivos com o objetivo de orientá-los sobre questões importantes. Por outro lado, há a possibilidade dos vivos pedirem “ajuda” aos mortos. Como o caso dessa interlocutora que, aflita, precisava “enfrentar” uma situação difícil: “Ô meu Deus! Se Lourdinha tivesse aqui, tudo ela me ajudava, mas eu sozinha, como é que vou enfrentar uma coisa que eu nunca fiz na minha vida?”. Lourdinha é a falecida avó de sua filha. Esta, por sua vez, estava para casar numa circunstância de muita dificuldade. O pedido de ajuda da interlocutora à falecida se baseava na relação de muito afeto que existia entre avó e neta:

Aí de repente, [a gente] tinha um boi, matou, eu tinha umas galinhas, ajeitou, apareceu uns terrenos, vendeu. E nós fizemos o casamento dela [filha] do jeitinho que uma pessoa pobre pode fazer e não ficamos devendo nada a ninguém. Então, acho que foi aquela fé deu pedir ou, se não, ela [a alma da avó] tava ali por perto e teve o poder de ajudar, assim, dessa maneira, dando ideia pra nós, pra [tudo] se resolver. (mar. de 2022).

A relação de devoção com as “almas familiares” é abordada por Cioccarri (2012), em um contexto em que até mesmo os santos ficam em segundo plano quando há necessidade de os vivos pedirem alguma “ajuda”. Em Pelo Sinal, os santos continuam exercendo grande influência na vida dos fiéis, mas, assim como foi observado por essa autora, a importância conferida ao familiar, em vida, no que se refere, por exemplo, à posição que ele ocupou nas tomadas de certas decisões, é transferida e incorporada nas qualidades do morto/alma, sendo esse um dos motivos que levam os vivos a demandarem ajuda a mortos específicos. Ademais, a devoção implica também uma obrigação para com as almas, sendo a prece e o acender de velas os principais meios pelos quais essa devoção se constrói e se realiza:

Eu rezo muito, eu rezo pras almas, pra todos os santos, pros anjos. Eu tenho devoção por todos os santos, todas as almas também” (Dona Lúcia, nov. de 2021).

“Todas as almas” é uma expressão que compreende, pelo menos, três categorias: a) as almas anônimas, aquelas desconhecidas, para as quais as obrigações católicas devem se voltar, tanto quanto para as outras; b) as almas familiares, que refletem as relações de parentesco, mencionadas anteriormente; e c) as almas de vizinhos e amigos, que constituem as relações de afeto e comunidade.

Mas como ou quando se começa a ser devoto das almas? É claro que a devoção por todas elas, assim como a devoção aos santos e à Nossa Senhora, são indicativas do sentimento religioso que produz uma identidade no ser católico. Mas o que se pode perceber é que a devoção se afirma quando existe uma comunicação efetiva com quem se é devoto, ou seja, uma comunicação cuja eficácia pode ser comprovada. Pelo menos para Dona Amara, que passou a se afirmar devota de Nossa Senhora da Aparecida em decorrência de uma cirurgia bem sucedida:

Ói, deixe eu contar como foi minha cirurgia. Quando eu ia entrando na sala, o médico veio e disse: “Vozinha, chegou a sua hora”. Era duas horas da tarde. Aí ele me abraçou, aí eu falei: “Ô doutor, o Sr. dá licença?” Aí ele disse: “Dou, dona Amara”, “Por que eu quero dizer umas palavras de Deus”. Aí foi e eu disse assim: “Nossa Senhora da Aparecida me cubra com o manto dela, na hora da cirurgia ela bote o manto dela na minha vista e nas mãos de vocês. Primeiro Jesus, segundo ela e terceiro vocês. Que ela cubra a gente com o manto dela, pra eu fazer minha cirurgia tranquila”. Eu não ‘creiava’, mas depois que eu me operei, eu tenho fé. Eu não tinha não mia fía, eu não vou dizer... Eu nem ligava, eu tinha assim, uma coisa que não era nada (Dona Amara, jan. de 2022).

Nesse sentido, pode-se dizer que a coisa solicitada pela interlocutora foi uma “graça”, uma “cura”, ou, ainda, uma “benção”. Enfim, uma intervenção de Nossa Senhora, a quem ela confiou a própria vista. Acontece que a necessidade foi suprida, alcançada, e então firmou-se a devoção. Essa discussão foi devidamente elaborada por Reesink (2005), sob a ideia de um “regime de milagre”, conforme ela mesma expõe:

Na instituição do *regime de milagre* (em que a *cura, graça, benção, sinais e aparição* são os componentes principais), pode-se inferir que existem certas relações que o fundamentam: sacralização e proteção, fé e prova, pedido e ajuda. Além disso, pode-se também afirmar que faz parte do processo de comunicação, reciprocidade e aliança entre os fiéis e Nossa Senhora (processo esse que se estabelece nesse regime) a troca e a devoção, o estar mais próximo dela, implicando assim uma entrega e a busca de santificação. Isso permite um maior reforço do compromisso e da aliança entre as partes, como também uma afirmação da unidade e da identidade católica. (Reesink, 2005, p. 279).

Ainda que o contexto que apresentamos seja diferente do que seria uma “aparição Mariana”, etnografada por essa autora e que dá sustentação à ideia do “regime de milagre”, podemos tomá-la de empréstimo no sentido de que a devoção requer “provas que fundamentem a fé”. No que se refere à instituição da “devoção às almas”, pôde-se observar anteriormente como elas operam em favor daqueles que pedem “ajuda” e como a reciprocidade está incorporada na devoção.

Mas a constituição do ser católico, no contexto de Pelo Sinal, apresenta essa particularidade: ao mesmo tempo em que a “prova” é uma condição determinante da fé, a ausência dela por si só não exclui no sujeito o lugar de pertencimento ao catolicismo, mesmo diante da dúvida. Certo interlocutor reza todos os dias para os parentes que morreram, acreditando que isso sirva para eles, integra o terço dos homens, participa ativamente das celebrações e dos rituais de dentro e de fora da comunidade e viaja em excursão ao Juazeiro do Norte, todos os anos ou sempre que possível. Mas, diante dessas práticas, muitas vezes, ele “volta atrás”: “a gente que é católico, pensa que é, [mas] eu não sei se é”, e continua:

Pronto, eu vou muito no cemitério, acendo vela, rezo, mas não sei... sou meio incrédulo. **É meio incrédulo?** Sou. De quem morreu a gente não sabe. Muitas coisas sou incrédulo dentro da religião mesmo. **Com o que mais?** Promessa mesmo, se promessa valesse a gente fazia e via o resultado daquela promessa. (...) Se der certo, se fizer uma promessa e tiver de dar certo é porque tinha de dar. Por exemplo, eu tou com uma doença, você vai e faz uma promessa pra mim. [Se] eu melhorei, eu sou incrédulo de ter sido a promessa. Porque se fosse assim, se minha filha fez a promessa pra a irmã, ela não tinha morrido. Não sei se tô certo ou errado. Eu não tenho leitura, nem sei falar bem sobre religião... (João Siqueira, fev. de 2022).

Essa posição sobre o ser católico diz respeito à multiplicidade de versões que podem existir no campo do catolicismo também no contexto dessa comunidade, quando se trata do fenômeno da morte. Nesse sentido, a pessoa católica pode ser pensada na dinâmica da dúvida-ceticismo-crença, como dimensão reflexiva intrínseca ao processo religioso, conforme elaborado por Reesink (2010), a partir do conceito de “reflexividade nativa”. No contexto de Finados, trabalhado por essa autora, foi possível verificar um alto índice da prática de acender velas entre católicos “descrentes” ou “duvidosos”, como é o caso de nosso interlocutor, que também argumenta que, em parte, continua fazendo o que faz sob o argumento da tradição e porquê de certa forma “faz bem”. Mas a reflexividade que não deixa de estar presente nas práticas motivadas pela tradição, pois, o que está instituído, seja pela igreja ou pelos “antigos” também passa por um crivo de interpretação e reinterpretação dos fiéis, que faz parte do

processo reflexivo religioso que talvez implique na “diversidade, complexidade e poder criativo dos sistemas religiosos” (Reesink, 2010, p. 165).

Dito isso, viemos desenvolvendo, até aqui, compreensões sobre o contexto do povoado de Pelo Sinal, as memórias, os afetos e os ritos que envolvem as relações entre os vivos e os mortos, que diz respeito à reciprocidade e o sentido do poder de Deus presente na cosmologia católica dessa comunidade. Também adentramos o tema das superstições, que estão atreladas a morte e aos mortos, assim como, tratamos da angústia, do sofrimento e do “medo da morte” afirmação do ser católico que também perpassa a dinâmica da dúvida-ceticismo-crença e a reflexividade envolvida, iremos adentrar agora aquilo que enseja a pergunta inicial deste trabalho, que diz respeito aos significados atribuídos ao “agouro” de morte para a comunidade católica em questão.

3.1 “Agouros, e existem?”

Nos mais diferentes espaços quando as pessoas são indagadas sobre agouros costumam responder com o distanciamento de quem conhece algumas histórias, que não necessariamente se acredita nelas. São narrativas vinculadas, geralmente, aos mais velhos e que não encontra correspondência com a realidade de quem fala, sendo um pressuposto para a incredulidade o fato de tais crenças estarem restritas a um passado distante no qual não se sabe ao certo a origem. Vários trabalhos sobre agouros foram produzidos a partir dos estudos do folclore, na perspectiva de diversos autores²². Talvez o mais conhecido deles seja Cascudo (2005), que trata dos agouros enquanto sinônimo de “abusão”, que significa o mesmo que “superstição e credice”, em suas palavras, tais superstições:

Resultam essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular. São milhares de gestos, reservas e atos instintivos subordinados à mecânica do hábito, como gestos reflexos. (...). A própria etimologia latina mostra que superstição é uma sobrevivência em sua preservação (Cascudo, 2005, p. 837).

²² Nos materiais acerca dos “fatos folclóricos”, reunidos e difundidos na Revista Brasileira de Folclore, que circulou entre os anos de 1961 e 1976, os agouros aparecem muitas vezes vinculados ao “folclore da alimentação”, como em Câmara Cascudo (1963, p. 213), e são relacionados a interditos ou tabus presentes em certas fases da vida humana, desde o nascimento até a morte, exercendo um “temor sagrado” naqueles que os obedecem. Em algumas sociedades, esses tabus cumpriam determinadas funções, como proteger chefes e sacerdotes, ou ainda mulheres e crianças, do poderoso *mana*, assim como, teriam surgido para prevenir eventuais perturbações associadas a ritos de passagem, como nascimento, iniciação dos adolescentes e matrimônio (Teixeira, 1971, p. 191). Mário Souto Maior (1973, p. 37), por sua vez, tem a morte como a fonte de diversas superstições e reúne uma lista expressões sobre o morrer e os agouros oriundos da sabedoria popular, que criam determinadas implicâncias relativas à morte para aqueles que os experienciam.

No entanto, esse autor enfatiza que as superstições se mantêm nas sociedades modernas e técnicas, sejam em suas “velhas” formas, ou de maneira “renovadas e readaptadas”, o que abre espaço para discussão mais ampla sobre a simbolização das diferentes sociedades. A fim de compreender de que maneira a noção de agouros “surgem”, e em qual contexto, aceitei um convite de um primo, recém-chegado de São Paulo, que havia me chamado pra visitar uma parente dele num sítio, há aproximadamente 18 km de Pelo Sinal. O que me pareceu uma vantagem, já que, além de conhecer melhor as estradas que dariam para outras comunidades, seria uma tentativa de perceber o tema de forma mais ampla e, talvez, menos imbuído de prejulgamento, pois, como pudemos perceber, tudo que se sabe sobre agouros de morte provém de uma concepção a priori tanto da literatura²³, quanto das minhas experiências com o fenômeno. Ao chegar em Curral Velho dos Ramos, zona rural de Afogados da Ingazeira, eu e meu primo fomos recebidos por uma mulher, que tinha por volta de cinquenta anos. Meu primo, que parecia ter quase a mesma idade, se não mais velho, se pôs a conversar com ela sobre pessoas e fatos comuns, passados e presentes, dentre eles, uma rápida menção ao marido dela que havia morrido recentemente, ao que logo mudaram de assunto. Se voltando para mim, a mulher então pergunta (depois de já saber de quem eu era filha e de minha mudança para o povoado), o que eu tinha ido fazer em Pelo Sinal. Informei que era uma pesquisa sobre o catolicismo, sobre morte e, depois de algum arroteio, sobre agouros.

Mas antes mesmo de eu concluir a frase, a mulher me interpela: agouros, e existem?! Pedi que ela mesma me dissesse. A partir de então, ela começa narrando a misteriosa aparição de uma coruja na viga de sua casa, que antecedeu em um mês o sofrimento e a morte de seu marido, descrita em novos detalhes: as angústias vividas quando tomaram conhecimento da doença, as internações subsequentes, os cuidados domésticos com a alimentação e o asseio, as vigílias noturnas, a administração dos remédios em seus horários pontuais, as orações na calada da noite e, finalmente, a morte silenciosa no quarto, de manhazinha, enquanto ela, da cozinha, aguardava o marido despertar. Aqui é interessante notar que a mulher discorre sobre a morte do marido com uma abertura que não havia dispensado na primeira vez em que se tocou no assunto,

²³ Um dos poucos trabalhos encontrados na bibliografia que dedica uma discussão sobre os agouros é do antropólogo cabo-verdense Arlindo Mendes (2003) e diz respeito às atitudes do Santiaguense com relação à morte a partir dos rituais fúnebres, onde o autor demonstra o caráter normativo dos agouros. No trecho que segue, podemos observar a perspectiva desse autor: “o que, efectivamente, torna a morte, naquela ilha, num fenómeno mais enigmático e mais ameaçador é o facto da mesma se encontrar rodeada de um número de agoiros, crendices, interdições, práticas intrincadas e, por vezes, absurdas. A sobrevivência dos vestígios da riqueza da cultura africana junta-se os resquícios da influência da cultura da Europa medieval, criando uma certa confusão no que diz respeito à tentativa de se descobrir as verdadeiras raízes e procedências” (Mendes, 2003, p. 171).

demonstrando, talvez, que através dos agouros um canal de comunicação sobre a morte é estabelecido.

Mas, ao mesmo tempo que os agouros, uma certa noção de superstição aparece nos discursos. Como já foi visto, além da integração e do fortalecimento da fé cristã em função das festividades de Pelo Sinal, e das comunidades próximas, é possível perceber uma diversidade de temas mobilizados a cada missa pelos diferentes padres que circulam na região, não sendo raro que alguns deles mobilizem o tema das superstições, que aparecem como algo a se extirpar das práticas e das crenças das comunidades por fugirem da lógica religiosa²⁴. Foi o que ocorreu no sitio Lajedo, há 6 km de Pelo Sinal.

A fala em questão ocorreu na liturgia da palavra, mais especificamente na homilia, parte da missa em que se relaciona e atualiza mais livremente a palavra de Deus e o últimos acontecimentos da paróquia e da comunidade. Nesse contexto, um padre pede que os fiéis não se submetam a nenhuma espécie de superstição como a que está relacionada à mistura de certos alimentos, como “manga com leite” ou aquela que se refere à aparição de certos animais indicativos de morte, como um “cachorro preto na estrada”. Concluindo em seguida que, em lugar dos fiéis darem atenção a tais superstições, é preferível que eles rezem e que procurem meios, dentro dos ensinamentos da igreja, para se precaverem dessas influências. Atentos, os fiéis pareciam receber as palavras com igual atenção prestada aos demais atos litúrgicos, indicando talvez uma obediência irrestrita às palavras do padre que já se encaminhava para os ritos finais. Mais tarde, ao dialogar com algumas pessoas da comunidade sobre o episódio da missa de Lajedo, elas assim se manifestaram:

Você não pode comer. Não é superstição, é que é verdade, que ofende de verdade, morre, mata! Eu não sei não, não entendo não o que o padre disse. Às vezes... será que o padre diz alguma coisa errada? (Dona Ivete, out. de 2021).

É, mas o padre tá errado em dizer... ele não sabe de nada disso, ele estudou? Ele estudou esse negócio de mistura com manga, manga com leite, ovo com manga, pinha com leite? Ele não sabe, ele é o último na vida que podia falar.

²⁴ O Catecismo da Igreja Católica, texto elaborado por cardeais e bispos com instruções doutrinárias, considera crenças e práticas “supersticiosas” aquelas que “se expressam nas várias formas de adivinhação, magia, feitiçaria e espiritismo”, e são consideradas um “desvio do sentimento religioso”, conforme o parágrafo 2111: “A superstição é um desvio do sentimento religioso e das práticas que ele impõe. Também pode afetar o culto que prestamos ao verdadeiro Deus: por exemplo, quando atribuímos uma importância de algum modo mágica a certas práticas, aliás legítimas ou necessárias. Atribuir só à materialidade das orações ou aos sinais sacramentais a respectiva eficácia, independentemente das disposições interiores que exigem, é cair na superstição” (Catecismo, 1993: 2111).

Faço só [como] Lula, com o padre [Kelmon]: “o padre nem era pra tá falando essas besteiras” (Lourdes, out. de 2022).

As duas interlocutoras justificam essa discordância baseadas em “experiências vividas”, ao mesmo tempo em que se enfatiza uma distinção fundamental entre a igreja enquanto instituição e a igreja enquanto indivíduo e coletividade:

Minha filha, é assim: a igreja em si é por pessoa, não é? Você sabe que a igreja somos nós. Uns acredita, outros não acredita. E eu vi ele falando isso [de que] manga com leite tem nada a ver... [mas] vá comer! Criança, vizinho, colega meu já faleceu, a gente vendo assim. Tomou leite e chupou pinha. Aí [dizem:] “Mas não é não, é porque tinha de morrer. Não, as crianças tavam sadias!” (Dona Raquel, out. de 2021).

Por outro lado, outras pessoas demonstram uma relativa concordância com o padre, o que deixa evidente, a partir também de outras falas, que existe certa seletividade sobre aquelas formas de agouro ou superstição que as pessoas “dão crença” em detrimento de outras. De qualquer modo, a fim de explicarem o que compreendem sobre agouros, as pessoas se amparam ou nas experiências vividas ou às narrativas historicamente legitimadas. Para alguns da comunidade, a mistura de manga com leite, por exemplo, é “desmistificada” com o resgate da suposta origem dessa “crença”, que remonta ao regime escravagista, onde se restringia o consumo de determinados gêneros alimentícios às pessoas escravizadas:

O povo de antigamente não tinha cultura, aí tudo que vinha na cabeça dizia, pensava e dizia. Mas hoje é diferente. Agora, [o] que o padre falou, acho que isso é verdade, [pois] que o povo já misturou toda comida e não tem nada, né? (Dona Jacira, jan. de 2022).

Outros, no entanto, argumentam que é uma questão de fé:

Há quem acredita, porque cada um é cada um, né? Eu acredito em várias, mas em outras eu não acredito. (...) Do meu ponto de vista, a credence, a superstição existe, ao mesmo tempo em que não existe. Porque isso aí, se você for fazer um paralelo com a fé, numa passagem da bíblia diz que o grão de mostarda é o menor grão do mundo, e se a fé de um homem for do tamanho de um grão de mostarda ele move o mundo. Então a credence funcionaria a partir do momento que você acredita. Se você acredita que existe, você é afetado. Adriano, dez. de 2021).

Em se tratando de fé, na missa de Natal de 2022 realizada na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Pelo Sinal, um padre fala do problema que representa a prática de soltar foguetes, se referendo principalmente ao centro de Solidão, por ocasião da festa dos Romeiros, dentre outras. Para o padre, mesmo se tratando de algo que provém sabidamente de uma religião ou “tradição popular”, o problema se justificaria pela questão ambiental, que envolveria poluição sonora e queimadas (em Solidão os foguetes são acesos próximo a áreas de

mata). Em seu argumento – inspirado no fato de que o Natal é uma época de renovação da vida e da fé na igreja, com o advento de Cristo – ele utiliza a expressão “fé de foguete”, para designar uma espécie de falsa fé, ficando subentendido que o tal costume de soltar foguetes não se legitima ambientalmente, tampouco religiosamente.

Aqui, não se utiliza exatamente a noção de superstição, mas a ideia de falsa fé, imbuída naquela expressão, se adequa bem às associações feitas entre certas crenças e práticas, o fenômeno da morte e as superstições. A “fé de foguete” e a “fé vivida”, resume, portanto, um antagonismo existente na relação entre igreja e comunidade, apesar de que é preciso ter em mente que essas dicotomias pretendem ser mais didáticas do que verdadeiramente explicativas, tendo em vista aquilo já mencionado sobre o processo de interpretação e reinterpretação posto em movimento pelos fiéis, a partir dos dogmas da igreja, e que diz respeito tanto ao “leigos” quanto ao “clero”, que transitam de forma diferentes por um mesmo catolicismo (Reesink, 2013).

Equiparando-se ao discurso dos padres e à forma como se mobiliza a noção de superstição, algumas práticas envolvidas nos rituais fúnebres também são tidas como supersticiosas, principalmente por aquelas pessoas que chegam de “fora” da comunidade. O chegar de “fora” representa um tensionamento dos significados adquiridos pelas diferentes experiências vividas daqueles que “estão” no povoado, em relação àqueles que “visitam” o povoado eventualmente. Nesse tensionamento de significados, a noção de superstição, e por extensão, de agouro, ora trata de algo que não tem validade, ora trata de uma crença perfeitamente factível, a qual se assume abertamente, como colocado pela expressão: “eu tenho superstição”:

Meu pai não tinha superstição com nada, nada. [Aí um dia] nós tava na roça limpando mato, aí ela [a cauã] começou cantando, em cima de uma lajeiro... que elas sempre cantam na árvore [seca], pode prestar a atenção, ela não canta em cima de uma árvore verde/enfollhada, ela só canta numa árvore seca, ou num lajeiro, é coisa assim. Aí nós limpando mato e ela cantando, aí eu disse: “Ave Maria, misericórdia, não gosto do cantado dela não!”. Aí papai sorriu aí disse: “Tu já viu ela cantar de outro jeito? O canto dela é esse mermo”. Aí eu disse: “Não, papai, mas sempre que a gente vê ela cantando, ou adocece alguém ou aconteceu alguma coisa.” Aí ele dizia: “É nada, é vocês que botam na cabeça.” Aí eu disse: “Mas eu não gosto de ver!” [E ele:] “Ói, se ela cantasse de outro jeito, e quando ela cantasse desse [jeito] aí, acontecesse alguma coisa, morresse gente ou adoecesse, eu também tinha [medo]. Mas nunca vi cauã cantar de outro jeito, o jeito dela é esse”. Mas eu tenho, nós, eu [e] minha irmã, nós tem superstição. Quando foi com três dias chegou a notícia que a nossa sobrinhazinha primeira tinha falecido, filha de meu irmão. Adoeceu e faleceu. Aí eu disse: “Tá vendo aí que ela veio avisar?”. Nossa mãe, misericórdia!

Minha filha, gosto não... Desses dois passarim? [Se referindo também à coruja] E assim, por o que eu entendo, umas pessoas podem até não acreditar, mas eu só fico [com medo] porque vejo acontecer, né, as coisas (Dona Raquel, out. de 2021).

No que se refere à experiência, em uma dada situação que se deu em meio a Festa da padroeira, uma interlocutora, de 87 anos, anuncia justamente uma coruja que passa “cortando” pela praça, o que se seguiu a uma série de reações da sua parte. Essas reações que decorrem do aparecimento da coruja, nesse contexto, envolvem arrepios, lágrimas e, às vezes, a necessidade de invocações que visam desfazer ou neutralizar um mal iminente: Sobre as quais mais tarde dialogamos numa entrevista:

Quando ela passou, ela veio daqui, passou, aí me bateu no coração “Meu Deus, é gente que vai morrer”, pessoas da gente que vai morrer. E dito e feito, foi. Outro dia ela já passou de novo aqui. De vez quando ela passa e eu não sinto nada. Mas tem o momento da gente sentir aquela emoção. Quando ela passa a gente sente aquilo, como que tá avisando pra gente que vai acontecer alguma coisa, algo pesado pra gente. (...) “Teus agoiro arrevire por riba de ti. É pra se proteger, a pessoa tem medo, eu mesma tenho” (Dona Ivete, out. de 2021).

A concretização daquilo que o agouro vem atrair é determinante, já que o compartilhamento da experiência é imprescindível, mas por si só não é suficiente para começar a “dar crença”. Além disso, para que se realize é necessário que ele ocorra num momento específico, como um evento, diferente do que é cotidiano e ao mesmo tempo inserido nele, mas também requer um estado de espírito específico. Então, não sendo em qualquer momento, também não é com qualquer pessoa. Como pontua um interlocutor a respeito desse ocorrido:

É, a gente fica se questionando se é coincidência em algumas situações. É complexo. A gente não generaliza, porque a minha experiência de vida não é a sua experiência de vida. Então, com certeza, ela tem mais uma experiência nesse sentido. E outras pessoas já tiveram [essa experiência], pra ela também sentir (Adriano, jan. de 2022).

Desses relatos, podemos observar duas coisas: primeiro, quando se pensa nos agouros como um conhecimento passado entre famílias ou entre gerações, é possível perceber que nem sempre essa é uma condição para a perpetuação das experiências propriamente ditas, pois dentro de um mesmo núcleo familiar as percepções podem divergir. Isso quer dizer que a sensibilidade de determinadas pessoas em contextos específicos é construída não só no seio familiar mas na comunidade como um todo, de modo que o “dar crença” está ligado às experiências compartilhadas e eventualmente vividas, mais do que à uma narrativa; a segunda coisa, já mencionada anteriormente, diz respeito à variação das noções sobre agouro e superstição utilizadas pelos diferentes sujeitos.

Dessa maneira, indiferente aos discursos que ditam o que são ou não superstições, o agouro aparece como fio condutor, ou fator desencadeante, para a elaboração de uma experiência sobre a morte, incluindo um complexo de emoções que, pronunciadas, são mais uma vez experimentadas. Além do mais, a forma como o agouro está vinculado a determinados acontecimentos implica reflexão, sentido (e sentimentos) sobre o fenômeno da morte. Assim, se existem ou não, os *agouros* (e, por extensão, se acredita-se ou não, neles), essa não parece mesmo ser uma questão válida.

Tendo em vista as tentativas de valorizar ou deslegitimar a significância dos *agouros*, uma outra noção aparece, a qual está vinculada ao “mau olhado”:

Como uma planta, a pessoa olha pra aquela planta, tá ali, com olhar de inveja, e a inveja acaba sendo tanta, que a energia negativa ali acaba fazendo a planta morrer. Bom, isso já aconteceu comigo e com muita gente. E tem gente que acredita, outras não (Clecinho, dez. de 2021).

Se você for agourada por muita gente você começa a entrar em decadência. E um inimigo com mau olhado? Porque é os olhos da pessoa. O olho da pessoa é o *agouro* (João, out. de 2021).

Um dos interlocutores, homem entre quarenta e cinquenta anos, solteiro, que mora junto com a irmã, ao vê-la partir para Recife, a fim de cumprir com uma cirurgia marcada, se põe a chorar, aflito, e “entrega nas mãos de Deus”. O choro, por si só, se configura como algo que pode atrair uma situação indesejada, pois a irmã o repreende:

Aí, eu chorando ali... [ela disse]: “não vai agourar não!”. Aí eu digo: “Não tô agourando ninguém! Deus me livre! Tô agourando não. Eu que sou mole pra chorar mermo” (Francisco, set. de 2021).

Da mesma forma, o marido de outra interlocutora a repreende sob uma mesma lógica:

Às vezes, eu digo: “Eita vai chover, a menina tá na chuva”. [E o marido diz:] “Tu fica agourando, porque a menina tá boazinha, daqui a pouco a menina adoece, porque tu fica agourando” (Rosa, mar. de 2022).

Sendo mais do que uma força de expressão ou objeto, agourar é atraí no ato da palavra. Mas as duas falas acima estão inseridas num contexto próprio de significados. No primeiro caso, a viagem, a cirurgia e a imprevisibilidade dos acontecimentos daí decorrentes põe as pessoas envolvidas, ou pelo menos parte delas, num estado de apreensão ou mesmo medo; no segundo caso, há um conhecimento, um saber implícito acerca da causa e efeito de determinada ação, baseada talvez em reincidências de adoecimento da criança numa mesma circunstância ou outro tipo de sensibilidade que não é perceptível a todos. O caso é que devemos reconhecer

que sempre existirá um contexto dentro do qual as noções de agouro aparecem, mesmo em face das tentativas de legitimá-lo ou não.

O caminho feito até aqui coloca em perspectiva aquilo que classificamos como agouro, assim como trata dos discursos entre os quais ele aparece, incluindo a literatura dos estudos sobre folclore. Mas outras denominações e significados emergem do campo a todo instante, como poderá ser observado. Assim, o encontro com uma interlocutora, narrado a seguir, deverá servir como um redirecionamento do olhar acerca dos agouros de morte.

3.2 “Nem agouro, nem superstição: isso daí é realidade”

Em campo, passando por uma estrada em direção ao cemitério, me encontrei com uma senhora que carregava um maço erva cidreira nos braços, tinha acabado de colhê-lo no mato. Ela olha pra mim, eu a cumprimento e paramos um instante para conversar. Na breve conversa, nos afinamos quanto ao parentesco, eu lhe peço um pouco da erva, ao que ela me cede, e seguimos, cada uma, o nosso caminho. Meses depois, quando eu já tinha conversado com várias pessoas, lembrei dessa senhora que talvez pudesse me conceder uma “boa” entrevista no que se referia aos agouros. Fui a sua casa, perguntei se podíamos nos encontrar para essa finalidade, contextualizei o pedido e ela aceitou. No dia seguinte fui entrevistá-la.

Ao chegar, entrei no assunto da superstição, do catolicismo, da morte e, finalmente, dos agouros. No entanto, essa senhora não só não tinha histórias ou experiências sobre agouros e superstições, como, sobre “essas coisas”, de nada sabia. A entrevista tornou-se desconcertante, se não para ela, especialmente para mim, pois, em termos de pesquisa, somente aqui percebi uma tentativa talvez inconsciente de enquadramento dos dados a certas expectativas que eu tinha do campo, baseado num recorte bem definido que já vinha forçosamente se esboçando, principalmente no que se refere aos agouros, que era o que eu tinha como foco até então. Assim, como recurso de provocação acerca do tema da morte, de forma mais genérica, já que sobre agouros eu “nada” conseguiria, adentrei no tema dos sonhos, uma vez que foi algo bastante relatado nas entrevistas anteriores. Então, seguiu-se o diálogo:

A senhora já sonhou com alguém, com algum parente seu que já se foi?
Eu já sonhei com minha mãe, muitas vezes. **De que maneira? Ela viva?** Ela chega. Muitas vezes eu lavando troços na pia, e via aquele assopro no meu ouvido, fazia [reproduz o ruído alongado de um sopro], aí... **Era ela.** É. Ela fumava muito, muito... eu sentia o cheiro de cigarro. Pra mim, ela tava fumando perto d’eu. **Mas a senhora acordada?** Acordada mesmo, lavando os troços na pia. E ela aparecia assoprando nos meus ouvidos, e aquele cheiro de cigarro. Ela fumava muito! Aquele cheiro de cigarro... Essa semana, essa

semana mesmo eu senti, um cheiro de cigarro dela. Eu tava barrendo a casa e aquele cheiro, aquele cheiro gostoso (Dona Miúda, mar. de 2022).

Dona Miúda, embora católica convicta, acredita ser um “ofertamento” querer estar o tempo todo em toda missa, “no pé do padre”, e cita seu pai, que sempre dizia: “Deus falou: faça por si que eu faço por todos, mas não faça nada forçado”. O que indica, talvez, que o sentido de um fanatismo religioso, que durante muito tempo esteve associado às camadas “populares” do catolicismo e suas relações com os mortos ou com o medo da morte, tomam rumos mais complexos nesse contexto de Pelo Sinal. Mas, o que sobressalta é a riqueza das imagens reconstituídas pela interlocutora, nesta e em outras experiências narradas a partir de então, assim como a importância atribuída a elas em detrimento daquilo que classificamos como agouros. Tal coisa tornou possível a percepção do que já vinha sendo expressado de maneira recorrente nas demais entrevistas: os ditos agouros não estão em primeiro plano na comunidade, sendo eles apenas uma parte de algo maior que é o sistema de comunicação que se dá *com* os mortos, mas também *sobre* a morte:

E a senhora, o que acha que é o agouro? Não é agouro não menina! [Outra interlocutora continua:] Eu digo que não é agouro não, é um pressentimento que as pessoas têm, de família para família. Porque geralmente é na família. Porque seu pai morreu e com poucos dias José morreu, e era da mesma família. Não é superstição, eu acho assim, que é... como é que eu quero dizer? Coisas do além. Que avisa pra gente, dá aquele sinal, como uma premonição, como que pra gente se prevenir (Dona Jacira e Dona Amara, jan. de 2022).

A gente chama isso daí muitas vezes de aviso (e os evangélicos chamam isso de outra coisa, como que Deus mostrou pra eles, é porque eu esqueci a palavra). A gente chama de aviso. Isso daí é fato, é real. À medida que eu tava tendo essas visão, mamãe só foi piorando. Então isso daí não é agoiro, nem é superstição, isso daí é realidade. Passou aquela cena e ela foi concretizada (Dona Vânia, mar. de 2022).

É preciso ter em mente que a ideia de agouros de morte continua presente e é reconhecida pela comunidade, sendo a partir dela que aprofundamos os diálogos acerca do tema da morte, como se pôde observar. Mas também ficou evidente certa variação da noção de agouros, que ora é legitimada, ora é posta em questão, aparecendo mesmo como negatividade, uma vez que está associada comumente à noção mais ampla de superstição. Tomemos como exemplo Seu Emídio, ao demonstrar, a meu pedido, a prática de *lembrar Jesus*, que consiste num ritual que auxilia a passagem do moribundo, deste mundo para o “outro”, no exato momento de sua morte. Ao demonstrar o que é dito e o que é feito em tal momento, e se referindo à pessoa que está hipoteticamente morrendo, seu Emídio pede a licença da palavra:

A gente diz assim, eu vou dizer, só que não morreu ninguém, nem é agouro, né!?, Diz assim com aquela pessoa, com o nome daquela pessoa...”. (Seu Emídio, out. de 2021).

Assim, mesmo legitimada por aqueles que afirmam ter tal ou qual superstição, essa noção de agouro reaparece em outras categorias, quais sejam, “avisos”, “sonhos”, “visões”, “sinais”, “pressentimentos”. Nesse sentido, o ato de “agourar” ou a qualidade de “agourento” só se manifestam como categorias de acusação, as quais partem da lógica, ao mesmo tempo simplista e pragmática, de que são “coisas” que não se deve “botar na cabeça”, pois, se elas acontecem é porque se “pensou demais”:

Tem gente que é [incrédula]. Eu mesmo acredito, porque acontece. Aí quando eu contava às mulheres elas diziam: “Ô mulher, apois tu pensou tanto que aconteceu”. Aí eu digo: “Não! É porque mandavam avisar, né?!” Eu avisava pra ele [o filho], mas ele achava que não ia acontecer... (Dona Lúcia, nov. de 2021).

Ora, é de se considerar que, em um caso típico, as consequências nefastas que decorrem disso que na perspectiva nativa é chamado de “avisos” não são coisas exatamente agradáveis de se pensar ao ponto de que se deseje conscientemente que elas se realizem. Então, parece que existe uma ordem que é exterior àqueles que recebem e incorporam tais avisos, algo ou alguém que manda avisar. Nesse sentido, é importante a percepção de que o conteúdo dos agouros permanecem, mas através de outras categorias, que emergem a fim de reatualizar o sentido de agouro como algo não supersticioso, como algo real. Sobre isso, é preciso compreender que o que se torna problemático no tratamento dado à categoria de agouro não é a sua associação direta ao que eles classificam como superstição, já que foi possível, a partir de seus estudos do folclore, relativizar e colocar em pé de “igualmente” sociedades diversas:

A elevação dos padrões de vida, o domínio da máquina, a cidade industrial ou tumultuosa em sua grandeza assombrosa, são outros tantos viveiros de superstições, velhas, renovadas e readaptadas às necessidades modernas e técnicas. (Cascudo, 2005, p. 837).

Mas sim, o problema consiste na questão de que “fatos folclóricos”, como qualquer fato, carecem de contextualização. Para Roy Wagner (2012), quando se trata da invenção da cultura e do poder dessa invenção, a comunicação e a expressão significativa são mantidas por meio dos elementos simbólicos que podem ser palavras, imagens, gestos, dentre outros que, se isolados e vistos como coisas em si mesmas, perdem seu significado. De modo que são necessárias associações ou oposições desses elementos nos diversos contextos para que possamos significá-los. Para esse autor, portanto, o significado é uma função das maneiras pelas quais criamos e experienciamos contextos (Wagner, 2012, p. 77). Dessa maneira, os fatos

folclóricos, como os ditos agouros, conforme se apresentam, *a priori*, para os folcloristas, dizem mais sobre a concepção intelectualista desses autores que são, claro, homens do seu tempo, do que sobre a diversidade dos conteúdos culturais produzidos pelas sociedades por eles estudadas.

3.3 A realidade dos avisos: sonhos, visões, sinais, pressentimentos

No contexto da comunidade de Pelo Sinal, pensar num sistema de comunicação entre os vivos e os mortos, deixa evidente as relações de reciprocidade, as quais são construídas através da prece (Mauss, 1979; Reesink, 2009), mas também de missas, esmolas, do acender de velas, que se conjugam às preces e, até mesmo, a eucaristia, que podem ser ofertadas em favor e salvação das almas. Mas os mortos não aparecem só para pedir e demandar, como bem lembra DaMatta (1997), eles também dão e oferecem, demonstrando os diferentes modos de viver essas relações:

No dia que eu me aposentei, ela me apareceu. **Dizendo o que?** Pedindo os parabéns. Pegou na minha mão, e toda de branco, apertou a minha mão e disse: meus parabéns! E saiu. **Isso em sonho.** Sonho, sonho, ela apareceu. (Dona Miúda, mar. de 2022)”.

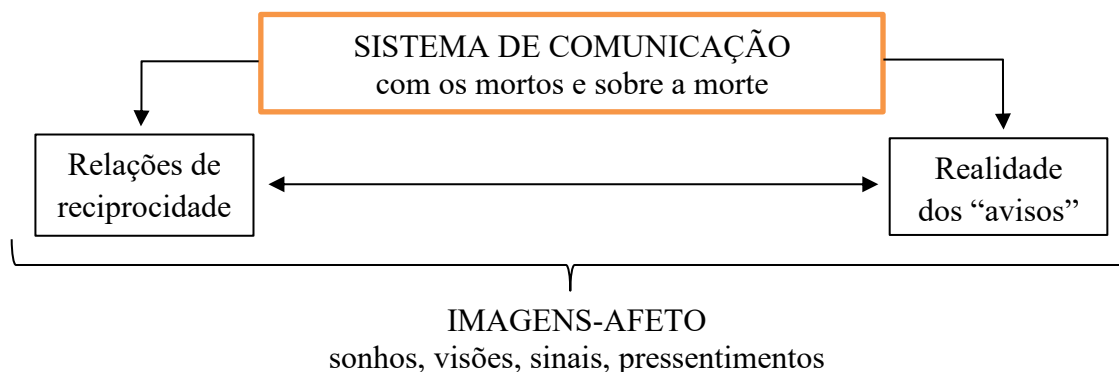
Assim que, “avisos, presságios, sinais, acidentes, coincidências e, sobretudo, sonhos e a mediunidade de certas pessoas são os modos regulares através dos quais essa comunicação se dá”, conforme DaMatta (1997, p. 106). Dessa forma, pretendemos complementar essa discussão organizando as categorias elencadas a partir da experiência dos avisos para compreendermos em que consiste essa “realidade”, reconhecida pelos interlocutores, e de que maneira ela se “realiza” na cosmovisão da comunidade católica de Pelo Sinal.

Em termos objetivos, existe nesta comunidade um repertório de imagens que diz respeito às relações entre os sujeitos vivos e os mortos. Essas imagens não são percebidas e construídas única ou hierarquicamente através da visão, já que há diferentes formas de perceber e experimentar a realidade. Então, para melhor nos expressar, chamaremos o conteúdo desse repertório de “imagens-afeto”²⁵. Esses dois conceitos, afeto e imagem, se conjugam no intuito

²⁵ Acerca das imagens, nos inspiramos em algumas concepções sobre imaginário, na perspectiva de Maffesoli (2001), para quem o imaginário pode ser percebido como a ideia de fazer parte de algo, como em um momento de vibração comum ou de uma sensação partilhada que se expressa no onírico, no lúdico, na fantasia, no afetivo, nos sonhos, perfazendo a “encruzilhada do racional e do não racional”. Assim, o imaginário recria e reordena a realidade, encontrando-se no campo da interpretação, da representação e do real. O conceito de representação, por sua vez, podemos ver em Laplantine e Trindade (2017), engloba toda a tradução e interpretação mental de uma realidade exterior percebida e está ligada ao processo de abstração, sendo a “ideia” uma representação mental que se configura em imagens que temos de uma coisa concreta ou abstrata. Mas o que realmente nos importa aqui é a dimensão de afeto que vem sendo discutida no campo cosmológico, em Reesink (2012), assim como na perspectiva de Fravret-Saada (2005), em “ser afetado” e Rosaldo (2019), acerca do conceito de “pensamento incorporado”.

de abarcar determinada realidade acerca da morte e dos mortos, ensejadas nas “relações de reciprocidade” fundamentada pelas trocas, ritos e obrigações para com o morto, que, por si só, já expõem um sistema de comunicação. Mas, a esse sistema, no contexto dessa comunidade, também são incorporados os avisos, os quais informam não só sobre as relações entre os vivos e os mortos, mas também sobre a morte (Esquema 1).

Esquema 1 – Sistema de comunicação com os mortos e sobre a morte



Fonte: autora

Um aviso é algo que se tem, que se sente e que se vive, sendo, desse modo, uma experiência²⁶. Na dinâmica desse sistema, a experiência (ou realidade) dos avisos e as relações de reciprocidade estão ligadas mutuamente, de modo que o produto dessa inter-relação é o que chamamos de imagens-afeto, as quais, uma vez elaboradas e compartilhadas, tomam a forma de sonhos, visões, sinais e pressentimentos.

Os avisos ocorrem em momentos inesperados e, por isso, são distintos dos acontecimentos cotidianos. A pessoa que tem avisos é recipiente, ela não consegue agir a fim de tê-los, até porque isso é um “privilégio” que requer uma condição especial, um estado de “graça” ou um “corpo aberto”, propriedades estas concedidas somente por Deus. E assim como Deus permite a alguns fazerem a passagem do mundo dos mortos para o mundo dos vivos, numa economia de salvação, Deus também permite que os avisos ocorram:

Pra mim [a morte] é a coisa mais triste do mundo. Morreu, acabou. Mas no fim, eu ainda tenho uma fê que [no] que Deus deixou dito pode ser que tenha outro mundo, não é? **E essas visões, esses sonhos que a senhora tem, é desse “outro mundo”?** Eu acho que é. **E por que essas pessoas [os mortos, as almas] aparecem pra gente, [os vivos]?** Acho que é enviado por Deus. Não

²⁶ Podemos tomar por experiência a concepção de Victor Turner de “experiência vivida”, destacado por Dawsey (2005), que a descreve em cinco momentos: a) algo acontece ao nível da percepção, b) há evocação de imagens de experiências do passado, c) emoções associadas aos eventos do passado são revividas, d) o passado articula-se ao presente, tornando possível a descoberta e a construção do significado; e e) a experiência se completa através de uma forma de expressão, performance enquanto o momento da expressão.

é todo mundo que vê, não é todo mundo que tem o privilégio de ver alma, não.
(Dona Lúcia, nov. de 2021).

Sendo esses avisos “coisas do além” ou do “outro mundo”, supõe-se que eles sejam mandados justamente pelos mortos, que detém certos poderes que não são concedidos aos vivos. Então, a agência dos vivos parece se restringir à prece, que se apresenta como um “instrumentos de diálogo” com os mortos (Reesink, 2009). Isso porque muitas pessoas que pedem para “ver” ou “sonhar” com seus entes queridos geralmente não são contempladas, embora haja um relato na comunidade que representa uma exceção, o qual será descrito mais pra frente. Já no contexto trabalhado por Reesink (2009, p. 48), parece mais evidente que a comunicação através do sonho pode ser “incitada pela iniciativa dos demandadores”. Em Pelo Sinal, no entanto, ocorre dessa forma:

O povo tem um dizer que você sonha com aquela pessoa porque vive pensando. Não é não. Porque mais do que eu pensei na minha mãe e meu pai, que morreu de repente, sem a gente esperar... Aí eu fiquei com aquilo, aquela lembrança a vida inteira, passei muito tempo, eu demorei muito a esquecer e eu nunca sonhei com ele, nunca vi. (...) Pronto, aí eu fiquei com isso assim, morreu meu pai, morreu minha mãe, morreu Nelson, meu irmão, meu sobrinho, minha família morreu muita gente e eu nunca, nunca, mulher, vi assim. Nem em sonho, quanto mais... tem gente que vê visivelmente as pessoas assim, dentro de casa, né? (Dona Jacira, jan. de 2022).

Tipo, minha tia diz que pede tanto pra sonhar com ele [o marido] e não consegue sonhar. Aí a gente cai naquela mesma pergunta: se estudos mostram que se você pensar 24h na pessoa você sonha. E por que ela não sonha, se ela pede direto? (Adriano, jan. 2022).

Eu mesmo, vou lhe dizer uma coisa: sonhar mesmo com as pessoas que morrem é difícil, eu não sonho. Às vezes, eu tenho vontade de sonhar com pai, sonhar com mãe... e eu não sonho. Meus irmãos que faleceram, eu não sonho. Raramente, às vezes, eu sonho, não sei o que é, eu sonho e no outro dia eu não tô lembrada, como foi aquele sonho. **Mas você tem a “sensação” [de que sonhou]?** Tenho a sensação e não tô lembrada realmente, pra contar diretamente assim, foi assim... Só sonhei com Rosinha, logo após ela morrer: ela andando num lugar bem escuro, e eu só ouvia a voz dela: “Ó, vem por aqui, chega, é por aqui”. Aí eu disse: “Oxen, onde é que Rosinha tá, que eu não tô vendo?” Não via ela. Aí fiquei com aquela lembrança, aí só. (Rosa, mar. de 2022).

Os sonhos e a prece seriam duas faces da mesma moeda: de um lado os vivos agem “sobre os seres sagrados” através da prece, do outro, os mortos agem sobre os vivos através dos sonhos, vindo a complementar essa comunicação. Mas não se pode dizer que ambas as coisas se encontram sempre juntas, pois os mortos só podem se apresentar ocasionalmente, fato que corrobora com Reesink (2009). Também em nosso contexto, sonhar com os mortos não é um acontecimento cotidiano e, no mais das vezes, quando isso ocorre e são cumpridas todas as

obrigações que o morto demanda, este deixa de aparecer, já que supridas as suas necessidades. Mas, em Pelo Sinal, o que faz crer que essa relação entre vivos e mortos não possa ou não deva ser frequente talvez esteja exposto nestas falas:

Quem morre... a gente tem medo, porque não se une mais. **Não se une mais?** Se une não, filha. **Os vivos e os mortos?** É. Não se une com a gente que é vivo, [aquele] que é morto. A gente não se une. (Dona Rita, jan. de 2022).

Porque uma pessoa boa, às vezes, morre e não vai ficar vagando pelo mundo, penando, mas eu acredito que muita gente que apronta muita coisa, às vezes, morre e pode ficar até vagando pelo mundo. Se pegar uma matéria fraca, pode até se encostar naquela pessoa. Pegar ajuda daquela pessoa, sacrificar aquela pessoa. Porque o morto com os vivos não se dá, não vive. (Seu Emídio, out. de 2021).

Sobre isso, podemos fazer uma correlação com aquilo que diz Viveiros de Castro (2012) quando se refere aos “perigos da sujeição envolvidos nos encontros sobrenaturais”, conforme a perspectiva de alguns povos indígenas amazônicos, para os quais, o “medo” dos “brancos” e dos “espíritos”, por exemplo, corresponderia ao fato de que estes são “definidos pela sua radical alteridade”. Nesse mesmo sentido, existe uma percepção na comunidade de que essa relação com os mortos, embora necessária, também pode ser danosa e atrair certo infortúnio, existindo muitas vezes como uma “agência” ou “influência pouco auspiciosa sobre os seres humanos” (Evans-Pritchard, 2005, p. 239):

Assim, chamar... bate uma pessoa na porta de vez em quando, você parece que ouviu uma voz... isso já aconteceu comigo. Eu juro que escutei chamando: “Ana?”. Vou lá fora, não tem ninguém. Mas na minha mente, eu ouvi isso daí. Então a gente, meu Deus, aí a gente pode pensar, “isso aí é um agouro de alguma coisa. Não, não vá, não responda, que é ruim...” então eu não respondo, pra evitar dúvida eu vou lá e olho, mas não respondo, não falo nada. (Ana, out. de 2021).

É por isso também que na comunidade quando um morto se apresenta em sonho ou visão muitas pessoas evitam “requerer” deles qualquer coisa sob a pena de atrair algo indesejado, conforme supõe o diálogo com Dona Miúda:

Por que a senhora acha que as pessoas, quando elas morrem, elas podem aparecer? Como é isso? Dote de Deus. É Deus que permite. É Nosso Senhor que ajeta. A mãe de comadre Edileusa ali, vez em quando, [eu] via ela sentada ali, ela andando, passando lá pro banheiro. Com o cigarrinho no dedo. Por essa hora [se referindo ao horário que a entrevista estava ocorrendo]. Tinha vez de manhã que eu via ela passando. Mas não tive medo não, tenho medo é de quem tá vivo. **E a senhora pergunta o que é que a pessoa quer?** Não. **Só deixa acontecer.** É, não gosto de puxar não, sabe? Eu tenho pra mim que, se eu for falar, eu tenho pra mim que... sei lá! **Que pode acontecer alguma coisa de ruim?** É. Mas graças a Deus... aí mandei celebrar uma missa pra ela e pronto. Não apareceu mais. (Dona Miúda, mar. de 2022).

Perguntar o que o morto quer, demandar ou reclamar dele o que é preciso fazer em função de seu aparecimento é o que a comunidade chama de “requerer”, como informa essa interlocutora, ao contar que pouco consegue ver ou sonhar com os mortos e que nas únicas duas ocasiões em que isto ocorreu ela preferiu não interagir:

Eu vi que era perfeitamente uma pessoa, mas ela não falava nada, nem eu falei. O povo diz que tem uma história de requerer uma alma, não sei como é lá que fala, um negócio assim” (Dona Jacira, jan. de 2022).

Embora muitas pessoas não consigam ou mesmo evitem “requerer” para saber exatamente do que o morto precisa, se é que ele precise de algo, as preces e as missas são solicitadas para ele mesmo assim, pra garantir que ele siga o seu caminho e não precise mais aparecer.

Poderemos verificar, a partir de dois relatos abaixo, em que circunstâncias se pode, ou não, “requerer” o motivo do aparecimento de um morto e a quem é incumbida essa função. No primeiro relato, uma mãe conta como foi presenciar a experiência da filha, Rosana, para quem o pai, já falecido, apareceu. No segundo relato, outra interlocutora fala sobre a experiência do marido, de quando ele era criança, relatada por ele e pela mãe dele (Lourdinha, sogra da interlocutora):

[A interlocutora, falando sobre a experiência da filha] Eu tive medo quando vi ela parada assim, eu fui me levantei e disse: “Rosana?!” Peguei ela e sanfonei assim, e ela pasmada, com cada olho desse tamanho assim, aí começou a chorar e [disse:] “Pai!”, quase que não [consegue] falar “Pai!”. Eu disse: “Ô filha!” Aí fui pra encostado dela, né, e fiquei alisando ela e ela ali pasmada. Eu digo: “Pergunte o que ele quer”, porque eu perguntando não adiantava, não é, o negócio tinha que ser ela, não é? Eu digo: “Olha, filha, pergunta o que ele quer”. Ele ficou muito tempo lá, e ela vendo, ele com uma roupa que ele morreu, a roupa que ele vivia em casa, aquela roupinha velha que ele gostava mode o calor. Sei que ela viu. Com um pedaço, né, ela não teve coragem, não tinha força pra abrir a boca, ficou pasmada. Depois só chorou, chorou, e a gente fica com aquele sentimento de que, às vezes, ele vinha pedir alguma coisa a ela. Mas ela não teve coragem. E eu também não tive aquela atitude de na hora eu perguntar: “Com os poder de Deus e da virgem Maria, o que é que tu quês?”. Que aquilo agindo na hora parece que [você] fica pasmado, não é? Só fui em cima dela e mandando ela procurar [o que ele queria]. Pensa que eu via ele? Via não. E ela viu ele direitinho. (Dona Rita, jan. de 2022).

[Outra interlocutora, sobre o marido] Quando era pequeno ele disse que toda vez vinha uma pessoa, uma mulher (ele disse que ainda tem a lembrança dessa mulher). Ele dormindo na rede e chegava uma mulher e se ajoelha perto dele com uma luzinha, aí ele dizia: “Mamãe, mamãe, olha, a mulher chegou!” Aí Lourdinha disse que era toda noite, era um sacrifício, ele aperreava muito e tinha que dormir com eles [os pais]. Às vezes, [por isso] o pai batia nele.

Aí quando foi um dia, diz que Lourdinha pediu pra sonhar com essa pessoa: “Ele não sabe de nada, venha em sonho pra mim, venha dizer a mim!”. Aí ela apareceu à Lourdinha, em sonho. Lourdinha disse que ela era de um lugar aqui perto de Afogados. Dizia o nome dela, aí Lourdinha não entendia bem o nome, aí disse assim, que era pra rezar uma missa, mandar rezar uma missa, pra fulana (aí dizia o nome dela, que eu não sei). Aí Lourdinha disse que depois disso aí nunca mais ele [o filho] viu. Então, é coisa que tudo pode acontecer, que não é brincadeira, a gente tem que ver na cabeça, pensar que as coisas eram e funcionavam desse jeito. Aí o povo não crê muito. Mas eu acredito que isso existe. Ainda existe. (mar. de 2022).

Essas experiências demonstram como se dá as relações de reciprocidade que não estão dissociadas dos significados atribuídos aos “avisos” que também estão inseridos nesse sistema de comunicação. No entanto, um “aviso” nem sempre implica a presença dos mortos enquanto mediadores, embora sua manifestação seja proveniente de meios sobrenaturais e divinos. Ao mesmo tempo, diferente do fato de que os mortos só podem aparecer ocasionalmente, os “avisos” podem ser bastante recorrentes em determinados períodos da vida de algumas pessoas e, nesse caso, é mantido um certo estado de suspensão sempre que um novo “aviso” vem endossar o anterior, até que haja um desenlace da experiência como um todo:

Como vocês compreendem essa ideia de agouro? O que significa pra vocês? Já vem de velho, já. Vem dos trocos veios do meu avô. **E eles sentavam com vocês pra conversar sobre isso?** [Q]: Eles diziam e a gente ficava escutando. Eles diziam à mãe da gente e a gente, que era mais novo, ficava escutando. Aquilo ali ele tava na cabeça, aquilo ali já. **E como é o agouro pra vocês, como ele ocorre, como ele acontece? É uma sensação que se tem?** [L]: Eu tinha um pressentimento que eu ia perder meu filho e perdi ele. Eu sentia direto que ele ia morrer. Eu dava conselho a ele, dizia pra ele não sair, ele dizia que era eu que tava com depressão. Não ia acontecer isso, que ele andava direito. Eu sempre sonhava. Via ele na beira de uma pista caído, sempre eu sonhava. No dia, na hora que ele caiu lá eu tava deitada no colchão aqui na sala, que eu botava pra esperar ele. Aí na hora que ele caiu me deu uma agonia, até chamei mãe pra fazer um chá, uma garapa pra eu tomar, que eu tava com agonia, tava passando mal, [porque] achava que era alguma coisa que tinha acontecido com ele. Aí, quando foi com uma meia hora, a mulher bateu na porta pra dar a notícia. (Dona Quitéria e Dona Lúcia, nov. de 2021).

Especialmente para Dona Lúcia, que “desde nova tem aviso”, é possível localizar no tempo e no espaço quando e como essas experiências começaram a ser um fato na medida em que elas foram acontecendo e se concretizando, ou seja, no momento em que elas foram se constituindo enquanto eventos significativos. E assim, como toda experiência, os avisos envolvem sensações, sentimentos (ou pressentimentos) que não são meras reações de coisas externas de quem as vive, mas sim uma espécie de “pensamentos incorporados”, conceito

elaborado por Rosaldo (2019, p. 32), para quem o pensamento não existe isoladamente da vida afetiva. Dessa maneira:

A cultura interpretada é uma questão menos de artefatos e proposições, regras, programas esquemáticos ou crenças do que de cadeias e imagens associativas que sugerem o que pode ser razoavelmente ligado ao que conhecemos através de histórias coletivas que sugerem a natureza, a coerência, a probabilidade e o sentido dentro do mundo do ator. (Rosaldo, 2019, p. 35).

A cada experiência, um tipo diferente de percepção pode ser acionada, podendo uma predominar sobre as outras: alguns têm visões, sonhos, outros ouvem vozes, sentem cheiros ou percebem simplesmente a “presença” dos mortos. Tudo isso pode servir como “sinais” que indicam acontecimentos futuros, ou mesmo, podem indicar situações que estão em curso de seu acontecimento. Pode-se dizer que os sinais mediam a experiência dos avisos, informando o que há de significativo nessas experiências, o que elas indicam e com que eficácia. Há uma enorme variedade de sinais que podem ser significados de acordo com quem tem a experiência e o contexto em que ela ocorre:

[L] “Sonhar com água é um aviso. [Q] É, sonhar com água, Virgem Maria! Também sonhei! Ix, fico pensando até em quem não morreu. Malguiado! Eu pelejando pra sair, era água de um lado, água de outro, e eu pelejando pra sair fora e um monte de parede. Parede sem telha, sem nada. **Por que será que água tem essa relação?** [Q] É lágrima que o cabra chora, não é?”. (Dona Quitéria e Dona Lúcia, nov. de 2021).

Nesse contexto, a água se apresenta como um “sinal” a partir do qual decorrem certas compreensões e acontecimentos que podem se concretizar, de fato, na morte de alguém. Mas essa não é finalidade última dos avisos. Aqui apresentamos outro contexto que podemos considerar como um aviso, além de demonstrar como essa noção de sinal está relacionada a tais experiências. Para Dona Rita, mesmo sendo a morte um “mistério”, se faz necessária a confiança, dada por Deus, de que rezas e missas devem servir para aqueles que pedem. Assim, grandes ou pequenas ações são importantes para os mortos, uma vez que eles “cobram”:

Olhe, quando meu marido faleceu, quando houve a missa dele (Deus me perdoe por caridade), eu sei que eu posso ter pecado. Roupa, tudo [é importante], não é? Tem hora que imagino assim: pode ser pecado, mas também pode não ter sido. Eu fui vestir um vestido (que ainda tenho ele hoje, é um vestido bem que eu comprei pra uma formatura da minha neta), aí eu vesti ele. Ele é assim de uma cor... nem é vermelho, mas é uma cor bem lilás, entendeu? **Sim.** Eu vesti ele. E na hora (Deus me perdoe por caridade!), na hora, quando o padre vinha celebrando lá no altar, celebrando a missa, e tinha uma cruzinha, era uma cruzinha desse tamanhinha, assim, num canto assim, dentro de uma vazinhinha. E aquela cruzinha, teve uma hora, que ela até caiu

de cima da mesa do altar! E na hora (Deus me perdoe por caridade), mas assim, eu digo: “Eu acho que é meu marido”. Que ele vê, naquela hora, o padre celebrando, não é? Aí eu pensei: “Meu Deus, será que é porque eu tô com esse vestido?” (Dona Rita, jan. de 2022).

Como mencionado, a pessoa que tem os avisos interpreta os sinais inerentes a eles conforme o contexto. No relato anterior, não é possível assimilar “a cruzinha que cai do altar” dissociada do contexto da missa em função da morte, nem da vida construída com o morto, ou seja, não está aquém dos afetos envolvidos, pois, do contrário, não poderia ser eficaz. Assim, a experiência como um todo denota um valor moral, uma regra que consiste na “obrigação” de vestir ou investir-se de um luto adequado. Para complementar essa perspectiva, uma noção de sinal pode ser encontrada numa discussão apresentada por Reesink (2005), como uma categoria que envolve o, já mencionado, “regime do milagre”. Para essa autora, os sinais definem-se como transformações da natureza pela potência sobrenatural, sendo, como a “própria palavra diz, “sinais” da presença do sobrenatural, da sua veracidade, da sua legitimidade” (p. 269).

Nessa direção, retomando os dados levantados pelos folcloristas, podemos dizer que o “cachorro preto na estrada”, o “canto da cauã”, a “rasga mortalha” ou, ainda, no contexto de Pelo Sinal, a “cruzinha que cai do altar”, tratam, mais especificamente, de “sinais” que estão inseridos na experiência dos “avisos” e que mediam os significados atribuídos a essa experiência pelos sujeitos, podendo comunicar diferentes coisas, não só o prenúncio de uma morte, mas também regras e valores morais. É o que ocorre noutro exemplo bastante conhecido nos estudos do folclore sobre a morte. Conta-se que a presença de uma determinada pessoa no velório de um indivíduo assassinado provoca, no corpo morto, um sangramento que tem ligação direta com aquela pessoa, caso se suspeite que ela foi responsável direta ou indiretamente pelo crime:

[N] Por exemplo, se num caso de assassinato, o criminoso tiver próximo, aí diz que o corpo sangra muito, né? [P] No cortejo todinho vai prensando sangue na estrada. [N] É, se o assassino tiver [presente]. Agora que eu presenciei, nunca vi. [P] Eu já vi já. Botaram o caixão na calçada da igreja, quando tiraram o caixão tava uma poça de sangue, assim ó, quando mataram um cara lá da Boa Vista. Ele deu umas facadas num rapaz de 18 anos e o cara tinha uns 40 e poucos anos. Um homão bem grandão deu uma facada num rapaz de 18 anos, bem magrinho, o rapaz. Aí o pai dele [do rapaz] deixou a camisa em casa esfaqueada, pegou a camisa e guardou, dentro de uma gaveta lá. [E] disse: “Um dia ela é lavada”. Mais ou menos uns oito-dez anos depois... você indo na Manoel Borba [em Afogados da Ingazeira], não tem aquela subida lá pra praça? **Tem.** Ele [o assassino do rapaz] tava descendo daquele beco, pra pegar o carro, cinco horas da manhã. Esse tiozinho lá, o pai desse rapaz, chegou com um revolver e botou na cabeça dele assim por trás e peu!, só deu um tiro. Até

hoje não se viu ele furar mais ninguém. Foi esse cara que saiu pingando sangue. Em 1980, lembro como se fosse hoje. (Ana e João, out. de 2021).

Nesse contexto, a simples chegada de um familiar do suposto assassino também pode desencadear tal fenômeno. Aos ouvidos desprevenidos (e descontextualizados), essa narrativa pode encontrar muitos problemas de lógica, mas a trama existente nas experiências vividas pelos que narram garantem um saber e um sentido sobre, por exemplo, as relações de poder, violência, vingança e morte em certas sociedades. Como se vêem, a diferença de perspectivas da comunidade de Pelo Sinal sobre os avisos e os estudos do folclore²⁷ quando trata da superstição relacionadas ao fenômeno da morte, como “resquício de cultos antigos” ou “atos reflexos”, divergem naquilo que eles informam e como informam, pois, ao que parece, aquilo que chamam de agouro faz parte de um sistema maior que comunica, não só uma morte próxima, mas regras e valores sociais acerca da morte ou, o que também é possível, até mesmo boas novas:

Tu sabe do Vinvi? Outros chamam Venvem. Aquele passarizim que canta, canta, que o pessoal diz que chega gente? Ave Maria, aquilo é um amor, ô mulher, eu gosto dele! Eu sei que tu sabe Cinthia, aquele que fica bem miudinho [cantando]: “Vem-vem. Vem-vem.” Ele canta até aqui, no pé de seriguela, tem vez que ele canta. Ele, cantar pra não chegar?! **Chega gente é? Chega. Com certeza chega. Gente como? Gente diferente?** Família, chega família! (Dona Raquel, out. de 2021).

O que fica evidente é que essas relações entre os vivos e os mortos envolvem a natureza e a sobrenatureza que os cercam, compreendendo toda uma cosmologia. Mas, além de regras e valores morais vigentes em sociedade ou da morte próxima de algum parente, e até boas novas, que dizem respeito às relações de parentesco, os avisos podem informar sobre a morte próxima da própria pessoa que os tem, assim, quando dizemos que eles podem ocorrer em momentos específicos, embora sempre inesperados, é que há o reconhecimento na comunidade de que, próximas à morte, as pessoas podem ver seus entes queridos, e vê-los indica que o momento da morte está próximo:

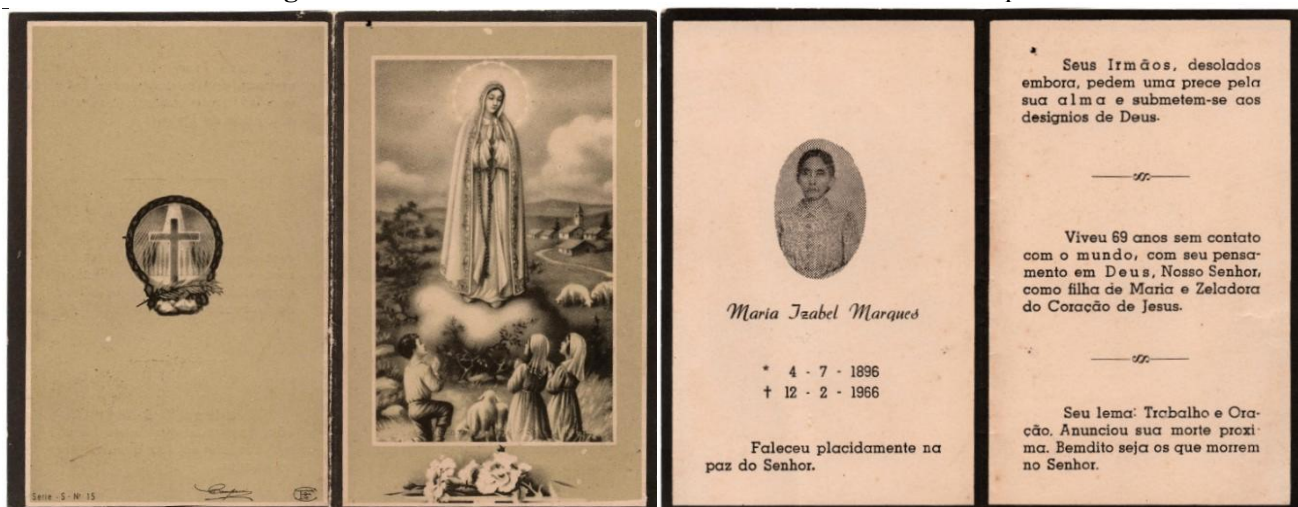
E mamãe, quando tava perto de morrer, viu o menininho dela. **Que menininho?** Não morreu um menininho dela? Bebezinho? Ele veio, ele vêi onde ela tava. Eu vi. Eu vi na hora em que ele vêi. Tu acredita que ele veio visitar ela? **A senhora viu como?** Eu tava na cozinha e só vi ela: “Chegue meu fi, chegue, deite aqui, chegue, deite aqui mais eu”. Desse jeito. Eu dizia: “Mamãe, quem é mamãe?” Ela: “É meu finho, meu menino que vêi me visitar”. E eu dizia: “Quem é o menino da senhora?” [Ela:] “Meu menino...”. Aí fazia: “Chegue, chegue”. Aí ficava com as mãozinha aberta, assim, pra ele, olhando pra cima. Eu dizia: “Mamãe, a senhora tá vendo Paulo?” Ela dizia: “É, eu tô vendo meu Paulo”. E ele veio, ele veio visitar ela, bem pertinho dela

²⁷ Por exemplo, Mário Souto Maior (1973, p. 37), apresenta uma interessante lista de expressões sobre o morrer e os agouros. Ou ainda, José Inácio Filho (1964), que descreve variadas formas de agouro no Estado do Acre.

morrer. Na semana dela morrer, no sábado, no meio da semana esse menino vinha direto. Por isso que eu digo que quando a pessoa morre, morre feliz, né? Tem as pessoas queridas que vem ver a gente, vem visitar. Madrinha Dora, irmã de tia Celeste veio, mas com Madrinha Dora ela se abusava, com Madrinha Dora. **Ela dizia como?** “Sai, Das Dores, daqui! Sai muié!” Eu digo: “Quem é mamãe?”, “Das Dores, que fica forçando, me chamando!”. Só que o menino dela... era bonito, ela falando do menino dela. Ela abria o braço e chamava ele de cima, assim: “Chegue meu fi”. Aí ficava como quem tava com ele no colo, sabe? Ficava chamando, ria pro menino. Era um negócio impressionante, viu? Quando uma pessoa tá bem pertinho de morrer, a gente vê ela fazendo essas coisas. E Ciço [o marido] fez muito. (...) E ele não tava [aparentemente muito] doente... mas ele já tava, ele tava se acabando de pouquinho e a gente não via, né? Tomava remédio, comia, mas a gente não percebia. [E depois] a gente percebe que ele vai ficando meio doente porque oito dias antes ele ficava vendo essas coisas. (...) E nesses três [últimos] dias, a vida dele era essa, todo mundo vindo visitar ele, os mortos, sabe? Nunca vi tanto morto aqui. Era gente, viu?! Era pai, era mãe dele, irmão, irmão Luiz. Ela chamava irmão Luiz. E nesse dia de Janu [quando Janú apareceu pra ele] foi sinistro. Eu só via ele conversando, conversando, conversando, chega era cansado conversando. Eu dizia: “Ciço, não converse não que você tá com oxigênio no nariz, não fique falando não, pra não cansar” (...). Nós se batia direto [ela e os mortos], mas eu não tinha os poder de ver. E Ciço era com os olhos fechados, viu? Ele não abria o olho não (Lourdes, out. de 2022).

Sendo assim, na forma dos avisos, é possível saber sobre o momento da própria morte, como diz Dona Ivete: “Tem gente que sabe, que conhece quando vai morrer, tem muita gente experiente.” (Out. de 2021). Essa sabedoria, restrita a poucos, é uma capacidade louvável e está atrelada, de certa forma, ao valor que define o que é morrer em paz ou em sofrimento. O que se pode verificar no “santinho fúnebre” em memória de Maria Izabel Marques (Figura 4), a qual “anunciou sua morte próxima” e “faleceu placidamente na paz do Senhor”.

Figura 4 – Santinho fúnebre em memória de Maria Izabel Marques



Fonte: Arquivo de Dona Ivete

O “medo da morte” e o sofrimento impressos em muitas das falas transcritas até aqui, as quais envolvem diferentes sujeitos e sentidos, informam sobre valores que são mobilizados no momento da morte: morrer em casa/no hospital; acompanhado/sozinho; demorar a morrer ou sofrer ao morrer, morrer “placidamente”. Mas, ainda assim, para a grande maioria das pessoas, o medo da morte não se deve ao fato dela ser dada como certa, pois dessa certeza se tira apenas que “um dia” ela acontecerá e não se sabe quando. O que gera certo sentimento de angústia em Pelo Sinal é a certeza da morte diante da sua imprevisibilidade, pois, como já disse Seu Emídio: “a morte é uma coisa muito invisível, não se espera”.

No entanto, como fica explícita na fala de Dona Rita, parece que a morte também traz a “felicidade” do reencontro com as pessoas queridas já mortas, dando, inclusive, certo controle àquele que ainda vive, uma espécie de coragem para o momento final, e que é mediada pelos avisos:

Aí ele me chamou na época, parece que ele adivinhava que ia morrer. Acho que ele via a irmã dele, uma que morreu. Aí ele dizia, que tava perto de morrer. E eu dizia: “Agora pronto”. (...) Aí foi tanto que no dia em que ele faleceu, ele saiu daqui, chamou meu filho (esse que morreu também), ele chamou ele e disse: “Meu filho, pegue o carro, vamo em Afogados, eu vou na Casa de Saúde”. Passou em Anísio [no supermercado de um amigo], se despediu de todo mundo (que as meninas, uma delas veio aí e chorava feito criança, que ele agradava elas, comprava coisa, lanche pra elas, tudo...). Eu sei que se despediu de tudo, chegou na Casa de Saúde [e] lá Dr. Edson atendeu ele. Diz que ele tava com um problema no coração, acho que o coração dele tava bem fraquinho. Aí ele tava num quarto mais um enfermeiro, com um soro no braço, aí diz que o enfermeiro disse: “Corre que o veinho da cabeça branca tá morrendo” (Dona Rita, jan. de 2022).

Possibilitando, finalmente, uma compensação das angústias próprias do momento da morte, aos avisos é necessário um “prestar atenção” naquilo que se configura como “expressão de uma força coletiva” que, ao ser compartilhada, demanda uma ação simbólica capaz de produzir algo mais do que convenções, porque são eminentemente eficazes e criadoras (Mauss, 2003, p. 142). Desse modo, as palavras de Seu Emídio, a seguir, resume o que esse trabalho pretendeu mostrar no que se refere às sensibilidades próprias de cada grupo humano em seu contexto particular, tendo em vista o fenômeno da morte:

Eu sei que tem muita coisa que dá aviso, que dá aviso a pessoa. É porque, às vezes, a pessoa não entende, outro, às vezes, que entende, não quer acreditar, mas [tem] muitas coisas que avisa. Precisa prestar atenção e, depois, se ver passar aquilo ali, lembrar e contar que viu aquilo ali e aconteceu. É quando começa dando crença. Eu dou crença à muita coisa. Existe muita coisa. Olhe, minha filha, eu vou falar uma coisa: no mundo de Deus existe o que é bom e o que é ruim. Hoje nós tamo num tempo que, talvez, exista mais

o que é ruim do que o que é bom, porque tá muito evoluído o tempo. Do tempo que eu me criei pro tempo de agora, tá muito evoluído. Mas, a gente vai vivendo e vai vendo. Um vai colhendo aquilo ali e vai contando pra alguém. Outros que, às vezes, vê passar... às vezes vai passando uma pessoa ali, caiu, você deu fé, pronto, faz de conta que nem caiu, [aí] aquilo ali você não conta pra ninguém. Já [tem] outro que pensa assim: “Fulano caiu, fulano levou uma queda grande, uma queda medonha”. Porque você prestou atenção àquilo ali. Outro viu cair, mas nem... então, ninguém vai saber. Eu gosto de ver as coisas e prestar atenção nas coisas. **Porque as “coisas” ensinam, pra gente? Ensinam. Uma coisa ensina outra** (Seu Emídio, out. de 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo Sinal é um povoado que vem se transformando conforme os avanços das técnicas e o acesso ao conhecimento formal, dada a porosidade de suas fronteiras entre o rural e o urbano, como qualquer outro povoado. Mas é uma marca de sua história e de sua tradição, a valorização das práticas e crenças católicas que tem como fundamento a memória dos mortos, que é construída, principalmente, a partir dos atributos de generosidade característica das pessoas que foram “servidoras”, mas, principalmente, pelos laços de parentesco, sendo a família essencial para a compreensão das relações entre os vivos e entre os vivos e os mortos. Assim, sendo as relações de parentesco, e os laços de amizade e compadrio, “ligações muito fortes”, mesmo em cenário pandêmico, a comunidade construiu alternativas de se fazer “presente” em corpo, espírito e coletividade, através da recriação dos rituais, não só fúnebres, que permitiu reunir as famílias, ainda que virtualmente, na “fé da igreja”, como estratégia de mitigação dos sofrimentos gerados pela doença, isolamento e morte. Além do mais, é possível observar que a comunidade não deixa de reivindicar as suas práticas em nome de uma tradição agenciada pelos “antigos”, os “mais velhos”, os “troncos velhos” ou os “mortos”, práticas estas que vão sendo herdadas, eventualmente, adaptadas ou mesmo inovadas em prol da coesão e fortalecimento dos grupos.

No que se refere às suas práticas, Pelo Sinal, a começar pelo seu nome, evidencia a importância dada à prece em seus diversos arranjos, principalmente quando estas estão relacionadas à morte, seja no terço rezado diariamente na casa da família enlutada até o sétimo dia, assim como na representação da Via Sacra, prática de cunho extremamente expiatório e reflexivo sobre a morte, realizada na casa de todas as famílias católicas, ou, ainda, tendo a prece como principal modo de comunicação com os mortos. Além do mais, como um fenômeno social, a prece também envolve a construção de relações que se dão no cenário familiar de partilha e comensalidade, como ocorre no Terço em peregrinação, sendo a prece, de fato, um elemento central da vida religiosa dessa comunidade, assim como sugerem os autores trabalhados (Mauss, 1987; Reesink, 2009). A prece também aparece como a principal forma de agência dos vivos para com os mortos, pois, da mesma forma que os vivos podem demandar dos mortos (conselhos e graças), os mortos podem demandar dos vivos (missas, preces, velas, esmolas) numa economia de salvação e obrigações. Compreendendo, assim, relações de reciprocidade que expõem um sistema de comunicação entre vivos e mortos, sendo que, os meios pelos quais essa comunicação acontece variam conforme as sensibilidades e afetos.

Sobre os rituais fúnebres, podemos observar que as sociabilidades nos velórios são diversas, incluindo, dentre outras coisas, trocas de saberes, para além dos ritos propriamente ditos, funcionando como um espaço de significação da morte e, também, de construção de valores e memórias que mais tarde irão produzir a lembrança do morto, o pertencimento ao ritual e a identidade religiosa. Nos referimos, principalmente, às interações em torno das crianças, cujas percepções e significados atribuídos ao fenômeno da morte, assim como a presença delas nos rituais fúnebres católicos, merecem ser aprofundadas em termos objetivos de reflexividade.

No povoado, posta a relação de hierarquia administrativa e eclesiástica entre diocese e paróquia, é na dinâmica das relações entre os padres e os fiéis que se pode observar uma maior ou menor interação e influência da igreja e seus dogmas na vida da comunidade. Dessas relações, se evidencia uma noção de eficácia simbólica nas percepções nativas acerca dos rituais, principalmente o da missa. Nessa direção, a denominação do ser católico, posto em questão frente às diferentes práticas e crenças que coexistem no povoado, ou mesmo nas diferentes percepções dentro do próprio catolicismo ali praticado, diz respeito a um tipo de catolicismo dinâmico que se reproduz não só a partir de suas representações internas – que transitam do centro teológico às suas margens, alternadamente, permitindo o diálogo com outras visões de mundo – mas também nos permite avançar para além das clássicas dicotomias acerca de uma religião “popular/oficial” inserida num contexto territorial “rural/urbano”, conforme visto a partir de uma “perspectiva concêntrica catolicismo” (Reesink, 2013).

Nessa direção, observa-se nos discursos e nas relações que suscitam as expressões “fé de foguete” e “fé vivida”, um antagonismo existente entre igreja-instituição e igreja-comunidade, que torna aparente as noções de superstição em torno daquilo que buscamos compreender neste trabalho, a saber, os significados dos agouros de morte para a comunidade católica de Pelo Sinal. Estas noções agem, ora desqualificando certas práticas e crenças, geralmente pelas pessoas que vêm de “fora” do povoado, ou mesmo de dentro, assim como pelos discursos dos padres, ora aparecem como legitimação dessas mesmas crenças e práticas, o que compreende a expressão “eu tenho essa superstição”, quando alguns se referem aos “agouros”. Porém, as diversas investidas que buscam desclassificar a “realidade” dos agouros resultam em seu desaparecimento como algo válido ou legítimo e reaparece como negatividade, seja pela qualidade de “agourento”, para designar certas práticas dentro da própria comunidade, pudemos observar quanto a prática de *lembrar Jesus*, seja pelo ato da palavra “agourar”, que implica em tornar presente ou atrair qualquer infortúnio.

Assim, verifiquei que, devido essas investidas, outros termos nativos surgem para dar conta daquilo que classificamos a priori como agouros, permanecendo, no entanto, o seu conteúdo. Assim, passamos a tratar, não mais dos agouros, e sim da noção atualizada: a experiência dos “avisos”. Estes, podem informar não somente uma morte próxima, mas também regras e valores sociais, ao mesmo tempo que demandam uma ação simbólica e reflexiva dos sujeitos. Dessa forma, os “avisos”, juntamente com as relações de reciprocidade, compõem um sistema de comunicação *com* os mortos e *sobre* a morte. Como produto das relações compreendidas nesse sistema, foi possível observar na comunidade a existência de um repertório de imagens que diz à morte e aos mortos. Porém, como essas imagens são construídas a partir de vários tipos de percepções, que não só a visão, chamei o conteúdo desse repertório de “imagens-afeto”, as quais, uma vez vividas, elaboradas e compartilhadas, tomam a forma de sonhos, visões, sinais e pressentimentos, e através dos quais é possível gerenciar as angústias decorrentes da certeza da morte diante da sua imprevisibilidade.

Assim, os agouros podem ser descritos como eventos que predizem a morte própria ou de outrem, conectando os vivos a um tempo futuro, escatológico. Porém, a partir do que foi apresentado, os *agouros* também fazem agir os vivos, que não estão passíveis de sua sorte. Perfazem, então, a morte através dos corpos e das percepções, seja dos vivos ou dos mortos (e ritualizá-los acaba sendo uma dessas agências perante o desconhecido ou o inevitável). Os *avisos*, como parte do repertório de *imagens-afeto* participam da elaboração do luto e da memória dos mortos. Dessa forma, existe uma sabedoria fundamental que não seria possível sem a ação simbólica e reflexiva dos indivíduos em comunidade, que é o fato de que as “coisas” (seres, objetos e eventos a eles relacionados, como os *avisos*) ensinam, mas antes, se faz necessário um “prestar atenção” específico a elas. Prestar atenção, assim, me parece mais do que uma expressão. Então, busquei explorar nessa inter-relação entre morte, mortos e imagens-afeto na cosmologia católica do povoado de Pelo Sinal, sobressai a percepção de que existe um saber fundamental à vida que não seria possível sem a ação simbólica e reflexiva dos diferentes sujeitos em comunidade, que é o fato de que as “coisas” (seres, objetos e eventos a eles relacionados) ensinam, mas se faz necessário, antes, um “prestar atenção” a elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Ralph M. A dança em cima do túmulo: o imaginário da morte enquanto fenômeno cultural. Revista *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 12, volume 19(2):137-156, 2008.
- BITOL, Michel. Medo da morte e experiência do tempo. Tradução de Patrícia Kauark-leite. Rev. *UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 20-35, jan./dez. 2016.
- CASCUDO, Câmara. *Superstições no Brasil*. São Paulo: Global, 2015.
- _____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro. 10ª Edição, 2005.
- CASTRO, Viveiros de Castro. O medo dos outros. *Revista de Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, 2012.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Concílio Vaticano II. Rio de Janeiro: Vozes/Loyola, 1993.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 147, p. 69-78, Out-Dez, 2001.
- CIOCCARI, Marta. Intercâmbio entre vivos e mortos numa cidade industrial. *Habitus*. Goiânia, v. 10, n. 2, p. 263-282, jul./dez. 2012.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição Rio de Janeiro, 1997.
- DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 163-176, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- INÁCIO FILHO, José. Fatos, Cultos e Lendas do Acre. In: *Revista Brasileira do Folclore*, Rio de Janeiro, 1964.
- KUPER, Adam. *A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito*. Recife: Editora Universitária, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, nº 15, Porto Alegre, agosto, 2001.
- MAIOR, Mário Souto. Morte na fala do povo. *Revista Brasileira do Folclore*, mai-ago, 1973.
- MARIN, Jérri Roberto. *Circunscrições eclesiais católicas no Brasil* [recurso eletrônico]: articulações entre igreja, Estado e sociedade / organizador. Campo Grande: UFMS, 2021.
- MAUSS, Marcel. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.
- MOREIRA, G. *Sertões Contemporâneos: Rupturas e continuidades*. Salvador: EdUFBA/EdUneb, 2018.
- PEIRANO, Mariza. *A análise antropológica de rituais*. In: O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Imaginário, cultura e comunicação. *Labirinto*, ano IV, nº 6, Jan-Dez, 2004.

PIRES, Flávia. Quem tem medo de mal-assombro? *Etnográfica*, v. 13, n. 2, p. 291-312, nov. 2009. URL: <https://journals.openedition.org/etnografica/1321>. DOI: 10.4000/etnografica.1321

REESINK, Mísia Lins. Reflexividade Nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados. *MANA*, v. 16, n. 1, p. 51-177, abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000100007>.

_____. Por uma perspectiva concêntrica do catolicismo brasileiro. *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 17, v. 24, n. 2, 2013.

_____. Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. *Etnográfica [Online]*, vol. 16, n. 2, p. 365-386, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1535>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1535>

_____. “Rogai por nós”: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 29-57, 2009.

_____. Para uma antropologia do milagre: Nossa Senhora, seus devotos e o Regime de Milagre. *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n. 44, p. 267-280, Maio/Ago. 2005.

ROSALDO, Michele Zimbalist. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, dez., 2019.

SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. *Avá Revista de Antropologia*. n. 17, Universidad Nacional de Misiones, Argentina, 2010.

SILVA, Eduardo Duarte. O pensamento por imagens: a aurora das experiências estéticas do Homo Sapiens. n. 43, Ano XXII, jan./jun., 2019.

SILVA, Verone Cristina. Fazendo compadre: relações de compadrio entre o povo indígena chiquitano. *Etnográfica*, v. 21, n. 3, p. 599-612, 2017.

TEIXEIRA, Fausto. Tabus Alimentares. In: *Revista Brasileira do Folclore*, n. 30, mai-ago, 1971.

VICENTE DA SILVA, Andreia. Os ‘ritos possíveis’ de morte em tempos de coronavírus. Dilemas: *Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Rio de Janeiro, p. 1-12, 2020.

_____. *O corpo do morto contamina? O direito aos ritos funerários e o controle da pandemia no Brasil*. Boletim extraordinário CAAF/Unifesp de enfrentamento da covid-19. v. n. especial, 2020.

VIDAL E SOUZA, Candice Vidal e. 1997. A Pátria Geográfica. Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro. Goiânia: Editora UFG. 171 pp.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste. São Paulo/Brasília: Hucitec, 1995.

_____. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do atlântico. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000.

_____. A árvore da memória. *Anuário Antropológico/92*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.